



COMO ME LIBERTEI DO ALCOOLISMO **Juiz Bill C.**

EDIÇÕES PAULINAS/REINDAL

Titulo original:

The Agony of Alcoholism and How I Overcame It

© Exposition Press, Inc., Hicksville, New York

EUA, 1979.

Tradução

Maria Guiomar Goulart Penteado

Revisão

João Caio Goulart Penteado

Capa

C. Facchin

REINDAL – Recuperação Integral do Doente Alcoólatra

Caixa Postal 20.896

CEP 01498 - São Paulo, SP – Brasil Telefone: (011) 520-9514

@ Edições Paulinas/REINDAL – São Paulo, 1984

AGRADECIMENTO



Este livro foi escrito por gratidão – a gratidão de um homem por

tudo que aprendeu e recebeu da Alcoólicos Anônimos.

Nós, que publicamos o livro em português, também estamos gratos: ao juiz Bill, por autorizar-nos a distribuir seu livro em língua portuguesa; a Guiomar Goulart Penteado, por traduzi-lo, e a seu marido, Jabá, por revisá-lo; a Riselda Oliveira Pereira que, com tanto carinho, datilografou-o; e a Edições Paulinas por publicá-lo e distribuí-lo. Deus queira que seus esforços ajudem milhares de alcoólatras e suas famílias.

Sonia e Donald
Chácara Reindal

NOTA DOS TRADUTORES

O livro é muito bonito, um dos mais bonitos que já lemos. Mas, talvez por isso mesmo, revelou-se bastante difícil em termos de tradução.

O estilo do autor, agradavelmente leve, singelo e coloquial, manifesta-se, com frequência, em expressões e construções características, típicas, não raro sem correspondente fiel em nosso idioma. Suas constantes repetições de palavras e frases, de forma a enfatizar determinada idéia, também são pouco usadas em língua portuguesa, embora perfeitamente apropriadas no texto original.

Por isso, na versão em português surgem, às vezes, palavras e expressões de emprego até inusitado. É que nos pareceu mais adequado e até honesto sacrificar, de certo modo, o estilo da tradução em benefício do estilo do autor. Não quisemos, e nem poderíamos, correr o risco de mutilar a obra pela mutilação do estilo de seu autor. Entre este e o risco de prejudicar a correção da tradução, preferimos o segundo. E esperamos, de todo coração, que isso tenha sido acertado no que diz respeito à transmissão dos sentimentos, alegres e tristes, de angústia e esperança, contidos na obra original, e à potencialidade de absorção de seu tema principal: o alcoolismo como doença refratável e não, necessariamente, fatal. Do tema, afinal de contas, temos obrigação de entender mais do que como advogados e cônjuges, pois ambos temos convivido com ele por longos anos.

Esperamos, também, que seja alcançado o único objetivo que nos levou a tentar este trabalho: tornar acessíveis, também àqueles não versados na língua inglesa, a maravilhosa história, as magníficas experiências, as tocantes

considerações e a contagiante força desse homem que foi ao inferno e voltou. Todos os nomes de pessoas mencionadas neste livro, salvo aqueles de personagens históricas, são fictícios, e qualquer semelhança com nomes de pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Na tradução em língua portuguesa, todos os nomes, exceto os da família do autor, foram substituídos por nomes mais ou menos semelhantes.

OS DOZE PASSOS SUGERIDOS PELA ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

1 – Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

2 – Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

4 – Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.

5 – Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas.

6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7 – Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

8 – Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

9 – Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.

10 – Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11 – Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólatras e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Reproduzido com a permissão de AA World Services, Inc., Nova York.

1

Tenho dedicado uma longa e ativa vida a uma ocupação que exige que eu tente convencer pessoas da verdade a ser encontrada a partir de determinada evidência. Quando este livro chegar às mãos dos editores, terei vivido meio século como advogado militante. A função de um advogado militante é obter de um júri um veredicto atestando a verdade da evidência. Ao lembrar os anos passados, reconheço ter enfrentado muitas evidências difíceis para delas extrair a verdade mas, no geral, acredito ter sido bem-sucedido.

Agora, depois de 50 anos em tal atividade, estou tentando a mais difícil tarefa de minha vida. Trata-se de convencer pessoas de que alguém não é, completa e inteiramente, insano quando afirma que é feliz por ser um alcoólatra. Minha tarefa é mais difícil no tocante a este assunto do que no julgamento de um caso litigioso, já que no julgamento de uma ação o advogado é, com razoável sucesso, capaz de eliminar mal-entendidos e preconceitos daqueles a quem está tentando convencer. Aqui, embora todas as pessoas que estou procurando alcançar, carreguem preconceitos e mal-entendidos em relação ao alcoolismo, não nos encontramos em um tribunal de júri.

O alcoolismo é, sem dúvida alguma, a mais mal interpretada e mal compreendida doença em todo o mundo. É a única doença da qual homens e mulheres sofrem e cuja natureza é tal que ela convence essas mesmas pessoas de que não estão doentes. É exatamente por isso que tem causado mais problemas, mais sofrimento, mais miséria do que qualquer outra doença da qual a humanidade já tenha sofrido. Jamais existiu uma só pessoa que, tendo vivido neste mundo, quisesse ser alcoólatra. Portanto, a afirmação de que me considero feliz por ser um alcoólatra é repugnante às idéias, à concepção que todos têm do alcoolismo.

O mundo está cheio de alcoólatras. Ninguém sabe quantos. Eles levam vidas horríveis, miseráveis, terríveis. Nem um só deles sabe que é um alcoólatra. A idéia de ser alcoólatra é tão repugnante para eles que se recusam até mesmo a ouvir falar sobre o problema, ou pelo menos, a ouvir falar de que são doentes alcoólatras.

Antes que qualquer pessoa possa determinar se é ou não qualquer coisa, ela tem de conhecer a definição do que seja essa "qualquer coisa". Há, provavelmente, tantas definições do que seja um alcoólatra quantos alcoólatras existem. Estranhamente, a única definição que todos aceitamos é aquela que nos exclui da própria definição. A definição predominante de um alcoólatra é a da pessoa que bebe álcool em grande quantidade, por muito tempo e muito freqüentemente. Essa não é uma boa definição. Deixem-me propor-lhes a minha definição: um alcoólatra é a pessoa que nunca em sua vida, mesmo antes de tomar seu primeiro gole, aprendeu como viver e como desfrutar a vida. Ele tem as mesmas esperanças, os mesmos sonhos, as mesmas aspirações que qualquer pessoa normal. Ele quer ser feliz. Quer gozar a vida, quer ser aceito, quer amar e ser amado. Porém, não importando quanta instrução, quanta inteligência ou quanta formação religiosa tenha adquirido, não interessando o quanto tenha lutado por todas essas coisas pelas quais todo ser humano luta, jamais terá sido capaz de atingir o que procura. Talvez ele tenha amadurecido intelectualmente. Talvez tenha recebido grandes honrarias, que lhe foram conferidas por sua instrução. Ele pode ter recebido todos os tipos de diplomas. Pode se ter formado em grandes universidades. Mas, emocionalmente, continua a reagir como uma criança. Reage aos fatos da vida sem levar em conta sua inteligência, do mesmo modo como reagia quando era apenas uma criança.

Um dia, em sua vida – talvez isso tenha ocorrido aos 5 ou 6 anos, talvez aos 15, talvez não antes dos 65 ou 70 anos – ele, pela primeira vez, introduz o álcool em seu organismo e uma coisa muito estranha acontece. Sua reação a esse álcool, em seu sistema, o engana a ponto de levá-lo a crer que, finalmente, encontrou a

felicidade. Uma sensação de euforia existencial toma conta dele. (Para mim, isso ocorreu aos 23 anos, e achei que a sensação era como a do elixir da vida.)

Ele pode não apreciar o gosto do álcool - na verdade, muitos alcoólatras não gostam do sabor do álcool -, mas se encanta com o que o álcool faz para ele. Agora, ele não é mais diferente das outras pessoas. Agora é, finalmente, o centro das atenções. Agora, pode cantar; agora, pode dançar; agora, pode contar histórias engraçadas; agora, os outros riem com ele. Ele encontrou o elixir da vida. Tendo encontrado o que pensava estar buscando por toda sua vida, ele decide desfrutar disso e continua, em todas as ocasiões, a usar do álcool, mais e mais, até dele tornar-se dependente. (Ele não sabe, mas já se tornara psicologicamente dependente anos antes de se tornar fisicamente dependente.) Na maioria dos casos, tal indivíduo chega ao ponto em que todos, com exceção dele próprio, são capazes de reconhecer nele um alcoólatra.

Com essa definição em mente, deixem-me agora passar a contar a história de minha vida.

Eu tive, pela primeira vez, o vislumbre de que era um alcoólatra aos 55 anos, depois de ter sido considerado morto por causa de uma convulsão alcoólica. O médico que, incorretamente, diagnosticou minha morte, também incorretamente diagnosticou a causa da minha morte. Seu diagnóstico declarava que eu tinha tido uma parada cardíaca. Alguma coisa me dizia que isso não estava correto e, pela graça de Deus, fui à minha primeira reunião da AA, a mais de 300 quilômetros de minha casa. Como juiz de direito de meu condado, eu sentia vergonha de me ver envolvido com o tipo de gente que eu pensava constituir os alcoólatras. Por alguns dos anos seguintes, eu acreditava que só vim a ter problema real com o álcool nos últimos dois ou três anos de minha vida; agora, porém, que conheço a definição do alcoolismo, devo começar a história de minha vida não pelos dois ou três últimos anos de meu alcoolismo, mas pela minha mais tenra infância.

Cresci em uma família católica irlandesa, muito devota. Fui "coroinha" e ficava impressionado com toda aquela cerimônia, com todo aquele respeito, com toda aquela honra e dignidade das quais os padres eram cercados. Eu tinha as mesmas esperanças, sonhos, metas, ambições e aspirações de qualquer criança. Queria receber uma boa instrução. Queria ter uma profissão e, naturalmente, presumia que a profissão que merecia o maior respeito era o sacerdócio. Certo dia, um tio visitou-me e me perguntou o que eu iria ser quando crescesse. Disse-lhe que iria ser padre e que, algum dia, eu me tornaria papa. Bem, meu tio disse-me que essa era realmente uma profissão maravilhosa, mas acrescentou que eu nunca chegaria a papa. Quando eu lhe perguntei por que, ele respondeu que eu teria de ser italiano para tornar-me papa.

Ali mesmo, naquele exato momento, aos 7, 8, ou 9 anos de idade, desisti do sacerdócio. Sei, agora, que aquele foi o primeiro sinal claro de que com 7, 8, ou 9 anos, eu era um alcoólatra em potencial, porque todos os alcoólatras são pessoas imaturas - voltadas para si mesmas, arrogantes, egoístas. Ou somos sempre o capitão do time, ou não jogamos. Não nos interessam os segundos prêmios. Eu queria também ficar rico, ter uma bonita casa e desfrutar de todas as boas coisas da vida. Ser honrado, ser respeitado, relacionar-me somente com a chamada

aristocracia: esses eram os meus sonhos, os meus desejos. E eu consegui todas essas coisas.

Mas, vejam, eu era um alcoólatra. E eu não sabia que era um alcoólatra. Não sabia que sofria de uma doença que é tríplice: uma doença física, uma doença mental e uma doença espiritual. Porque eu era um alcoólatra, não sabia que tinha qualquer dessas doenças e, assim, aconteceu-me a mesma coisa que ocorre com qualquer pessoa deste mundo que é alcoólatra. Um alcoólatra é uma pessoa que sofre de uma doença progressiva. É uma doença que sempre termina com a morte e, todos os dias de sua vida, esteja ele bebendo ou não, progride e se torna pior. A mesma coisa aconteceu comigo. Cheguei ao ponto de não mais querer viver. Eu queria morrer.

Procurei todo tipo de ajuda, toda espécie de auxílio profissional. Conversei com o clero. Conversei com psiquiatras. Lembro-me de ter, certa vez, gastado vários milhares de dólares em consultas com um psiquiatra, até que eu disse a ele: "Quer saber de uma coisa? Eu acho que estou louco". O psiquiatra retrucou: "O que o faz pensar que está louco?". Eu disse: "Eu estou louco porque tenho tudo no mundo para viver e quero morrer". Depois de muitas consultas, ele garantiu-me que sabia o que estava errado comigo: "Você não é louco. Se fosse louco, você não iria pensar que era louco. Pessoas desequilibradas nunca acham que são desequilibradas".

E ele prosseguiu: "Você é como Napoleão. Você não tem mais mundos para conquistar. Você queria ser advogado, um bom advogado, e você se tornou advogado e um dos bons. Você queria ser juiz, um bom juiz, e você se tornou juiz e um dos bons. Você queria ser rico e morar numa mansão. Você conseguiu todas essas coisas. E agora você não tem mais mundos para conquistar. Você não é um alcoólatra. Você pode beber com moderação".

Nunca vou esquecer aquele dia. Não via a hora de chegar em casa para dizer à minha esposa que eu não era um alcoólatra e o que o psiquiatra me havia dito. Minha esposa disse: "Bem, ele deve ser doido".

Ele dissera: "O que você precisa fazer é arranjar um 'hobby'". Pois bem, eu tentei todos os tipos de "hobbies" e, é claro, continuei a beber e continuei a progredir na bebida até que eu morri. E então eu cheguei à AA.

Só que o pessoal da AA deu-me um conselho completamente diferente do que havia recebido do psiquiatra. O pessoal da AA disse: "Você é louco. Você nunca aprendeu a lidar com a vida. Você nunca aprendeu a viver". Disseram: "Você não tem coisa alguma neste mundo pela qual viver. É verdade que você conseguiu ganhar muito dinheiro, conseguiu muita honraria e muito respeito dos outros. Você mora numa casa grande, tem uma mansão, carros e empregados, mas não tem as coisas realmente importantes na vida. Você não tem coisa alguma na vida que seja realmente válida. Você não tem respeito próprio, não tem paz de espírito, não tem humildade, não tem um Deus em quem possa confiar. Você não tem um Deus que seja amigo. Você não sabe como viver, não sabe como amar. Você não sabe como compartilhar a vida com as pessoas. Não tem amigos próximos, íntimos, porque um amigo é alguém que sabe tudo sobre você e, ainda assim, o ama. Você jamais permitiu a alguém, neste mundo, saber tudo sobre

você". Eles me asseguraram que eu tinha, sim, um mundo a conquistar, o maior de todos: aquele que conquista a si mesmo é maior do que aquele que conquista uma cidade.

Foram necessários muitos anos de participação e muitas, muitas reuniões na AA para que eu entendesse o que eles me haviam dito. Mas, agora que entendo, não falo mais que só vim a ter problema com o álcool nos últimos dois ou três anos. Agora, para poder contar minha história, tenho de voltar bem atrás, à minha infância.

Quando menino, eu era muito doente. Sofria de gânglios tuberculosos. Pelo fato de ser muito doente, tendo de me sujeitar a várias operações para remover tais gânglios, meus pais pensavam que eu jamais viveria até a idade adulta. Como resultado, tomei-me um pequeno rei. Aprendi, muito cedo em minha infância, que para satisfazer meus desejos, fazer as coisas que eu queria fazer, ser rei de todos os que eu supervisionava, bastava armar uma cena. Eu me atirava no chão. Chutava, gritava e mordia minhas mãos. E, como meus pais temiam que eu morresse, eles se rendiam a mim – não importava o que eu desejasse.

Hoje, sei que tive uma infância muito solitária. Eu não era como os outros meninos. Não podia participar de jogos. Não podia competir com outros garotos.

No Grande Livro da Alcoólicos Anônimos, é feita uma colocação definitiva sobre quem pode e quem não pode recuperar-se do alcoolismo. A afirmação é esta: "Os que não se recuperam é porque não podem ou não querem ser honestos consigo mesmos". Tomar-se honesto consigo próprio é, sem qualquer dúvida, a coisa mais difícil que qualquer indivíduo, alcoólatra ou não, já tentou fazer.

A primeira vista, parece tão ridículo ser desonesto consigo próprio que nunca, ao menos, paramos para pensar se isso seria possível ou não. A verdade é que pouca gente neste mundo é sempre honesta consigo própria. Nos meus 50 anos de exercício da advocacia, tive oportunidade de conhecer intimamente a vida de milhares de pessoas, de todas as posições sociais e com todos os graus de inteligência. É muito raro encontrar uma pessoa que seja absolutamente honesta consigo mesma. As únicas pessoas que conheci que se tornaram honestas consigo próprias foram aquelas que assim agiram depois de terem alcançado o ponto de absoluto desespero. Auto-honestidade parece ter suas raízes no solo do desespero.

Agora que me tomei honesto comigo mesmo, percebo que minha visão sobre minha infância tornou-se completamente diferente do que era antes. Se alguém me perguntasse, durante o tempo em que eu bebia, que tipo de infância eu tivera, diria que tivera uma infância maravilhosa. Que eu tivera pais bondosos e amorosos; que eles me davam tudo; que eles satisfaziam todas as minhas necessidades; que eles me deram uma boa educação. Eu tive uma boa formação religiosa.

Mas, agora que repasso minha vida com algum grau de honestidade própria, tenho uma impressão completamente diferente de minha infância. Eu era uma criança arrogante, egoísta e voltada para si mesma. Quando criança, meus pais deram-me tudo o que eu queria. Eles atendiam prontamente a todos os meus desejos porque eu era uma criança doente. Eles tinham receio que eu não chegasse à idade adulta. Eles temiam que, se não atendessem a cada pedido meu e ao meu conforto, eu morreria. E, portanto, tornei-me cada vez mais egocêntrico.

A pessoa normal amadurece sob três aspectos. Ela amadurece fisicamente, amadurece intelectualmente e amadurece emocionalmente. Eu amadureci em somente dois aspectos. Eu amadureci fisicamente e intelectualmente. Mas, com 50 anos, emocionalmente permaneci como se tivesse 4 ou 5 anos de idade. Eu tinha as mesmas reações emocionais, imaturas, aos acontecimentos da vida, às pessoas que me rodeavam, ao mundo no qual eu vivia.

Eu estava todo voltado, emocionalmente, para mim mesmo. Como todas as outras pessoas com as mesmas características de personalidade, eu vivia uma vida muito só, muito infeliz e muito triste. A pessoa voltada exclusivamente para si própria não tem amigos, porque ela não pode igualar-se a ninguém. Não há ninguém exatamente como ela. Todos os indivíduos voltados para si próprios são grandes solitários. Eles andam pela vida toda sempre sós. Olham através das janelas e vêem pessoas que estão dançando, alegres e felizes, mas eles estão do lado de fora, apenas olhando para dentro, porque não são como as outras pessoas. Uma das primeiras coisas que todo alcoólatra que tenho tentado ajudar diz é: "Bem, você sabe, eu sou diferente". O pessoal que fabrica o fortificante Geritol tem um excelente "slogan". É algo assim como: "Quando se tem saúde, tem-se quase tudo". Eu acredito nisso, mas eu mudaria as palavras "quase tudo" para "tudo". Porque o homem é o ser total: ele é parcialmente físico, parcialmente mental e parcialmente espiritual. Para ser sadio, o homem tem de ter saúde física, saúde mental e saúde emocional e espiritual. Sem saúde física, sem saúde mental, ele não é completamente são. Se ele tem saúde física e mental, mas não tem saúde espiritual, é apenas dois terços de um ser. Para ser completamente saudável, é preciso ser saudável em todos os três aspectos. Pouquíssima gente o é.

Uma das muitas razões por que eu me considero feliz por ser um alcoólatra é que, por ser alcoólatra, e somente por ser alcoólatra, tenho obtido, por meio da minha filiação à AA, um grau de saúde razoável em todos os três aspectos. Sei que nunca teria ganhado saúde mental e emocional se eu não me tivesse tornado dependente do álcool e não tivesse sido levado, contra minha vontade, a ouvir pessoas que recuperaram sua saúde física, mental e emocional. Fiz isso por me tornar, contra meu desejo, um membro da grande organização que tem ajudado mais pessoas do que qualquer outra organização neste mundo – uma organização chamada Alcoólicos Anônimos.

2

Deixe-me agora dar-lhes uma rápida visão de minha infância, de minhas reações aos acontecimentos da infância. Um dia, eu e um vizinho, um menino de minha idade, fomos ao pomar de um fazendeiro roubar maçãs. O fazendeiro, que era um grande amigo meu, deixava-me ajudá-lo em sua fazenda. Ele me havia ensinado a ordenhar vacas e me deixava ajudá-o em época de colheita. Enquanto meu companheiro e eu estávamos roubando suas maçãs, o fazendeiro chegou ao pomar em sua carroça. Ele nos viu roubando as maçãs e saltou da carroça. Trazia um grande chicote em sua mão e começou a nos perseguir. Ficamos apavorados.

8

Nós o imaginamos dando-nos terríveis chicotadas. Então corremos e, para sair da fazenda, tivemos de atravessar um riacho.

Era outono e estava frio. Ficamos ensoçados e voltamos para casa molhados e tremendo de frio. Nossas mães nos castigaram e nos puseram na cama. Qual foi nossa reação emocional a esse acontecimento? Ambos sentimos um grande ressentimento contra o fazendeiro. Intellectualmente, acho que ambos sabíamos que o fazendeiro tinha o direito de nos expulsar de sua fazenda. O fazendeiro não tinha feito coisa alguma de errado. Nós éramos os culpados, mas nos culpamos? Não, culpamos o fazendeiro. Foi o fazendeiro o responsável por termos ficado ensoçados e termos pegado um resfriado. Foi por culpa do fazendeiro que nós apanhamos. Foi por culpa dele que fomos para a cama, e foi o fazendeiro o causador de todas as dificuldades e de todo o sofrimento que tinha resultado de nosso erro.

Portanto, o que é que faz um indivíduo voltado para si mesmo, um indivíduo emocionalmente imaturo, quando alguém lhe causa algum dissabor? O indivíduo voltado para si mesmo, o rei, o que não faz nada errado? Quando um dos súditos do rei o desagrada, precisa ser punido. Uma das expressões favoritas das pessoas voltadas para si próprias, das pessoas imaturas, é: "Eu vou acertar as contas com ele". Meu amigo Jaime e eu (a propósito, Jaime também se tornou um alcoólatra e, muitos anos mais tarde, terminou sua vida como muitos alcoólatras o fazem: cometendo suicídio) guardamos esse ressentimento durante todo o inverno, e todas as vezes em que nos encontrávamos, conversávamos sobre acertar contas com o fazendeiro.

Quando a primavera chegou, o fazendeiro colocou baldes para recolher a seiva dos bordos * (O bordo é uma árvore típica da América do Norte. Dela se extrai uma seiva bastante açucarada e sua madeira é muito apreciada em marcenaria. (Nota do Revisor.) em sua fazenda. Ah! aqueles baldes de seiva! Nosso intelecto contounos que aquela era a nossa chance de acertar contas com o fazendeiro. Portanto, maquinadores e planejadores como todos nós somos, idealizamos o plano perfeito. Tramamos um plano perfeito para ficarmos quites. Decidimos que uma noite nós não iríamos ao banheiro antes de ir para a cama. Iríamos beber bastante água antes de deitar e, mesmo que tivéssemos a maior vontade de urinar, iríamos suportar até o amanhecer e então nos encontraríamos antes de o sol nascer. Não preciso contar a vocês o que fizemos, mas ficamos quites com o fazendeiro.

Tínhamos somente 7 ou 8 anos quando isso aconteceu. Há, sem dúvida, centenas de outros garotos que tiveram a mesma reação diante de acontecimentos semelhantes na vida e que puseram em prática as mesmas maquinações e brincadeiras de mau gosto. Mas o problema com Jaime e eu foi que jamais crescemos emocionalmente. Com 20, 30, 40 e 50 anos de idade, tínhamos diante da vida a mesma reação emocional que teríamos se tivéssemos 7 ou 8 anos. Durante toda a nossa vida, sempre culpamos alguma outra pessoa por todos os nossos problemas e dificuldades.

Mas eu não bebia na infância. Eu não bebia até o último ano da Faculdade de Direito. Havia muitas razões para que eu não bebesse. Em primeiro lugar,

minha infância coincidiu com os dias logo anteriores à Proibição (Lei Seca). A campanha pela abstinência tinha feito grandes progressos antes de a Proibição ser decretada. Eu não consigo me lembrar de uma só pessoa em meu colégio que bebesse. Se em minha adolescência um jovem fosse a um baile e estivesse cheirando a bebida, nenhuma moça decente aceitaria dançar com ele. A outra razão pela qual eu não bebia era que a família de minha mãe tivera um pequeno problema com o álcool.

Alcoolismo é uma doença tão mal compreendida que, mesmo hoje em dia, as famílias dos alcoólatras a escondem, a encobrem. Estou escrevendo este livro com a esperança de que essa doença seja melhor entendida e de que as pessoas parem de esconder, encobrir e proteger o alcoólatra, porque a única maneira pela qual se pode esperar que uma doença seja superada é compreendendo-a e trazendo-a à tona.

Eu soube, muitos anos antes de minha mãe morrer, que o "pequeno" problema que a família dela tinha tido com o alcoolismo era que dois de seus irmãos e uma de suas irmãs morreram por causa do alcoolismo. Ela me advertiu durante toda a minha infância para nunca tocar naquela droga. "Álcool", ela dizia, "é veneno para o povo irlandês. Os irlandeses não podem lidar com ele." Assim, ela apavorava-me com relação ao álcool. Uma das coisas que aprendi na AA é que não se consegue assustar um alcoólatra. Muitos anos mais tarde, depois que me tornei dependente do álcool, depois que comecei a ter todos os problemas que os alcoólatras têm, nem uma só vez imaginei que eu fosse um alcoólatra. Mas eu sabia que era irlandês e que minha mãe estava certa. Eu sabia que os irlandeses eram amaldiçoados. E cheguei ao ponto de odiar o fato de ser irlandês. E, conhecendo os irlandeses como hoje os conheço, quando um irlandês odeia o fato de ser irlandês, ele realmente tem um problema.

Em meu último ano na Faculdade de Direito, a Proibição estava florescendo a todo pano. Nada do que já aconteceu neste mundo provocou mais danos para a causa da abstinência do que o movimento da Proibição. Há uma coisa que neste mundo não se pode fazer para o indivíduo que é voltado para si mesmo, o cidadão que se considera rei: é dizer-lhe que ele não pode fazer alguma coisa. Essa é uma das razões por que, nos Doze Passos da Alcoólicos Anônimos, os passos para a recuperação não são chamados ordens; não são chamados obrigações; eles são chamados *sugestões*. Porque se há alguma coisa certa sobre o alcoólatra é que não se pode dizer-lhe que ele deve fazer alguma coisa.

Assim, a Proibição apareceu e, imediatamente, todos começaram a beber. As adolescentes não eram mais como as moças com as quais eu tinha crescido, que não dançariam com você se você cheirasse a álcool. As adolescentes iam a bailes somente com rapazes que tivessem uma garrafa de aguardente feita em casa, escondida na algibeira. Eu vivia em uma comunidade irlandesa. Todos os rapazes irlandeses saíam nas noites de sábado e domingo. Eles freqüentavam os bares e voltavam para casa rindo, felizes e alegres, e eu lá ficava, totalmente sozinho. Eles torciam o nariz para mim. Eu era o filhinho da mamãe. Era um afeminado. "Sua mãe lhe disse para não beber."

Hoje, sei que não sou diferente de qualquer outra criança que já tenha nascido. Quando Deus criou os seres humanos, incutiu-lhes certos desejos e certas necessidades. Há a necessidade de comida e de proteção. Há a necessidade de beber. Há a necessidade de sexo. Mas há uma necessidade ainda maior: a de ser amado e de amar. Há a necessidade de ser entendido. Há a necessidade de ser como qualquer outro membro da espécie humana. Eu ansiava por tudo isso, talvez mais do que uma criança não-alcoólatra, e justamente por causa dessa sofreguidão eu não podia mais suportar a ansiedade. Eu queria ser feliz e queria ser alegre. Queria ter amigos. Queria ser popular. Queria ser a vida da festa, e eu não era. E queria tanto ser como qualquer outro rapaz em minha classe. Então, eu me entreguei.

Um sábado à noite, fui com os rapazes ao botequim. Nunca vou esquecer aquela noite, porque algo muito importante – algo que transformaria toda a minha vida – ocorreu naquela noite. Não me recordo muito bem do que foi. Não acredito que me tenha embriagado. Isto é, não cheguei a cair de bêbado. Não acordei na manhã seguinte com ressaca. Não tive tremores. Não tive náuseas secas. Mas alguma coisa aconteceu comigo. *Eu gostei do que o álcool fez para mim.*

O álcool modificou minha reação emocional para com as pessoas. Alterou minha reação emocional para *comigo mesmo*. Ele mudou minha reação emocional para com a vida. Naquela noite, encontrei o que chamei, por muitos anos, de o elixir da vida. Naquela noite, eu descobri quão errada minha mãe tinha sido sobre as bebidas alcoólicas e os irlandeses. Ora, a canção "Quando Olhos Irlandeses Estão Sorrindo" apenas promete alegria e felicidade como nunca vistas quando um irlandês está meio bêbado.

Agora eu não era mais o filhinho da mamãe. Agora não era mais um afeminado. Agora eu era um macho. Agora eu não estava mais do lado de fora, com meu nariz colado à vidraça olhando as pessoas dançando e cantando, felizes e contentes. Agora eu era parte da glória e da felicidade da vida. Este fato aconteceu quando eu tinha 23 anos. Não foi senão depois que eu tinha 50, e participava da AA, que descobri o que tinha acontecido comigo naquela noite.

No Grande Livro da Alcoólicos Anônimos, o alcoolismo é descrito como uma dependência física *aliada* a uma obsessão mental. Uma obsessão é a crença em alguma coisa que está completamente errada mas que nenhum acontecimento, nenhuma conversa, nenhuma pregação pode mudar. Naquela noite, eu senti o começo de uma obsessão. A obsessão era a de que, se alguém quer aproveitar a vida, se quer desfrutar de bons momentos, se quer ser como as outras pessoas, então tem de beber.

Assim, com essa obsessão, formei-me advogado, casei-me, mudei-me para uma pequena cidade do interior e abri um escritório de advocacia.. Agora eu sabia como ser como as outras pessoas. Agora sabia como ser estimado. Agora sabia como ser o centro das atenções. Era só beber. Eu ia a todas as comemorações importantes. Convidava pessoas para virem à minha casa e lhes oferecia drinques. Eu me juntava a toda organização que propiciasse um bar. Envolvi-me em política. Comparecia a todas as comemorações que os políticos promoviam e aquela

obsessão cresceu, cresceu e eu, imediatamente, tomei-me um advogado bem-sucedido e com muito trabalho.

Não demorou muito até eu concluir que as pessoas que valiam alguma coisa neste mundo eram apenas as pessoas que bebiam. Comecei a não gostar das pessoas que não bebiam. Se ia a uma festa em uma casa onde não me oferecessem um trago, eu dizia para a minha mulher, na volta para casa: "Não gosto desse pessoal. Nunca mais voltarei a casa deles". Eu me tomei um advogado do foro. A obsessão acompanhou-me aos tribunais. Eu fazia um estudo da vida das pessoas que deveriam participar como jurados e, se achava que um homem era abstinente e não bebia, eu o desclassificava do júri. Não se pode confiar em alguém que não bebe.

Esta é a razão pela qual o Segundo Passo da Alcoólicos Anônimos é tão importante. O Segundo Passo diz o seguinte: "Viemos a acreditar que um poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade". Certamente, qualquer psiquiatra neste mundo dirá que qualquer pessoa com a mesma obsessão mental que eu tive com respeito ao álcool é um doente mental. O triste é que todo alcoólatra que já passou por esta vida tem a mesma obsessão que eu tinha, mas a parte mais triste disso tudo é que nem uma só dentre centenas de pessoas – mesmo sabendo que se tornou fisicamente intolerante ao álcool, mesmo sabendo que o álcool, arruinou sua vida – admitirá que tem qualquer problema mental. Insistirá em dizer que não o tem.

Sem dúvida alguma, essa é a razão por que os médicos têm tido tão pouco sucesso no tratamento de alcoólatras. Um médico, que é membro da AA, explicou-me isso. Admita-se o caso hipotético de dois pacientes no hospital, em quartos contíguos, ambos sendo tratados pelo mesmo médico. Um dos pacientes, um pintor, sofre de envenenamento por tóxico. Ele trabalhou em um quarto com todas as janelas e portas fechadas. Aspirou o ar da pintura, que é um veneno para o seu organismo, e seu organismo se envenenou. O outro paciente consumiu uma excessiva quantidade de álcool. Ele envenenou seu organismo com o álcool e também sofreu envenenamento por tóxico.

O médico trata de ambos os pacientes da mesma forma. Dá a eles alimentação intravenosa, pois tornaram-se desidratados pelo veneno. Aplica-lhes vitaminas. Faz os pacientes descansarem. Faz com que se alimentem outra vez e os manda embora. Ele lhes diz que estão curados. Ora, na verdade, somente um paciente está curado. O pintor está curado porque o pintor não é um pintor-problema. O alcoólatra, entretanto, não está curado porque o alcoólatra é um bebedor-problema. Ele ainda tem uma obsessão sobre a qual nada foi feito. Enquanto não se livrar da obsessão de que beber é a cura para tudo, continuará escravizado ao álcool.

Agora, graças a Deus, sei por que sofri de alcoolismo por 28 anos. Alcoolismo é uma doença progressiva. Esta é a única coisa que podemos garantir a quem tenha problemas com o álcool. Se você alguma vez já teve problemas com o álcool e continua bebendo, podemos garantir-lhe, por escrito, que vai piorar. Alcoolismo é uma doença progressiva não somente para algumas pessoas, não para muitas pessoas, mas para *todas* as pessoas. E, sem dúvida alguma, foi progressiva

comigo. Pouco tempo depois – o tempo exato não consigo lembrar-me agora – de ter tomado meu trago na Faculdade de Direito, com 23 anos, foi que reconheci que não podia lidar com o álcool.

Durante os primeiros anos, pensei que fosse porque eu bebia muito. Depois, achei que fosse porque bebia o tipo errado de bebida. Tentei e tentei, com todo o empenho, não beber muito, mas eu era incapaz de controlar a quantidade que ingeria. E então passei a seguir todo tipo de conselhos, porque pode-se obter, em qualquer botequim, as mais variadas sugestões sobre como beber como curar ressacas.

Tentei toda espécie de conselho que qualquer um me dava. Mudava de conhaque para uísque, porque me diziam que "scotch" não daria ressaca. Saltei de bebida forte para cerveja, e da cerveja para o vinho. Diziam-me para nunca beber de estômago vazio, e eu nunca o fiz, mas não funcionou. Diziam-me para jamais beber enquanto o sol estivesse à mostra, e por muito tempo eu fiquei sem tomar um drinque antes do pôr-do-sol, mas também não funcionou. Diziam-me para nunca beber quando estivesse zangado, e eu tentei jamais beber quando estava chateado. Mas não funcionou. E diziam-me para nunca beber quando eu estivesse feliz, e eu bem que tentei, mas nem isso funcionou.

Deixem-me contar-lhes sobre uma das muitas vezes em que estive hospitalizado, e hoje sei que era sempre por alcoolismo, embora os registros hospitalares jamais consignassem que eu lá estava por causa do alcoolismo. Médicos não têm o hábito de confinar juizes em hospitais por alcoolismo. O mesmo se aplica a muitas outras profissões. Nesse tempo, eu estava hospitalizado por causa de um colapso circulatório completo, cuja origem era desconhecida. Os médicos locais solicitaram a opinião de um famoso colega, reitor de uma Faculdade de Medicina. Ele viajou muitos quilômetros para me ver. Minha mulher contou-lhe que, na manhã anterior ao colapso circulatório, eu tinha começado a beber pela manhã.

O conselho que esse médico me deu foi o seguinte: "Bem, juiz, toda vez que você sentir vontade de tomar um trago pela manhã, esteja certo de não tomá-lo antes de ter comido algumas bolachas". Esse conselho custou-me várias centenas de dólares de honorários médicos. Quanto custou-me de bolachas eu nem calculo, mas não funcionou.

Bem, depois de muitos anos de doença, privações e toda sorte de problemas, finalmente convenci-me de que não podia mais beber. Tornei-me o que é conhecido como um "bebedor periódico". Tive de chegar à A.A. para descobrir o que é um bebedor periódico. Um bebedor periódico é um bebedor diário assustado. Eu tinha tantos aborrecimentos, tantos problemas, tanto sofrimento, que estava amedrontado. Eu iria parar de beber – e sempre – *para sempre*. Eu prometia a mim mesmo, prometia à minha esposa, prometia a meu Deus que nunca mais beberia uma só gota de álcool. E era sincero. Mas, é claro, eu ainda era prisioneiro daquela obsessão mental e sempre voltava a beber.

Algumas vezes não agüentava duas semanas. Uma vez ou duas agüentei mais de um ano. Mas a obsessão com a qual eu vivia constantemente iria sempre superarme e, mesmo sabendo muito bem o que um trago ocasionaria, eu começava

novamente. Cada vez era pior, naturalmente, como o é com todo indivíduo que tenha perdido sua tolerância ao álcool. Uma vez que se perde a tolerância ao álcool, a pessoa está perdida para sempre.

Gostaria de poder descrever os horrores da vida que vivi. Somente aqueles que passaram por isso poderiam, possivelmente, entender. Esta é a razão por que ninguém, não importa o quanto possa ter estudado o alcoolismo, não importa o quão inteligente seja, não importa quão hábil seja para persuadir, pode ajudar um alcoólatra. Somente outro alcoólatra pode. O grande argumento que todo alcoólatra usa quando alguém fala com ele é: "Oh, você não entende". Esse argumento é perdido quando um alcoólatra conversa com outro.

Portanto, segui odiando a vida, procurando, procurando sempre algum modo de escapar dela. Hoje, agradeço a Deus por minha educação religiosa me haver ensinado que um suicida é condenado ao inferno para sempre. Sem dúvida, hoje, graças à A.A., eu tenho um novo Deus, bom e amoroso, e sei que nenhum ser onipotente poderia ser tão mau a ponto de condenar ao Inferno uma pessoa insana. E sei que qualquer homem que queira morrer é insano. Mas hoje agradeço a Deus, porque minha antiga instrução religiosa fazia-me acreditar nisso durante meus momentos de insanidade. Porque foi isso, e somente isso, que me impediu de cometer suicídio. Mas eu queria morrer e rezava para que morresse.

Entretanto, meu enorme ego, minha arrogância e meu egocentrismo permaneceram comigo durante todo esse período. O alcoólatra é um indivíduo muito estranho 11 complexo – um homem que sabe perfeitamente que não vale nada, mas que quer morrer de forma honrada e decente. Eu costumava rezar para que, alguma manhã depois da missa, após ter confessado e recebido a sagrada comunhão, e estando no que eu então pensava ser o estado de graça, algum caminhão subisse os degraus da igreja e me matasse instantaneamente. Isso faria de mim um herói. Eu teria um grande funeral com três padres no altar. Multidões de pessoas iriam ao meu velório olhar para o caixão e dizer: "Ai jaz um homem excelente e maravilhoso". Mesmo na morte eu seria o grande farsante.

Mas Deus não atendeu às minhas preces daquele modo. Minha concepção de Deus, naquela época, era a de garoto de recados divinos, que atendia imediatamente a cada um dos nossos desejos, exatamente como lhe tivesse sido pedido.

Uma noite, enquanto estava jantando em casa, rodeado por minha família, desabei no chão da cozinha. Eu tinha engolido minha língua; estava espumando pela boca. Uma de minhas filhas atravessou a rua correndo e, arrancando um médico de outro paciente, disse: "Meu pai está morrendo". O médico não conseguia ouvir as batidas de meu coração. Minha pressão sanguínea estava a 20. Ele aconselhou minha família a chamar um padre e também o esquadrão de salvamento. Algumas vezes o esquadrão de salvamento podia reviver, com oxigênio, pessoas em meu estado, ele disse. E disse ainda à minha família que eu seria declarado morto quando chegasse ao hospital.

Três dias mais tarde, fui tirado da tenda de oxigênio para falar com um jovem advogado que eu tinha trazido à nossa cidade para se estabelecer na prática da advocacia. Esse jovem advogado era um alcoólatra que, quando chegou à minha

comunidade, contou-me que tinha sido membro da Alcoólicos Anônimos na cidade de Nova York. Imediatamente eu o adverti no sentido de que, se ele quisesse ter sucesso como advogado em uma comunidade pequena, que se afastasse de quaisquer organizações do tipo da Alcoólicos Anônimos. Ele se afastou da Alcoólicos Anônimos e, como tantos alcoólatras que se afastam da Alcoólicos Anônimos, ele se embriagou, teve problemas muito sérios e, finalmente, retornou à Alcoólicos Anônimos.

Por anos, toda vez que me embriagava, minha mulher o chamava para verme, e eu acabei por odiar aquele sujeito. Ele estava sempre me dizendo que eu era um alcoólatra. Ameacei-o de caçar-lhe as prerrogativas de advogado. Ele havia violado o que a maioria dos membros da Alcoólicos Anônimos sugere: que nunca se diga a alguém que ele é um alcoólatra. Diz-se que ele deve decidir por si próprio se é ou não.

Não concordo com essa orientação. Por que eu iria mentir a uma pessoa, dizendo-lhe que não sei se ela é alcoólatra, quando eu sei? Ninguém quer ser um alcoólatra, assim como eu também nunca o quis. Se alguém, que é alcoólatra e membro da Alcoólicos Anônimos, sugere que não sabe se o outro é ou não um alcoólatra, a média dos indivíduos vai se agarrar a isso como última esperança de que talvez não o seja.

Bem, lá estava eu no hospital. O médico me havia dito que achara que eu estava morto. Que o esquadrão de salvamento me havia trazido de volta à vida. Eu estava tão desesperado quanto um homem poderia estar. Porque, entendam, naquele momento eu soube que não podia beber. Soube que não podia viver sem um trago e também soube que não podia morrer.

Esse jovem advogado alcoólatra disse: "Nós estávamos falando sobre você, juiz, ontem à noite. Eu disse a meus amigos que se eu tivesse a oportunidade de trocar de lugar com você, juiz, se eu pudesse ter sua magnífica carreira em advocacia, se pudesse viver em sua maravilhosa mansão, se pudesse ter seu dinheiro, se pudesse ter seus empregados, e se, ao mesmo tempo, pudesse ser um juiz, eu não trocaria o meu lugar com o seu". Eu perguntei: "Por quê?" Ele disse: "Porque eu sei que você é a pessoa mais infeliz que já viveu". Ao que eu disse: "Eu sei, Pedro, que você está certo. Mas que diabo posso fazer para sair dessa?" Ele disse: "Juiz, você é um alcoólatra. Você terá de se integrar a outros alcoólatras, a pessoas que o conheçam, que o compreendam e que o amem. E eles talvez sejam capazes de ensiná-lo a viver".

Eu gostaria de enfatizar, neste ponto, que ele não me disse: "Eles vão ensiná-lo a parar de beber". Ele disse: "Eles talvez sejam capazes de ensiná-lo a viver".

Em poucas semanas, recebi alta do hospital, mas me sentia tão desesperançado e tão indefeso quanto alguém pode chegar a se sentir.

Temos três igrejas católicas em minha comunidade e, naquele tempo, eu pensava que o único lugar em que alguém poderia rezar era em uma igreja. Pensava também que precisava ser em uma igreja católica. Portanto, fui a cada uma dessas igrejas. Mas dessa vez eu rezei de modo diferente do que já havia rezado antes, em toda a minha vida. Não pronunciei preces formais. Não dei

sugestões a Deus. Não fiz pedidos específicos. Fui até o altar, ajoelhei-me e sussurrei três simples palavras: "Deus, me ajude".

É minha opinião mais humilde, hoje, que a maior oração de todo este mundo está contida nessas três palavras: "Deus, me ajude". É a oração que reconhece a verdade simples, segundo a qual o homem é indefeso e impotente em relação à vida. Deus é o ser supremo. Deus está no controle.

Desde aquele dia, tenho ouvido histórias de milhares e milhares de alcoólatras que atingiram o mesmo ponto de desespero que eu. E o que é estranho em suas histórias é que 90% deles, naquele ponto de suas vidas, pronunciaram a mesma oração: "Deus, me ajude".

Bem, Deus atendeu a minha prece, porque, três dias mais tarde, contra minha vontade e sem qualquer explicação, a não ser a vontade de Deus, encontrei-me em uma reunião da AA, tendo viajado por dois Estados para chegar lá. Então, olhei de um lado para outro, nas ruas, antes de entrar na igreja onde se realizava a reunião, para me certificar de que não havia carros do meu Estado naquela área. Disseram-me, antes da reunião, que nem todos os presentes à reunião eram alcoólatras. Que alguns dos presentes eram apenas interessados em problemas de alcoolismo, cidadãos de espírito público, e eu achei, por ser juiz, que poderia disfarçar-me em um desses cidadãos de espírito público.

O orador, na ocasião, foi excelente. Admirei seu uso da língua inglesa. Mas hoje não consigo me lembrar de uma única palavra do que ele disse. Eu estava tão voltado para mim e para o meu problema, tão preocupado de que alguém pudesse me reconhecer, que não podia me concentrar em suas palavras. Mas, depois da reunião, houve um banquete, e aconteceu de eu me sentar ao lado de um homem que se virou para mim e disse: "Veja, essas pessoas têm um tremendo estilo de vida. Elas tiram mais da vida do que nós não-alcoólatras. Elas sabem como viver. Aprendem como lidar com problemas". Disse a ele: "O que você quer dizer com 'esses alcoólatras'? Você não é um alcoólatra?". "Não", ele disse, "jamais tomei um drinque em minha vida." Eu perguntei: "Por que então você vem a essas reuniões?". Ele disse: "Venho aqui para aprender a viver".

Aquelas eram as mesmas palavras que o jovem advogado me havia dito quatro ou cinco dias antes, no hospital, quando ele falou: "Você tem de se integrar a outros alcoólatras; eles vão ensiná-lo a viver". Raciocinei, então, que se alguém que nunca tomou um drinque em sua vida podia aprender alguma coisa aproximando-se daquelas pessoas, talvez um fulano com um "pequeno" problema de bebida como o meu também pudesse aprender alguma coisa. Assim, comecei a freqüentar reuniões de Alcoólicos Anônimos. Mas sempre fora de meu próprio Estado.

Meus padrinhos continuavam arrastando-me para reuniões, reuniões e mais reuniões da A.A. Dirigiam muitos quilômetros para levar-me, sempre, para fora do meu Estado. Eu não queria ir. Não *precisava* ir. Mas aquelas pessoas tinham sido tão boas para mim, tinham aspergido tanto amor sobre mim que eu não tinha coragem de recusar.

Fiquei bastante conhecido na AA fora do meu Estado. Porque, vejam bem, naquele tempo não tínhamos muitos juizes no AA. Não é que não existam muitos e

muitos juizes que precisem da Alcoólicos Anônimos. É porque a Alcoólicos Anônimos não é uma irmandade de homens e mulheres que precisam de nosso programa; é uma irmandade de homens e mulheres que *querem* o programa. Pela minha experiência, há provavelmente mais advogados e mais juizes que precisam do programa da Alcoólicos Anônimos do que elementos de qualquer outra profissão do mundo, com a provável exceção do clero. Tornei-me, portanto, bastante conhecido na alcoólicos Anônimos e comecei a gostar do pessoal. Eu estava surpreso por descobrir que pessoas maravilhosas, verdadeiramente maravilhosas, se haviam tornado dependentes do álcool.

3

Uma noite, compareci a uma reunião fora do Estado e ouvi um médico fazer uma palestra formidável. Uma das coisas que ele afirmou durante a palestra foi que você nunca se recuperará do alcoolismo até que algum dia, em algum lugar, você reúna coragem para se levantar em uma reunião da AA, admitir que é um alcoólatra e contar parte de sua história. Depois da reunião, fui até a mesa do médico e cumprimentei-o pela palestra, dizendo: "Espero que eu me integre nesse programa".

Bem, sabendo quem eu era, ele me disse: "Bom, não sei, não, juiz, dizem que você ainda é juiz". Eu respondi: "Sim". Ele continuou: "Dizem que você nunca foi demitido de seu cargo". Eu disse: "Não, ainda sou juiz". Ele disse: "Dizem que você ainda tem licença para advogar e que você exerce uma grande atividade advocatícia". Minha resposta: "Sim, exerço ativamente a profissão". Ele: "Dizem que você mora numa mansão". "Bem", eu disse, "sim, é uma casa grande. Comprei-a quando estava bêbado e a comprei muito barato." Ele continuou: "Dizem que você tem uma esposa e cinco filhos que ainda estão vivendo com você". Eu confirmei: "Sim, tenho uma família maravilhosa".

Daí, ele fez uma pausa e falou: "Não sei, não, juiz, eu espero que você o consiga. Mas acho que não tem a mínima chance". "O que você quer dizer com isso?", retruquei. "Eu não tenho a mínima chance?"

"Bem", disse ele, "quando você tiver sido expulso de sua função, depois que tiverem cassado sua licença de advogado, depois que sua esposa e seus cinco filhos o tiverem deixado, depois que você tiver perdido todo o seu dinheiro e estiver nas ruas pedindo esmolas, e depois que tiver passado algumas noites na cadeia, daí talvez você volte e talvez consiga. Mas, no momento, não acredito que você tenha a mínima chance."

Isso foi há 22 anos. Eu ainda posso vê-lo descendo os degraus da igreja. Posso ainda lembrar o ódio que se formou em meu coração. Posso ainda lembrar, entretanto, suas palavras e agradeço a Deus que ele as tenha dito a mim, pois o que ele disse que iria acontecer comigo tenho visto acontecer a centenas e centenas de pessoas. A maioria dessas pessoas jamais voltou. A maioria delas morreu de alcoolismo.

Até aquela época eu havia decidido que iria às reuniões da AA e ouviria, mas que nunca, nunca na vida iria rebaixar-me a ponto de me levantar em uma reunião pública e admitir que era um alcoólatra. Na noite seguinte fui, com um de meus padrinhos, a uma reunião em uma outra cidade do mesmo Estado. Meu padrinho tinha ouvido a minha conversa com o médico e dessa vez ele decidiu aplicar os princípios da AA, ou seja, martelar enquanto o ferro está quente. Quando, na noite seguinte, chegamos à reunião, notei meu padrinho falando com o coordenador. O coordenador veio a mim e disse: "Juiz, temos poucas pessoas para falar hoje". Eu respondi: "Que pena!". Ele insistiu: "Gostaríamos que você falasse". Eu me esquivei: "Oh, não, hoje não, não estou preparado. Talvez em três ou quatro meses eu possa estar pronto, mas ainda não".

O companheiro olhou para mim e disse: "Ouça, juiz, esse não é o modo como trabalhamos na AA. Esse é o modo pelo qual vivíamos, trabalhávamos e falávamos antes de vir para a AA. Iríamos sempre dar um jeito com o nosso problema no dia seguinte ou na próxima semana ou até mesmo depois do Ano Novo. Na AA fazemos as coisas agora, e se não quiser fazer isso agora, esqueça".

Bem, eu pensei sobre o que o médico havia dito na noite anterior: minha licença cassada para advogar; ser demitido de minha função, pedir esmolas; minha esposa e filhos me abandonariam e eu iria parar na prisão. Portanto, disse: "Bem, não vou falar muito". E creio que realmente não o fiz. Vejam, eu fora um orador público durante toda a minha vida. Eu já havia sido reconhecido como um soberbo orador. Tinha discursado em muitas ocasiões importantes, mas jamais em minha vida havia ficado tão preocupado, tão amedrontado. Nunca antes eu tremi tanto como quando me levantei, naquela noite, para prestar meu primeiro depoimento na AA.

Notem bem, esse discurso iria ser diferente de todos os outros que eu já havia feito em minha vida. Pela primeira vez, em toda a minha vida, eu iria admitir, abertamente, exatamente o que eu era.

Hoje, consigo lembrar-me apenas de uma das coisas que eu disse naquela noite. Foi que eu nunca iria esquecer-me daquela noite. Achava que, por falar, todos ficariam sabendo que eu era um alcoólatra; que eu tinha admitido publicamente ser um alcoólatra; que eu seria expulso de meu cargo; que minha atividade advocatícia iria para o diabo, e eu achei que havia feito a coisa mais corajosa que qualquer um neste mundo já fizera a fim de parar de beber.

Mas as palavras que eu disse foram absolutamente verdadeiras. E nunca me esqueci, nem jamais esquecerei, daquela noite, porque, naquela noite, com mais de 50 anos de idade, eu nasci novamente. Naquela noite, com mais de 50 anos de idade, eu me juntei à raça humana.

As pessoas presentes à reunião vieram a mim e apertaram a minha mão. Elas me abraçaram, algumas das mulheres beijaram-me, e eu senti algo que jamais havia sentido desde que era criança e tinha feito alguma coisa errada. Eu chegava-me à minha mãe, confessava o que tinha feito, e ela me abraçava e dizia: "Calma, filho, tudo vai ficar bem". De alguma forma, daquele dia em diante, embora eu tenha tido meus altos e baixos, problemas e aborrecimentos, tristezas, dores de cabeça e sofrimentos, tudo tem corrido bem.

Daquele dia em diante, fui muito requisitado como orador nas sessões da AA. Na verdade, eu não tinha aprendido coisa alguma sobre alcoolismo, a não ser que o álcool causa sérios problemas e que os alcoólatras não podem nunca tomar um drinque; que eles precisam manter-se sem beber um dia de cada vez; que o alcoolismo é uma doença progressiva que sempre piora. O único dos Doze Passos em que eu estava interessado era no Primeiro, no qual admitimos que somos impotentes perante o álcool e que perdemos o domínio sobre nossas vidas.

A verdade como hoje a vejo é que eu, na realidade, conhecia somente a primeira metade do Primeiro Passo: eu era impotente perante o álcool. Oh! Eu sabia que, quando bebia, perdia o domínio sobre minha vida, mas não sabia que eu jamais tinha tido domínio sobre minha vida e que tinha recorrido ao álcool justamente para fugir do fato de que eu nunca tinha tido domínio sobre minha vida.

Portanto, eu era requisitado para falar e hoje sei o porquê de ter sido tão convocado como orador nas reuniões da AA. Era porque a coisa mais difícil é convencer um alcoólatra de que o alcoolismo é uma doença tríplice. É física, é mental e é espiritual. Todos sabem que o alcoolismo é uma doença, mas a maioria acredita que é uma doença que *ataca somente certos tipos de pessoas*. Poucos entendem que o alcoolismo é uma doença que pode acometer um papa, um alcoviteiro, um indigente ou um príncipe. Os membros da Alcoólicos Anônimos sabem disso e, portanto, eu era exibido como evidência de que o alcoolismo é uma doença que pode atingir até um juiz.

Ninguém jamais se surpreendeu com o fato de um juiz sofrer de sarampo, escarlatina, coqueluche, câncer ou tuberculose. Mas muitas vezes, centenas de vezes, tenho recebido pessoas que vêm a mim, depois de eu falar, e dizem: "Bem, eu nunca pensei que um juiz pudesse ser alcoólatra!". Sem dúvida alguma, qualquer pessoa que não acredite que um juiz, um padre, um professor, um senador, um governador ou um presidente possa ser um alcoólatra, não acredita realmente que isso possa ser uma doença.

Assim, por essa razão, e somente por essa razão, é que eu era tão requisitado como orador nas reuniões da AA. Claro, eu estava ainda envergonhado demais para contar todo o horror e toda a miséria que tinha acontecido comigo por causa do alcoolismo. Não tinha ainda aprendido coisa alguma sobre o alcoolismo. Não tinha uma história para contar, como as outras pessoas que tinham sido detidas, tinham ido para a prisão, tinham ido à falência e tinham perdido esposa e filhos. Nenhuma dessas coisas tinha ocorrido comigo. Portanto, o que poderia eu falar?

Finalmente, ocorreu-me uma história que poderia ser contada nas reuniões da AA, a qual descreveria como a AA funcionava. Provavelmente, uma das coisas mais difíceis de se descrever é como a AA funciona. O mínimo que se pode dizer é que funciona maravilhosamente. Recuperação do alcoolismo é um milagre. Milagre é alguma coisa que não pode ser explicada.

A história que eu costumava contar não tinha absolutamente nada a ver com alcoolismo, mas ainda entendo que ela chega mais perto da descrição de como a AA funciona do que qualquer outra que eu já tenha ouvido.

Quando eu era um jovem advogado, representei um rapaz de 14 anos que estava brincando com outro rapaz. Por coincidência, esse outro rapaz era filho do homem que venci no concurso para o cargo de juiz do condado, na primeira vez que a ele concorri. Os rapazes tinham conseguido algumas cápsulas explosivas que tinham sido deixadas abertas. Tinham, também, algum material que eles pensavam ser fusíveis para inserir nas cápsulas. Só que não se tratava de fusíveis, tratava-se de cordite. Cordite era, naquele tempo, o mais potente explosivo conhecido pelo homem. Expande-se a uma velocidade de 8 quilômetros por segundo. Era empregado em operação de guerra na selva. Amarrando-se 8 quilômetros de cordite ao redor de árvores, e detonando-se uma cápsula explosiva no final, 8 quilômetros de árvores desapareceriam em um segundo.

O jovem tinha suficiente cordite em seu bolso para destruir a cidade na qual morávamos. Pequena parte da cordite explodiu. Ele se machucou horripantemente e foi levado para o hospital. Em certos lugares, as queimaduras atingiram o osso. Duvidava-se que ele pudesse usar suas mãos e pernas outra vez. Mas a coisa mais terrível que lhe aconteceu foi que, com a explosão, seus olhos lhe saltaram fora das órbitas.

Ocorre que, quando ele foi levado para a sala de emergência do hospital, sua mãe, que era enfermeira, estava ali trabalhando. Ele se queimou e se machucou tão horripantemente que ela não reconheceu seu próprio filho. Apenas quando removeu parte de suas roupas é que ela se deu conta de que aquele menino, que nunca mais iria andar, que nunca mais iria usar as mãos e que nunca mais iria enxergar, era seu filho.

Sua primeira reação foi correr para outro quarto, ajoelhar-se e rezar, mas ela não sabia como rezar. Deveria rezar para que seu filho vivesse ou deveria implorar para que ele morresse? Conseguiu pronunciar, apenas, uma oração singela. A mesma oração que eu rezei quando, em desespero, entrei nas três igrejas católicas: "Deus, me ajude".

Bem, o rapaz não morreu. Depois de muitos e muitos meses, eles o levaram do hospital para casa. Ele recobrou o uso das mãos e das pernas. Mas estava cego, ambos os olhos sumidos de suas órbitas. Os pais do rapaz eram pobres. O que poderiam fazer com um rapaz cego? Alguém lhes disse que, em Nova Jersey, havia um lugar onde se podia obter um cão-guia. Assim, toda a família foi para Nova Jersey para visitar uma escola de cães-guias.

Acontece que o chefe do estabelecimento de cães-guias também era cego. Ele também havia ficado cego em uma explosão, e com exatamente a mesma idade que o garoto. Esse homem, em meia hora, plantou a semente que mudou toda a vida, não somente do garoto cego, mas de seu pai e de sua mãe, de sua família e de todo mundo que chegou a ter contato mais íntimo com ele. Isso porque, assim como um alcoólatra que encontra outro alcoólatra recuperado pela primeira vez, o rapaz tinha, pela primeira vez na vida, encontrado alguém a quem ele não poderia dizer: "Oh, você não sabe, você não entende".

O rapaz cego ouviu o diretor cego perguntar à sua mãe: "Você dá comida a esse garoto?". A mãe respondeu: "Claro, sem dúvida que eu lhe dou a comida. Ele é cego". "Não", o homem disse, "eu sou cego, mas me alimento sozinho. Você vai ter que ensiná-lo e vai ter que aprender como pôr a mesa para ele. Você vai ter que explicar-lhe, pelo emprego de um relógio, onde a carne, onde as batatas, onde os legumes estão. Onde a sobremesa está. Ele aprenderá a comer."

E prosseguiu: "Suponho que você vista esse garoto". Ela respondeu: "Bem, sim, nós temos que vesti-lo. Ele é cego". "Eu sou cego, mas me visto sozinho. Que tal minha aparência?" "Você parece ótimo!"

"Vamos dar-lhe alguns marcadores para você poder marcar as roupas dele, de maneira que ele saberá qual é a camisa branca, qual é a camisa azul, qual é a gravata preta e qual é a vermelha. Ele precisa aprender a se vestir sozinho. Você sabe, todos reparam em um cego; portanto, um cego precisa vestir-se mais meticulosamente do que os outros. Dê-lhe um pouco de tempo para aprender. Depois do tempo suficiente, se ele descer as escadas com a gravata de uma cor que não combine com sua camisa, dê uma palmada em seu rosto e diga-lhe para voltar para cima e vestir-se direito."

Se qualquer outro, que não um cego, tivesse dito isso ao rapaz, ele teria no mínimo ido embora.

Nesse momento, o diretor perguntou ao rapaz: "O que você faz para ajudar seu pai e sua mãe?". "Bem", o rapaz respondeu, "não consigo fazer nada." "Você tem um gramado?", o homem perguntou. "Sim", respondeu o garoto, "tenho um gramado, mas não posso podar a grama."

"Eu podar meu próprio gramado", o homem declarou, "e disseram-me que tenho o gramado mais bem tratado da cidade," Ele se voltou para os pais: "Levem esse garoto embora. Mostrem a ele onde está cada arbusto, onde está cada pedra e onde está cada buraco no chão. Façam-no atravessá-lo e medir a distância de um lugar a outro. Façam-no decorar as distâncias. E daí, mandem-no cortar seu gramado. Talvez ele caia, talvez até quebre o pescoço, mas considerem a confusão dos diabos em que ele se meteu quando podia enxergar".

Continuando, ele perguntou: "O que faz seu garoto para se divertir?". A mãe respondeu: "Bem, o que ele conseguiria fazer para se divertir?". "Vocês têm cinema? Ele vai ao cinema?". "Ele não pode ir ao cinema. Ele é cego."

"O que se exhibe lá, afinal? Filmes mudos? Deixem-no ir ao cinema. Notem bem, quando Deus leva embora um determinado dom de alguém, ele lhe concede outro. Esse garoto pode ir ao cinema e, na volta, posso garantir que ele contará mais a vocês sobre o que se passou do que a irmã dele que pode ver." "Agora", ele prosseguiu, "não mandem esse garoto a uma escola para cegos. Façam-no competir com todos os outros rapazes e todas as outras moças de sua comunidade. Ele tem de saber que não há nada de errado com ele, a não ser o fato de ele não poder enxergar."

Foi dessa forma que contei essa história. Sem dúvida, hoje sei que estava errado; havia mais defeitos em mim do que simplesmente não poder "controlar minha bebida", mas pelo menos já era um grande incentivo para as pessoas, no

primeiro estágio de recuperação, que acreditam que a incapacidade para controlar o álcool é o seu único problema.

O diretor da escola de cães-guias disse a seus pais que, naquele momento, o rapaz não poderia ter um cão-guia. Ele disse: "Vejam, há mais cegos que cães treinados. Nós fornecemos cachorros somente àquelas pessoas que possam provar que, com um cão-guia, podem melhorar suas vidas em benefício de outras. Deixem esse garoto voltar à escola. Deixem-no competir com todos os rapazes e moças do colégio e, se no fim do primeiro ano ele estiver entre os primeiros de sua classe, deixem-no voltar aqui e lhe daremos um belo cão-guia".

Na volta de Nova Jersey, o rapaz pronunciou suas primeiras palavras de esperança. Pela primeira vez, ele disse: "Sabe, mamãe, talvez não seja tão terrível ter perdido meus olhos. Será que eu poderia ir ao cinema esta noite?".

Seus pais compraram-lhe uma máquina de escrever e, embora nunca tivesse usado uma, em sua vida, ele aprendeu a usá-la. Ele voltou à escola no semestre seguinte e, dois anos mais tarde, formou-se no colegial, o terceiro colocado em uma classe de mais de 180 alunos. E a única razão de ele ter sido o terceiro, em vez de o primeiro, foi que, durante os primeiros dois anos de colégio, quando ele enxergava, suas notas foram muito mais baixas do que as notas de duas moças de sua classe. Assim, ele não conseguiu que sua média, nos quatro anos, fosse maior que a média alcançada por elas no mesmo período.

Onze prêmios foram concedidos na noite da formatura. Nove vezes um cão-guia conduziu o rapaz para o palanque do auditório da escola para receber nove dos onze prêmios. Um deles foi conferido por ter recebido a nota 100 no exame de Geometria Aplicada.

Depois de formado, o rapaz foi para o Union College e, competindo com moças e rapazes de todos os Estados Unidos, ganhou uma bolsa de estudos completa, incluindo acomodações, comida e instrução. Quatro anos mais tarde, ele se formou com "magna cum laude".

No dia anterior ao de sua formatura, ele discursou no Rotary Club e disse, entre outras coisas: "A melhor coisa que me aconteceu em toda a vida foi ter perdido a visão, pois isso ensinou-me que **Deus todo-poderoso jamais coloca um obstáculo no caminho de alguém, senão para ensiná-lo a transpô-lo**".

Quando li seu discurso no jornal, não consegui entender como alguém poderia dizer que uma tragédia, tal como a que o rapaz tinha enfrentado, poderia ser a melhor coisa acontecida em sua vida. Porque, notem bem, eu ainda estava bebendo naquela época. Não havia ainda ido à AA. Não havia aprendido a filosofia de vida da AA. Mas hoje posso entender isso, porque hoje, recordando todas as misérias, privações, torturas e tragédias de minha vida, eu digo que elas foram as melhores coisas que já me aconteceram, pois somente porque tais coisas me aconteceram é que fui à AA e aprendi como viver, como amar e como lidar com a vida.

Depois de sua formatura pelo Union College, o rapaz defendeu tese de pós-graduação e tornou-se doutor em Psicologia. Hoje, é um homem muito bem casado e leciona Psicologia em uma das grandes universidades deste país – ensina às pessoas como aceitar as coisas que não podem modificar, como ter coragem para

modificar aquelas que podem e como adquirir sabedoria para distinguir umas das outras. Pois isso é tudo o que a Psiquiatria provavelmente pode fazer por alguém.

Depois de ter estado na AA por um longo tempo, acordei, certa manhã, cuspiendo sangue. O raio x revelou que eu estava com tuberculose pulmonar. Eu não tinha permissão para sair de casa e, assim, não podia ir às reuniões da AA. O médico disse-me que a tuberculose, freqüentemente, deixa as pessoas deprimidas. E eu fiquei muito, muito deprimido. Muitas vezes, embora já estivesse sóbrio há um bom tempo, pensei em beber.

Um dia, eu disse ao médico: "Tenho que, de algum jeito, ir às reuniões da AA". Ele respondeu: "Bem, eu não posso deixá-lo ir às reuniões da AA. Na verdade, você deveria estar confinado em um sanatório".

Eu implorei, argumentei e, finalmente, ele perguntou: "Muito bem, você pode ir para fora da cidade?". "Sim", eu respondi, "eu posso ir até para fora do Estado." "Tem alguém que possa levá-lo, de maneira que você não precise guiar um carro?". "Sim, há muita gente da AA que me levaria."

Assim, uma noite, meus amigos levaram-me para o Estado vizinho aonde eu tinha ido quando ainda me sentia envergonhado de ver os outros, quando ainda me sentia envergonhado de que os outros soubessem que eu estava indo à AA. Sentei-me nos fundos da sala.

Um companheiro, que eu conhecia daqueles tempos, levantou-se para falar. Contou a história de como acordou certa manhã cuspiendo sangue. Foi ao médico e descobriu que tinha câncer nas cordas vocais. Teriam de remover suas cordas vocais e ele não seria mais capaz de falar. Contou quão deprimido ele tinha ficado e como iria rolar na cama, noites a fio, sentindo pena de si próprio, sabendo que nunca mais seria capaz de falar, nunca mais seria capaz de falar em uma reunião da AA. Mas ele disse: "Eu agradeço a Deus todo-poderoso, porque houve um homem na AA que me ajudou. Ele está aqui hoje, esta noite, e está nos fundos da sala. Aquele homem costumava contar a história de um rapaz que perdeu a vista em uma explosão, mas perseverou e se tornou doutor em Psicologia. Quando pensei nisso, eu disse a mim mesmo que, se aquele rapaz cego pôde tornar-se doutor em Psicologia, eu vou aprender a falar. Aquele homem está nos fundos da sala, hoje. Bill, levante-se. Você pode me ouvir?". Eu respondi: "Sim, senhor, posso ouvi-lo muito bem mesmo!".

Voltei para casa e, depois de uma semana, submeti-me a um outro raio X; meus pulmões estavam completamente curados. O médico usa meu raio X para mostrar a outros médicos quão efetiva é a estreptomicina na cura da tuberculose dos pulmões. Eu não estou menosprezando a estreptomicina, mas dou crédito, pelo milagre, não à estreptomicina, mas ao amor de Deus, que cura, cicatriza e acalma e que vem até nós por intermédio de outras pessoas por ele criadas, quando elas sentem-se juntas e compartilham, umas com as outras, suas experiências, suas forças e suas esperanças.

O homem que perdeu suas cordas vocais, mas que aprendeu a falar, ocupa hoje uma posição de responsabilidade em um dos importantes hospitais deste país, onde ensina as pessoas a falar pelo estômago. Ele emprega a filosofia que aprendeu, por intermédio da AA, para encorajar as pessoas. Ele usa a oração da

AA, que sugere que aprendamos a aceitar as coisas que não podemos modificar, tenhamos coragem para modificar aquelas que podemos e adquiramos sabedoria para distinguir umas das outras.

Ele, como eu, é feliz por ser um alcoólatra. Feliz porque, por meio de sua filiação à AA, pode compartilhar suas experiências e esperanças com os outros.

Eu tenho um "hobby". Visito hospitais e prisões. Entro em cadeias e instituições de doenças mentais e sento-me com indivíduos sem esperanças. Também faço uso da oração da AA, na esperança de ajudar pessoas a aceitar coisas que não podem modificar, a ter coragem para modificar aquelas que podem e a adquirir sabedoria para distinguir umas das outras.

5

Uma das razões por que sou feliz por ser um alcoólatra é que, por ir à AA e trocar experiências de vida com outras pessoas, tornei-me suficientemente honesto comigo mesmo para descobrir, para minha surpresa, que sou uma pessoa comum, semelhante ao próximo. Não há absolutamente nada de excepcional em mim. Eu não sou excepcionalmente inteligente. Não sou excepcionalmente abençoado e não sou excepcionalmente amaldiçoado.

Ao descobrir que sou comum, um ser humano como todos os outros, estou agora aprendendo a enfrentar a vida. Todas as dores de cabeça e misérias do passado ocorreram não porque eu tivesse sido amaldiçoado por Deus, mas porque não sabia como lidar com elas. Todos os seres humanos têm problemas. Todos os seres humanos cometem enganos. Anjos, ensinaram-nos, jamais têm problemas ou complicações. Anjos nunca cometem enganos. Mas os seres humanos têm problemas, complicações e cometem enganos. A diferença entre a pessoa feliz e alegre e a pessoa triste, desamparada e deprimida, depende inteiramente de sua reação aos problemas, complicações e enganos.

Um jogador de beisebol maneja o taco no jogo três vezes. Por duas vezes ele bate para fora. Na terceira, acerta o alvo. Ele está acertando 33% do tempo. Aqueles que conhecem o beisebol classificam-no como um excelente batedor. Todavia, ele bateu para fora duas vezes e acertou apenas uma. É o jogador egocêntrico, o jogador que não sabe que é igual a qualquer outro homem e mulher que Deus criou, que atira o taco e agride o árbitro quando bate para fora. **Muitas vezes, as minhas dores de cabeça, tristezas, misérias, sofrimentos e ódios resultavam do fato de eu atirar o taco e agredir o árbitro quando eu batia para fora.**

Durante toda a minha vida, surgiram situações com as quais eu não sabia como lidar. Não sabia o que fazer. Não sabia a quem recorrer. Não sabia para onde me voltar. Tais situações aconteciam quando eu estava bebendo, e elas ainda aparecem, mesmo depois que parei de beber. Hoje, sei que elas acontecerão novamente.

Pouco depois que parei de beber, algo terrivelmente desagradável aconteceu. Fui ver meu padrinho na AA e disse a ele: "Estou com um terrível dilema. Não sei o que fazer. Não sei para onde ir. Não sei para onde me voltar".

Ele respondeu: "Bem, isso somente prova o que nós temos dito todo esse tempo. Que o programa da AA é um programa simples para pessoas complicadas. Há uma solução muito simples para o seu problema". "O que há de tão simples?" perguntei. "Bem", respondeu ele, "você me disse que não sabia o que fazer a respeito dele." "É verdade." "Ora, se você não pode fazer nada a respeito dele, então você não tem problema algum. Você deveria esquecer o problema, porque não há nada que você possa fazer. Você diz que não sabe a quem recorrer. Portanto, desde que você não sabe a quem procurar, não tente recorrer a alguém, porque não há ninguém a quem recorrer. Mas, se como diz, você tem fé em Deus – e eu duvido que você a tenha; acho que você somente *acredita* em Deus, e há uma grande diferença entre acreditar em Deus e ter fé em Deus –, se você tem completa e total fé em Deus, então entregue esse problema a Deus e está tudo resolvido."

Por 18 anos, venho seguindo essa solução simples para problemas que não são meus, para problemas que não posso resolver. O estranho sobre isso é que Deus, em sua sabedoria, tem cuidado de cada um deles.

Uma outra razão por que eu sou feliz por ser um alcoólatra é que tive de ir à AA para descobrir que não sabia rezar. Ainda fico surpreso com o fato de alguém, com a educação e a experiência religiosa que eu tive, poder ter passado os primeiros 50 anos da vida fazendo o que pensava serem preces sinceras e, depois, descobrir que elas não eram preces de modo algum. Hoje sei que a primeira vez, em 50 anos de vida, em que eu disse uma prece sincera e honesta foi quando, em absoluto desespero, depois de ter sido considerado morto, eu me ajoelhei e disse três simples palavras: "Deus, me ajude".

Enquanto jovem, eu tinha visto o valor de preces sinceras feitas por pessoas em desespero absoluto. Mas tudo que isso queria dizer para mim é que era engraçado. Quando jovem, fui designado para defender um rapaz acusado de cometer um crime muito sério. Seu nome era Miguel. Miguel tinha passado muitos anos preso por ter assaltado um banco. Pouco depois de ter sido libertado da prisão, foi apanhado e colocado novamente na cadeia, acusado de ter sido cúmplice em um assalto a mão armada.

Miguel e Paulão tinham bebido. Miguel estava levando Paulão do bar para casa, quando Paulão pediu-lhe para parar em determinado prédio. Foi declarado que Paulão entrou no prédio e cometeu o roubo a mão armada, que Paulão e Miguel eram cúmplices e que Miguel ficara na cobertura e sabia o que se passava lá dentro. Paulão admitiu ser culpado de um crime menor e permitiu que a culpa toda recaísse sobre Miguel.

Eu estava convencido de que Miguel era inocente e que não sabia o que tinha acontecido no interior do prédio. Mas, em vista dos antecedentes de Miguel, seu caso se apresentava muito, muito difícil. Miguel foi condenado e o juiz condenou-o a uma pena de não menos de 40 e não mais de 80 anos de prisão. Recorri ao tribunal de apelação do Estado. A condenação de Miguel foi revogada e o processo voltou à corte do condado para novo julgamento.

Naquele tempo havia, em nosso condado, somente dois períodos de funcionamento das cortes criminais. Um na primavera e outro no outono. Miguel foi trazido de volta da penitenciária para a cadeia do condado, justamente após

estarem encerrados os trabalhos do período da primavera. Ele teria de ficar na prisão até o período do outono. Como era considerado um criminoso perigoso e tinha uma sentença de 40 a 80 anos esperando por ele, foi confinado na solitária da cadeia do condado.

Ele me disse que os quatro ou cinco meses que passou na cadeia, em confinamento solitário, foram muito piores do que os muitos anos que ele já tinha passado na prisão. Enquanto esteve na solitária, ele ficou biruta, sendo esse o jeito que os prisioneiros descrevem as alucinações que acometem aqueles que ficam na solitária. Aparentemente, são as mesmas alucinações que as pessoas têm, devido ao excessivo uso do álcool.

Havia somente uma janela em sua cela e, por ela, a única coisa que ele podia ver era uma igreja católica do outro lado da rua.

Ele observava gente entrando e saindo da igreja e, entre suas alucinações, chegou à conclusão de que todos aqueles que entravam e saíam da igreja faziam isso para rezar por ele. Achou que tinha aprendido a ler lábios. Convenceu-se de que cada uma das pessoas que saíam da igreja olhava para ele e dizia: "Rezei por você, hoje, Miguel".

Ele estava tão impressionado com todas essas orações e toda a atenção que estava recebendo das pessoas entrando e saindo da igreja que, por gratidão a elas, embora nunca tivesse tido qualquer tipo de religião e fosse um ateu, decidiu tornar-se católico. Por isso, pediu ao xerife que um padre católico viesse visitá-lo. Ele disse ao padre quão agradecido se sentia àquelas pessoas católicas por tudo que estavam fazendo e por todas as orações que estavam fazendo por ele. Afirmou ao padre que queria tornar-se um católico.

O padre disse a Miguel que não era tão fácil tornar-se um católico. Ele deveria adquirir instrução religiosa e, depois que tudo estivesse terminado – estou certo de que o padre jamais pensou que tudo aquilo pudesse chegar ao fim – se Miguel ainda o procurasse, ele lhe daria ensinamentos religiosos e o batizaria, com o que ele poderia tornar-se um católico.

Miguel disse: "Notei, padre, que todas as freiras que entram e saem da igreja têm continhas penduradas em seus hábitos. Gostaria de saber se o senhor não me faria um favor... se o senhor não me deixaria comprar algumas daquelas continhas". O padre respondeu: "Você não sabe como usar aquelas contas". Mas Miguel insistiu e o padre disse que iria providenciar-lhe um rosário.

Eu não sabia coisa alguma sobre esse incidente quando o caso foi novamente a julgamento. Enquanto o júri estava fora da sala deliberando, o juiz permitiu que Miguel ficasse comigo e com alguns funcionários, na biblioteca contígua à sala de audiências. Por 12 horas, Miguel andou de um lado para o outro da biblioteca, com passos vagarosos e firmes. Preso em ambas as mãos estava o rosário, com o crucifixo virado para cima. A cada passo que dava, Miguel dizia: "Vamos lá, Jesus, garotão, tire-me desta enrascada". Em seguida, ele beijava a cruz. "Vamos lá, Jesus, garotão, tire-me desta enrascada." E beijava a cruz. "Vamos lá, Jesus, garotão, tire-me desta enrascada." E beijava a cruz. Doze horas de "Vamos lá, Jesus, garotão, tire-me desta enrascada".

Finalmente, houve uma batida na porta, avisandonos de que o júri tinha chegado à sua decisão. Os jurados entraram na sala de audiência, o juiz fez a chamada dos jurados e perguntou ao presidente do júri: "Vocês chegaram a um veredicto?".

O presidente confirmou: "Sim, excelência". "Qual é seu veredicto?" perguntou o juiz. "Inocente", anunciou o presidente.

Diante disso, Miguel pulou, ainda com o crucifixo e o rosário nas mãos. Gritava, enquanto beijava a cruz: "Obrigado, Jesus, garotão". Vale ressaltar que todos os 12 membros do júri eram protestantes.

Não sei se Miguel se tornou católico ou não. Não creio que ele o tenha feito. Mas sei que nunca mais bebeu e nunca mais se meteu em encrencas.

Contei essa história por muitos anos, em muitas ocasiões e banquetes, para provocar risos, mas jamais tinha percebido – até que fui à AA e ouvi falar de milhares e milhares de milagres que tinham ocorrido quando homens se ajoelhavam e rezavam suas preces simples, de desespero – que são essas as preces que Deus atende sempre.

Deixem-me contar-lhes uma história sobre o juiz que condenou Miguel a não menos de 40 e não mais de 80 anos de prisão. Juiz Almeida foi soldado na Primeira Grande Guerra. Era conhecido como major Almeida. Na AA aprendemos que não devemos fazer o inventário moral do outro e, portanto, não posso dizer com certeza; porém, conhecendo o que conheço sobre alcoolismo, minha opinião é a de que o major Almeida e o juiz Almeida eram "ambos" alcoólatras.

O major Almeida foi para a França durante a Primeira Guerra Mundial. Era protestante, mas tinha sido criado por uma devota enfermeira irlandesa católica. Antes de ir para a guerra, essa velha enfermeira deu-lhe um escapulário católico e pediu-lhe que o usasse ao redor do pescoço. Ela disse: "Deus vai protegê-lo desde que você use isso em seu pescoço". O major pôs o escapulário no pescoço e nunca mais o tirou.

Enquanto ele se encontrava na França, obteve uma licença e foi para Paris. Em Paris, começou a beber e a farrear até ficar muito bêbado. Enquanto estava embriagado, perdeu o quepe e a túnica. Mas, mesmo em seu torpor, lembrou-se de que sua licença estava terminada e de que teria de voltar à sua tropa.

Na França, os oficiais militares tinham permissão para viajar nos vagões dos passageiros, enquanto que os homens da infantaria tinham de viajar nos vagões de carga. O major, sabendo que tinha direito aos vagões de passageiros, mas não se lembrando de que tinha perdido o quepe e a túnica e de que não havia maneira de a polícia militar saber que ele era um oficial, tentou embarcar no vagão de passageiros do trem.

Um policial militar viu-o embarcando no vagão de passageiros e, em termos rudes, mandou-o voltar para o vagão de carga ao qual pertencia. O major entendeu que o policial estava insultando um oficial e, sendo assim, esbofeteou-o, derrubando-o para fora do trem. Um outro trem, que corria ao lado, atropelou e matou o policial militar. Para tornar as coisas ainda piores, aconteceu de o soldado morto ser sobrinho do famoso general Pershing.

Almeida voltou para seu próprio contingente, enfrentou uma corte marcial sob a acusação de assassinato e foi julgado. Ele defendeu seu próprio caso e foi condenado. De acordo com a sentença, ele seria fuzilado ao amanhecer do dia seguinte.

Naquela noite, antes de o major ir para a morte, o general encarregado do pelotão foi vê-lo. Disse ao major Almeida que ele poderia fazer um último pedido, qualquer que fosse. O major disse: "General, eu não estou com medo de morrer". (Eu conhecia o major há muitos anos e sei que aquela afirmação era absolutamente verdadeira.) "Mas", ele disse, "eu venho de uma longa linhagem de militares. Homens que têm recebido grandes honrarias dos Estados Unidos, o país que eu amo. Não me incomoda de morrer por meu país. Mas não quero morrer em desonra. Deixe-me cumprir esta sentença de morte. Meus homens vão avançar amanhã. Quero liderá-los na batalha. Eu lhe garanto que serei morto. Quero morrer em ação, lutando por meu país. Se eu não morrer em ação amanhã cedo, trarei a sentença de volta e o senhor poderá fuzilar-me na manhã seguinte." O general aquiesceu: "Aqui está sua sentença. Execute-a você mesmo".

Na manhã seguinte, o major comandou seus homens em batalha. Liderou-os, sempre à frente deles, através das linhas inimigas. Foi alvejado em muitos lugares. Foi dado como morto em combate. O contingente de limpeza, fazendo a varredura do campo de batalha, apanhou os corpos dos mortos e os amontoou em uma grande pilha para que pudessem ser enterrados.

Na manhã seguinte, um capelão católico estava examinando a pilha de corpos, procurando aqueles que tivessem sido católicos, para lhes ministrar os últimos sacramentos. Quando encontrou o major Almeida com o escapulário, retirou-o debaixo dos cadáveres. Ao fazê-lo, percebeu que o major ainda estava respirando. Ele foi levado a um hospital e, então, embarcado de navio para a Inglaterra, para outro hospital. Ele sobreviveu, mas os ferimentos que sofreu perturbaram-no para o resto da vida. Quando ele recebeu alta, a guerra estava terminada e ele jamais foi executado. Voltou para a América, praticou advocacia e foi eleito juiz do condado. E era juiz do condado quando Miguel foi levado à sua presença.

Deus atende a preces. Deus faz milagres. Eu sou um homem de sorte, de muita sorte, por ter vivido para ver pelo menos cinco mil desses milagres, muitos deles na AA. Portanto, eu me considero feliz por ser um alcoólatra.

6

Durante os 36 meses seguintes, continuei muito ativo no programa da Alcoólicos Anônimos. Continuava a depor nas reuniões, em toda a área. Eu, na verdade, não tinha aprendido absolutamente nada sobre o programa, a não ser seu primeiro passo, que diz: "Admitimos que éramos impotentes diante do álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas", e o décimo segundo, que diz: "Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos

transmitir esta mensagem aos alcoólatras e praticar estes princípios em todas as nossas atividades".

Na verdade, como hoje verifico, eu sabia muito pouco sobre qualquer dos Doze Passos. Quanto ao primeiro, tinha chegado à conclusão de que o motivo de eu não poder dirigir a minha vida era por ser impotente diante do álcool. Os fatos são justamente o oposto: eu me tornara impotente diante do álcool porque, desde menininho, nunca pudera lidar com minha vida. Quanto ao décimo segundo passo, eu tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre ele, porque não havia tido um despertar espiritual; não podia, pois, praticar os 12 passos em todas as minhas atividades, porque não havia estudado, entendido ou praticado os 11 passos anteriores.

De qualquer forma, não bebi e eu e minha família pensamos que isso era maravilhoso. Mas, vejam bem, não tendo estudado ou praticado os outros 11 passos, eu ainda não havia feito coisa alguma para mudar minha vida; ainda não havia aprendido nada sobre como enfrentar a vida. Portanto, por 36 meses, embora eu estivesse ativo na AA, falava somente sobre os efeitos físicos do álcool.

Suponho que uma das principais razões por que eu não prestava qualquer atenção aos 12 passos da AA era que, como muitos outros que são novos no programa, acreditava que os 12 passos da AA e os 10 mandamentos eram uma coisa só. Como eu tive uma educação religiosa muito boa, achava que não havia necessidade de estudar os 10 mandamentos. Ao rever o meu passado, parece-me impossível que já tenha podido pensar que os 12 passos da AA e os 10 mandamentos fossem uma só e mesma coisa. Eu tinha passado toda a minha vida estudando as leis, interpretando estatutos e decisões dos tribunais e, quando comparo hoje os dois, não vejo a menor semelhança, em nenhum aspecto, forma ou maneira, entre os 10 mandamentos e os 12 passos da AA.

Sei que não é incomum para o pessoal novo chegar a essa falsa conclusão.

Lembro-me bem de um amigo muito querido, que chegou à AA mais ou menos ao mesmo tempo em que eu. Ele é uma das pessoas importantes que recentemente admitiram, publicamente, seu alcoolismo. É, hoje, o provincial para os Estados Unidos da América de uma das maiores ordens religiosas no mundo. Quando ele era novo no programa da AA, eu o ouvi falar uma noite e descrever o diálogo com um de seus companheiros, padre da organização, sobre a AA.

O padre disse: "Tenho notado a mudança impressionante que tem ocorrido em sua vida desde que você foi à AA. O que você me diz sobre isso?".

Padre Estêvão respondeu: "Aqui estão os 12 passos da AA. Está tudo aí".

No dia seguinte, o outro padre falou com ele e disse: "Li os 12 passos da AA e não vejo qualquer diferença entre eles e os 10 mandamentos de Deus. *Há alguma diferença?*".

"Claro que há."

"Qual é?"

"Resultados."

Mas hoje sei que há toda a diferença do mundo entre os 12 passos da AA e os 10 mandamentos. Os 10 mandamentos de Deus dizem aos homens o que eles *não* devem fazer. Os 12 passos da AA são sugestões do que os homens *devem*

fazer, se desejarem amadurecer espiritualmente. E se tais sugestões são seguidas, qualquer homem ou mulher, não importa que seja ou não alcoólatra, pode amadurecer espiritualmente.

Uma vez que um indivíduo amadureça espiritualmente, os 10 mandamentos de Deus, não são, de modo algum, dissuasores para ele. Um indivíduo espiritualmente maduro não tem deuses estranhos. Ele não adora imagens esculpidas. Um indivíduo espiritualmente maduro santifica não somente os dias santos, mas cada dia de sua vida. E ele age assim não porque tenha sido obrigado a fazê-lo, mas porque desfruta os dias santos e sabe que os dias não santificados lhe causam dor, sofrimento, remorso e arrependimento.

Eu poderia prosseguir com cada um dos outros 10 mandamentos. Um indivíduo espiritualmente maduro não mata, não rouba, não presta falso testemunho contra seu próximo. Não sente inveja ou cobiça pelos bens de seu próximo, ou pela mulher de outrem. Não faz essas coisas porque há um mandamento de Deus que lhe proíbe fazê-las. Ele assim age porque sabe que, se violar os mandamentos de Deus, estará destruindo, ele próprio, a felicidade e a alegria que encontrou na vida por não fazer essas coisas.

Os 10 mandamentos de Deus não impedem o indivíduo espiritualmente maduro de violá-los, assim como uma fechadura numa porta ou um cofre impede um homem honesto de entrar em lugares nos quais ele não deveria entrar, ou de apropriar-se de bens ou propriedades que não lhe pertencem. O homem espiritualmente maduro não é honesto somente porque sabe que essa é a melhor política. O homem espiritualmente maduro é honesto mesmo quando sabe que essa pode *não* ser a política mais conveniente. Ele age assim porque o indivíduo espiritualmente maduro sabe que, quando não vive de acordo com seu próprio código moral de conduta, pune a si mesmo mais que qualquer Deus ou qualquer autoridade poderia puni-lo.

Acredito firmemente que as únicas pessoas que conhecem o horror, a miséria, a dor e o sofrimento que o homem inflige a si mesmo, pela violação dos mandamentos de Deus, são aquelas que os violaram e depois entraram para esse novo mundo que estou tentando descrever neste livro; atingiram, então, a compreensão plena da punição que estavam impondo a si próprias.

Eu não sei quem inventou o diabo e o pecado original, mas sei que quem quer que os tenha inventado era um alcoólatra, ao menos em potencial, porque o diabo e o pecado original são as racionalizações que todo alcoólatra em potencial usa para culpar, por todos os seus pecados e todos os seus erros, alguém ou alguma coisa que não seja ele próprio (*). * {Nesta passagem, ao culpar o diabo e o pecado original, o autor pretende explicar que o alcoólatra sempre procura um "bode expiatório" para justificar seus erros. (Nota do Revisor.)}

Sei, hoje, pelo que tenho aprendido desde então, que ajudei muitos alcoólatras, protegi alcoólatras como eu a atingir a sobriedade. Eles conseguiram identificar-se comigo, porque tampouco tinham sido presos, nunca tinham ido para a cadeia, nunca tinham ido à falência, nunca tinham sido abandonados por sua mulher ou filhos, nunca perderam seu emprego. Muitas dessas pessoas jamais tomaram outro gole, mas eu tomei.

Não sei dizer agora o que me levou a tomar um drinque. Não consigo dizer que problema, que dificuldade apareceu e que eu não pude contornar. Tudo o que eu sei é que o que está escrito no 5.º capítulo do Grande Livro de Alcoólicos Anônimos é, sem qualquer dúvida, verdadeiro: que eu me havia tornado ou sempre fui (qual dos dois, eu não sei) uma daquelas pessoas que não podiam, ou não queriam, "ser honestas consigo mesmas". Assim, certa vez, fiquei acordado a noite toda, agitando-me e rolando na cama até que, ali pelas 5 da manhã, desci para o bar e me servi de um drinque.

Aquele único drinque fez em mim o que eu vinha insistindo em todas as minhas palestras que iria acontecer aos outros, se eles tomassem um drinque. Que ele iria estabelecer a compulsão física em seus corpos, a qual iria exigir um outro drinque. Que força de vontade jamais poderia impedi-los de tomar o próximo drinque. Força de vontade funciona com muitas coisas, mas não funciona em se tratando de compulsão física. Se não acreditam nisso, algum dia, quando tiverem um caso grave de diarreia, tentem usar sua força de vontade.

E foi assim que, três horas depois, eu desisti de tentar não tomar o segundo drinque e tomei mais dois. Então lembrei-me de que eu e minha mulher tínhamos um compromisso naquela noite: iríamos sair com alguns membros da AA. Subi as escadas e, dirigindo-me para minha mulher, que estava se vestindo, disse: "Acho melhor você entrar em contato com o pessoal e dizer que não vamos sair esta noite".

"Por quê?"

"Porque eu recomecei a beber."

Ela estava tão certa de que eu jamais voltaria a tomar um gole que sorriu e disse: "Não brinque com essas coisas".

Eu respondi: "Não estou brincando".

Ela disse: "Está, sim".

Eu disse: "Bem, vamos lá para baixo e veja você mesma".

Descemos, coloquei a garrafa da bebida sobre a mesa, preparei um drinque e bebi na frente dela. Jamais esquecerei a expressão que se estampou em sua face. Ela chamou todas as crianças. Elas se juntaram ao meu redor. Todos me imploravam: "Papai, papai, por favor, pare. Pare agora. O senhor ficará bem".

Ora, eu já tinha tentado ajudar um número suficiente de pessoas para saber que não se pode deter um alcoólatra no meio de uma bebedeira. Portanto, eu disse: "Não, já que comecei, vou acabar com isso".

O resto da história tiveram que me contar, porque naquele momento eu tive um "blackout". Contaram-me que bebi quase um litro de uísque em aproximadamente uma hora. Durante aquela hora, minha esposa chamou dois membros da AA, que atenderam ao seu apelo e vieram a minha casa, um deles um famoso cirurgião. Eram meus melhores amigos. Insultei-os, xinguei-os de nomes horríveis e imorais. Amaldiçoei a AA e seus princípios. Vociferei e gritei, dirigi palavras rudes e imorais ao pessoal, atirei pratos, bati de encontro aos móveis. Meus dois amigos da AA foram para uma outra sala de minha casa e rezaram para que eu desmaiasse antes que a polícia viesse – e eu desmaiei.

Na manhã seguinte, acordei em um lugar estranho, metido em uma camisa-de-força. Uma jovem, que eu conhecia, estava de pé ao lado de minha cama, com um copo de paraldeído na mão. Essa moça era minha amiga, um membro da Alcoólicos Anônimos que dirigia um centro de reabilitação para alcoólatras. "Sueli, onde estou?" – perguntei.

"Você está em Oak Hill."

"O que, com todos os diabos, aconteceu?"

"Ora", ela disse, "nada de estranho aconteceu. Você é um alcoólatra. Você sabe que é um alcoólatra e tomou um trago. Sabia o que ia acontecer quando tomou seu drinque, e aconteceu mesmo. Você tomou um drinque, estabeleceu-se uma compulsão física em seu corpo que o forçou a tomar outro drinque, e mais outro, e você ficou violento, mesquinho, intratável e acabou em um centro de tratamento para alcoólatras."

Ela prosseguiu: "Não há absolutamente nada de estranho nisso, e absolutamente nada que você não soubesse que ia acontecer quando tomou seu primeiro trago. O estranho foi que, por 36 meses, você não tomou um drinque, não ficou violento, mesquinho e intratável e não acabou em uma camisa-de-força em um centro de tratamento para alcoólatras. Isso é que foi estranho".

Bem, já falei sobre a desesperança e o desespero que havia em meu coração quando fui dispensado do hospital, depois de ter sido dado como morto e antes de chegar à Alcoólicos Anônimos. Já lhes contei como, em muitas ocasiões, quando eu estava falando por toda a parte leste dos Estados Unidos, contei às pessoas que havia somente uma coisa sobre um alcoólatra a respeito da qual eu poderia dar garantia por escrito: se ele tem problemas e toma um drinque depois de ter jurado deixar de fazê-lo, da próxima vez será pior. Tive de provar aquelas palavras para mim. Espero nunca ter que prová-las novamente.

Um membro da AA veio a Oak Hill e levou-me para casa, um pouco mais cedo do que eu deveria ter voltado. Mas o primeiro dos meus 11 netos tinha nascido e eu deveria estar em casa para seu batismo. Esse membro da AA entrou em casa comigo. Graças a Deus que ele o fez.

Tendo atuado como advogado de júri por muitos anos, eu havia aprendido como ler rostos. Minha esposa saudou-me com um simples: "Olá, como está?". Não disse qualquer outra palavra. Ela não precisava dizer mais nada. Eu sabia, pela expressão de seu rosto, que tinha machucado seu coração e que ela preferia que eu jamais tivesse nascido. Hoje reconheço que aquilo foi a coisa mais maravilhosa que já me aconteceu; aquela era exatamente a sensação que eu sentia. Também desejei, naquele dia, que Deus nunca me tivesse criado. Eu sabia que era um bêbado sem esperanças, sem valor, que não servia para nada, que não podia manter-me sóbrio nem mesmo com a AA.

Em minhas palestras na AA, eu tinha contado ao pessoal que 25% das pessoas que chegam à AA absorvem a mensagem na primeira vez, que 50% delas absorvem-na algum dia, e que 25% delas nunca o fazem. Naquele momento, eu sabia que estava entre os 25% que nunca a absorveriam e que iria morrer como um bêbado sem esperanças, sem valor e que não servia para nada.

Se há algo em que o pessoal da AA acredita, é que somente um alcoólatra consegue entender outro alcoólatra. Aqui estava uma situação em que nada foi dito. Não houve briga, não houve discussão. Mas meu amigo da AA que me havia trazido para casa sabia exatamente o que se passava em meu coração e, com voz muito calma e baixa, me disse: "Bill, acho que seria uma boa idéia se você viesse comigo para minha casa por esta noite".

Toda noite agradeço a Deus por ele me haver dito aquilo e por eu ter ido, porque se ele não o tivesse feito, eu tinha decidido que, no momento em que ele saísse pela porta, eu me mataria. O medo do inferno já não era mais suficiente para deter-me.

Fui para a casa dele, naquela noite. Logo após o jantar, Brandão disse: "Acho melhor irmos para Springfield, para uma reunião".

Eu disse: "Não, Brandão, a AA não resolve para mim. É uma organização maravilhosa, sensacional. Tem ajudado milhares de pessoas. Mas eu sou um dentre os 25% que nunca vão conseguir. Vou morrer como um alcoólatra desesperado e desamparado".

"Bem, Bill", ele disse, "eu quero ir. Eu preciso ir. Por que você não me faz companhia?"

Ele tinha sido tão maravilhoso para mim, dirigira muitos quilômetros para me levar para casa e, depois, me levara para seu lar. Em vista disso, eu disse: "Certo, vou acompanhá-lo, mas isso não vai me fazer bem algum".

Chegamos ao local da reunião em Springfield antes de qualquer outra pessoa, com exceção de um velho veterano, Artur, um companheiro bem mais idoso que eu. Ele estava na cozinha fazendo café. Ao entrarmos, Artur cumprimentou-me: "Olá, Bill, como vai?".

"Oh, Artur, estou realmente péssimo", respondi.

"O que você quer dizer com isso?"

"Acabo de sair de um centro de reabilitação para alcoólatras."

"Bem, Bill, você está de volta. Estamos felizes por vê-lo. "

"Sim, eu vim com Brandão. Mas, veja, eu não vou conseguir. Eu sou um dos 25 %, um daqueles alcoólatras sem esperança e a quem não se pode ajudar. Eu vou morrer bêbado."

Ele me abraçou e disse: "Ah, Bill, por favor, por favor, não nos abandone. Você sabe, nós precisamos de você. Nós queremos você. Nós amamos você".

Nada, absolutamente, havia em comum entre mim e esse veterano.

Ele era muito mais velho do que eu. Ele era um republicano e eu, um democrata. Ele era americano e eu, irlandês. Ele era protestante e eu, católico. A única coisa que tínhamos em comum é que éramos, ambos, alcoólatras. Mas havia alguma coisa no tom de sua voz. Alguma coisa no modo como dizia aquelas palavras que me fez sentir que aquele velho sujeito realmente sentia o que falava. Essa gente precisa de mim. Eles me querem. Eles me amam. E eu pensei sobre a situação quando voltei para casa. Não havia qualquer outra pessoa neste mundo que precisasse de mim, que me quisesse, que me amasse. Portanto, decidi ficar. Graças a Deus, decidi ficar.

Comecei tudo de novo. Novamente, fui a reuniões. Certa noite, em uma reunião, um veterano veio a mim e me entregou um cartão. No cartão havia um poema que eu tinha aprendido quando jovem. Ele disse: "Excelência, leia isto aqui. Um sujeito como o senhor deveria lê-lo duas ou três vezes. Um sujeito como o senhor deveria sabê-lo de cor". Era o poema "O Homem no espelho":

Quando você consegue tudo o que quer,
Quando o mundo faz de você rei por um dia,
Vá até o espelho, olhe para si mesmo
E veja o que aquele homem tem a dizer.
Porque não é de seu pai, de sua mãe, de sua esposa,
Que deve ser ouvido o julgamento a seu respeito.
O veredicto que mais importa em sua vida
É do sujeito que, do espelho, olha para você.
Ele é o sujeito a quem se deve agradecer,
Todos os outros não interessam.
Pois ele está com você até o fim.
E você terá superado
seu mais difícil e perigoso teste
Quando o homem no espelho
mostrar-se seu amigo.
Algumas pessoas podem dizer
que você é um companheiro alegre e bom,
Podem chamá-lo de sensacional,
Mas o sujeito do espelho
dirá que você é apenas uma bela porcaria,
Se você não puder olhá-lo direto nos olhos.
Você pode enganar o mundo inteiro
ao longo de sua vida,
Pode receber palmadinhas nos ombros
quando passar,
Mas sua recompensa final
será remorso e lágrimas,
Se você tiver enganado o sujeito do espelho.

De um modo ou de outro, naquela noite eu entendi que aquele poema tinha sido escrito para mim. De algum modo, soube que meu problema não havia sido a bebida; que meu problema tinha sido eu próprio. Que eu era um daqueles mencionados no quinto capítulo do livro "Alcoólicos Anônimos" que não tinham sido honestos consigo mesmos, e que minha recompensa final seria remorso e lágrimas, porque eu tinha enganado o homem do espelho. Portanto, decidi que teria de começar a trabalhar arduamente nos outros 11 passos da Alcoólicos Anônimos, todos eles tendo a ver com aprender a viver, a amar e a lidar com a vida.

Durante meus anos como juiz do condado, servi também como juiz do que é agora conhecido como Vara de Família. A Vara de Família tem jurisdição no condado sobre as crianças abandonadas e delinquentes. Uma família, em especial, era constante fonte de aborrecimentos. Essa família era numerosa e os pais

estavam constantemente sendo acusados de não cuidar de seus filhos. Uma determinada ocasião sobressai-se bem claramente em minha memória. Uma das meninas da família, com cerca de 13 anos, ficou grávida e o Departamento do Bem-Estar recolheu-a, tirou-a da família e a colocou, temporariamente, em uma casa maternal. Para mantê-la em um abrigo maternal, eles tinham de obter uma autorização judicial expedida por mim. A mãe chegou ao meu escritório antes da filha. Ela era, sem dúvida, a mulher mais gorda que eu já tinha visto em minha vida. Devia pesar mais de 200 quilos. Ocupou, para sentar-se, duas cadeiras do escritório. A porta do escritório foi aberta e, acompanhada por um funcionário do Bem-Estar, a menina entrou. Quando a filha viu a mãe, começou a chorar. Correu para junto da mãe, pulou para seu colo e disse: "Mãezinha, mãezinha, cante para mim". A mãe cantarolou as palavras de uma canção "pop" intitulada "Goody Goody", que conta uma história triste a respeito de um fracassado no amor e termina com uma frase manifestando esperança de que o fracassado sinta-se satisfeito com seu destino.

Isso ocorreu quando eu ainda estava bebendo. Naquela época, não somente achei que aquela fora a cena mais engraçada que eu já vira, como também achei que fora a cena mais triste que já presenciara. Hoje, minha atitude é diferente. De um modo ou de outro, acredito que essa mãe tinha, intuitivamente, aprendido a viver como os membros da AA aprendem. Aprendemos a viver segundo a oração mais maravilhosa já escrita: "Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso, e sabedoria para distinguir umas das outras".

A jovem estava grávida, somente um pouquinho grávida, mas, da mesma forma que ser só um pouquinho alcoólatra, ela estava grávida. E justamente como ocorre em relação a tudo que já aconteceu, não há nada que possamos fazer a não ser aprender a aceitar o fato. "O dedo que se move escreve e, tendo escrito, continua se movendo; nem toda a nossa piedade e inteligência pode atraí-lo de volta para cancelar sequer meia mentira, nem todas as nossas lágrimas lavam uma só de suas palavras."

Sendo alcoólatra ou estando grávida, podemos nos rebelar contra isso, podemos chafurdar-nos em autopiedade, podemos lutar contra isso, podemos nos recusar a aceitar a menina grávida, podemos renunciar a ela, podemos afastar-nos dela, podemos encher nossas vidas com ódio, remorso e ressentimento. Ou podemos aceitar o fato e até mesmo cantar a seu respeito.

Assim, muitas vezes penso sobre essa experiência no tribunal e mudo um pouco as palavras daquela canção: "Eu encontrei um negócio chamado álcool, e ele me fez quase cair de costas; que bom, que bom. Eu encontrei esse troço e agora eu sei como é; que bom, que bom. Viva, Aleluia, porque isso me aconteceu, e estou satisfeito, velhaco que sou".

As coisas que tenho aprendido sobre mim, as coisas que tenho aprendido sobre o mundo no qual vivo, as coisas que tenho aprendido sobre as pessoas deste mundo e as coisas que tenho aprendido sobre o Deus que me criou tomarão conta de todo o resto deste livro e irão, espero, dar idéia de por que eu me sinto feliz por ser um alcoólatra.

Cinco ou seis meses depois de ter deixado Oak Hill, cheio de desesperança, tive uma experiência que, ao longo dos anos, iria ensinar-me o poder do amor. Aquela foi uma das muitas experiências, em minha vida, que fizeram com que eu me sentisse feliz por ser um alcoólatra. Uma jovem de 16 anos foi levada até mim, indiciada pelo grande júri com base em quatro acusações, todas representando graves delitos de roubo. Eu conhecia essa jovem desde que ela era um bebê. Ambos vivíamos na mesma comunidade, com uma população de cerca de 1.500 pessoas.

Em pequenas comunidades, todos se conhecem. Uns conhecem todos os defeitos e todas as falhas de caráter dos outros. Tudo se sabe sobre suas vidas íntimas.

A mãe dessa jovem era aleijada. Ela nunca viu sua mãe andar. No verão, eu via as crianças conduzirem sua mãe até o quintal. E lá ela se sentava durante todo o dia, em uma cadeira de rodas. Catarina foi concebida quando sua mãe era aleijada. O pai de Catarina era o bêbado da cidade. Não era mais bêbado do que eu. Eu bebi como ele muitas vezes. Porém, numa cidade pequena, quando se é um advogado ou um juiz, não o classificam de o bêbado da cidade. A sociedade impõe classificações diferentes para os bêbados que freqüentam o clube de campo e para os que bebem nos botequins.

Embora não soubesse disso naquela época, vim a saber mais tarde que quando Catarina fez 12 anos seu pai lhe deu, como presente de aniversário, um litro de vodca. Catarina e seu pai esvaziaram-no e ambos ficaram bêbados. A comunidade sabia que o pai de Catarina era um bêbado indigno e obsceno, do mesmo jeito que eu era quando estava bêbado. Ele costumava, ao vir para casa, agredir sua esposa em sua cadeira de rodas. Nunca fiz isso, porque minha esposa podia correr; além disso, eu tinha um filho, que é agora um de meus sócios na advocacia, que a protegeria.

A primeira vez em que mantive contato com Catarina, como juiz, foi quando seu pai a trouxe até mim para obter permissão para ela se casar. De acordo com a lei do Estado, ela não poderia casar-se sem o consentimento do Juizado de Menores daquela época, atualmente Vara de Família. Concedi a permissão e ela se casou.

Pouco depois de seu bebê haver nascido, tive, como juiz, novo contato com Catarina. Dessa vez, foi levada até mim pelo Departamento do Bem-Estar do condado, o qual a acusava de ser mãe negligente. Havia abundantes testemunhos que me convenceram de que não seria seguro a criança permanecer com a mãe. Retirei o bebê de Catarina e proferi despacho declarando-a incompetente como mãe. O marido de Catarina abandonou-a. Começou a circular com homens mais velhos. Assaltavam lojas de bebidas e postos de gasolina, dando a ela parte do roubo por lhes dar cobertura. Ela usava todo esse dinheiro para beber.

Agora ela estava em pé, diante de mim, no tribunal do condado, já se tendo declarado culpada em quatro acusações por delitos que lhe eram atribuídos. É altamente discutível se eu deveria ou não estar orgulhoso de meu recorde até aquela data. Ocupava o posto de juiz do condado já por 14 anos e jamais havia mandado uma só mulher para a prisão estadual. Eu conhecia o passado daquela jovem. Sabia que ela nunca tinha tido uma chance. Sabia que a prisão a tornaria pior em vez de melhor. Sabia que ela merecia uma oportunidade. Assim, condenei-a a não menos de dois e não mais do que cinco anos, em uma prisão de mulheres. Mas suspendi a execução de sentença, dependendo do seu bom comportamento, e coloquei-a em liberdade condicional por cinco anos.

Entre outras condições de sua liberdade, determinei que ela não poderia freqüentar bares e que, durante todo o tempo, deveria abster-se de ingerir bebidas alcoólicas. Claro que sei hoje que não se pode amedrontar um alcoólatra. Eu estava sempre demonstrando compaixão pelos alcoólatras. Naturalmente, todo alcoólatra mostra compaixão por qualquer outro alcoólatra. Eu achava que os alcoólatras podiam ser amedrontados. Costumava prolatar sentenças e, depois, suspender sua execução. Assim como agi com Catarina, agi com outras pessoas. E costumava dizer a mim mesmo, pois ainda não me conhecia ou não me entendia, que se eu tivesse uma sentença de prisão pendendo sobre minha cabeça, eu jamais, em nenhuma circunstância, tocaria em um pingão de álcool. Mas hoje sei que isso não é verdade.

É claro que Catarina, como qualquer outro alcoólatra, não parou de beber. Sua mãe tinha morrido. Sua avó também. Seu marido a abandonara. Ela não tinha lar. O Departamento do Bem-Estar lhe havia recusado qualquer assistência. Ela estava dormindo em qualquer lugar, ou com quem a aceitasse. Algumas vezes dormia em adegas, outras vezes em garagens e continuava a beber. Tornou-se exatamente como seu pai e exatamente como eu tinha sido – uma mesquinha e intratável bêbada. Meteu-se em discussões e brigas de botequins. Seus dentes todos tinham sido arrancados de sua boca.

Depois da segunda ou terceira detenção, o Departamento de Liberdade Condicional lavou suas mãos em relação a ela e, conseguindo um mandado de prisão, colocou-a na cadeia e recorreu ao promotor distrital. Este a trouxe à minha presença, requerendo que eu cancelasse a suspensão de execução da sentença e a mandasse, de acordo com o julgamento original, para a prisão feminina.

O que podia eu fazer com aquela criança? Eu sabia que ela era uma alcoólatra. O Departamento de Liberdade Condicional não queria mais saber dela. Ela não tinha um lugar para morar. Não tinha para onde ir. Eu sabia que ela não podia parar de beber. Eu jamais me havia visto em tão precária posição e, assim, adiei para mais tarde daquele mesmo dia a audiência.

Durante o recesso, pedi a Deus todo-poderoso que me iluminasse naquela importante decisão. Entrei em contato com a prisão feminina e perguntei ao diretor se havia ali reuniões de Alcoólicos Anônimos. Ele me perguntou qual a idade da jovem.

"Ela tem 16 anos."

"Não, não temos reuniões de Alcoólicos Anônimos para ninguém com menos de 30 anos."

Então pensei em Sueli, que me havia dado paraldeído em Oak Hill. Lembrei-me de sua história quando criança. Ela tinha ido para a cadeia e tido problemas com a polícia. Eu gostaria de saber se Sueli abrigaria aquela jovem. Telefonei a ela e contei-lhe a história de Catarina. Contei-lhe que a jovem não tinha dinheiro. O Estado não ofereceria a ela qualquer ajuda financeira. Ou alguém a tomaria sob sua custódia ou eu teria de mandá-la para a prisão.

Sueli respondeu: "Bill, eu não deixaria qualquer criança que fosse alcoólatra ir para a prisão. Traga-a para cá e tomaremos conta dela".

Gostaria de conseguir descrever a jovem enquanto eu estava comunicando minha decisão. Seus dentes tinham sido todos arrancados. Seu rosto estava sujo; não era lavado há meses. Seu cabelo estava todo embaraçado. Ela tinha grandes olhos castanhos, os maiores olhos castanhos que eu já vira. E eles estavam injetados de sangue. Suas mãos estavam tremendo pela falta de álcool.

Quando eu lhe disse que iria ser confinada em um centro de tratamento para alcoólatras, ela gritou, vociferou e deu pontapés. Ela preferia ir para a cadeia do que ser rotulada de alcoólatra. Essa não é uma reação incomum em um alcoólatra. Tenho visto isso muitas e muitas vezes. Tenho ouvido coisas assim muitas vezes na AA.

Levaram Catarina para Oak Hill. Demorou muito para que o amor de outros alcoólatras pudesse acender a chama de divindade que havia nela, precisamente como todo indivíduo que já nasceu neste mundo teve nele a centelha colocada por Deus. Aquela chama de divindade levou um longo tempo para brilhar. Mas chegou o dia em que ela estava pronta para admitir que era alcoólatra. Chegou o dia em que ela iria prestar seu primeiro depoimento em uma reunião da AA. Telefonou-me e pediu para que eu, por favor, estivesse presente.

Catarina tornou-se conhecida como o pequeno anjo de Oak Hill. Auxiliou centenas de alcoólatras a recobrar a sobriedade. Onde quer que eu fale em uma reunião de AA, alguém pergunta: "Como está a pequena Catarina?". Eu lhes falo sobre Catarina, que ela está casada com um agricultor. Eles trabalham juntos numa grande fazenda e têm uma bela família. Ele é um membro bastante respeitado em sua comunidade.

Cerca de quatro anos depois de ela ter ido para Oak Hill, Catarina e eu fomos ao tribunal novamente. Mas, desta vez, eu já estava aposentado como juiz e estava dedicando todo o meu trabalho à prática da advocacia. Iniciei uma ação, na Suprema Corte do Estado, para anular seu casamento anterior. Ela foi ao tribunal. Depôs sobre todos os acontecimentos de sua vida. Relatou sua infância. Contou sobre sua condenação por roubo. Contou como eu lhe tinha tomado a filha. Contou sobre sua reabilitação.

Com ela eu trouxe, como testemunha, a chefe do Departamento de Liberdade Condicional – a mulher que se havia recusado a mantê-la sob liberdade condicional; a mulher que tinha declarado que Catarina era uma depravada; a mulher que dissera que Catarina era, de longe, a pior pessoa que ela já tivera sob liberdade condicional. Ela testemunhou ao juiz que, em todos os seus 40 anos de

experiência no Departamento de Liberdade Condicional, nunca havia presenciado um milagre como o que acontecera com Catarina. Ela contou ao juiz que eu fora a única pessoa em todo este mundo que tinha depositado fé em Catarina.

O juiz concedeu a anulação. Devolveu a Catarina a guarda da criança que eu lhe havia anteriormente retirado. Quando ele o fez, na sala de audiências, Catarina abraçou-me e beijou-me na face. As grandes lágrimas que poucos anos antes tinham rolado por sua face e lavado a sujeira de seu rosto, agora rolavam por uma face bonita, por um rosto feliz.

Não sei quantos milhares de juizes há neste mundo, mas duvido muito que haja um só que já tenha experimentado a sensação de alegria que invade o coração de um homem quando uma jovem mulher, a quem ele tinha antes condenado à prisão, uma mulher cuja criança lhe tinha sido arrancada por ter sido considerada mãe negligente, abraça-o na sala de audiências e lhe diz o quanto o ama.

Depois que deixamos a sala de audiências, Catarina e eu estávamos com o oficial da liberdade condicional. Nesse momento, um oficial informou-me que o juiz desejava ver-me em seu escritório. Entrei em sua sala e o juiz disse-me: "Juiz, aquela menina é um milagre. É o maior milagre que já vi desde que me tornei juiz". E eu respondi: "Sim, juiz, ela é um milagre. E milhares de outros milagres lá fora, no mundo, poderiam ocorrer exatamente como este, se a sociedade apenas tentasse compreender o alcoolismo".

8

Preciso pedir a meus leitores, neste ponto, para voltar à proposição que tenho tentado explicar por todo este livro: que, enquanto o álcool aparecer em garrafas, o alcoolismo aparecerá em pessoas. Enquanto o uso excessivo do álcool apressa a completa destruição de todo indivíduo, a principal causa de sua infelicidade e de sua destruição final é ele ser detentor de certos defeitos de caráter e falhas de personalidade. Esses defeitos e falhas são muitos, mas o principal é aquele do qual todos os outros brotam: é o fato de o indivíduo ser absolutamente egocêntrico, o que resulta em arrogância e orgulho.

Estou também perfeitamente ciente do fato de que essa proposição será rejeitada pela maioria de meus leitores. É lamentável que pessoas egocêntricas, arrogantes e egoístas sejam completamente cegas para seu egocentrismo, arrogância e egoísmo. Estou também perfeitamente ciente de que qualquer um que tenha grandes objeções a essa afirmação e esteja absolutamente certo de que não é egocêntrico, arrogante e egoísta é aquele que necessita olhar para si mesmo com maior rigor. É por essa razão que eu, algumas vezes, desejaria saber se não estou perdendo meu tempo.

Admitindo, entretanto, que algumas pessoas vão ler um pouco mais, deixem-me agora demonstrar, da melhor maneira que sei, os efeitos do egocentrismo, da arrogância e do egoísmo. O indivíduo egocêntrico, a pessoa toda embrulhada em si mesma, como já disse, torna-se um pacote bem pequeno. É incapaz de se identificar com qualquer outra pessoa neste mundo. Como disse antes, a única

coisa de que tenho certeza que alguém vai me dizer, quando eu o visito para ajudá-lo com seu alcoolismo, é: "Bem, isso é maravilhoso, mas, você sabe, eu sou diferente".

A pessoa voltada completamente para si mesma e indiferente em relação a todas as outras pode, sem dúvida, jamais chegar a descobrir algo nos outros com que possa identificar-se. Essa é a razão por que, quando trazemos alguém novo para uma reunião da AA, pedimos-lhe para procurar identificar-se com quem está falando. Sabemos, quando lhe dizemos para tentar, que tarefa difícil estamos lhe pedindo para empreender. O alcoólatra não quer ser um alcoólatra e não quer identificar-se com ninguém. O alcoólatra tem uma enorme capacidade de racionalização e consegue sempre comparar a história que ouve com sua própria vida e apontar as diferenças. Ele quer fazer isso e pode fazê-lo. Portanto, ele o faz.

O problema é que, mesmo que tente fazer uma identificação, ele tenta identificar-se com lugares e acontecimentos em vez de com atitudes e emoções, em vez de identificar-se com falhas e defeitos de personalidade. Deixem-me contar-lhes duas histórias que são inteiramente diferentes, com diferentes acontecimentos, diferentes lugares, pessoas diferentes e diferentes tipos de pessoas, mas que, ainda assim, refletem o mesmo princípio.

A primeira história é sobre o meu mais próximo e mais querido companheiro da AA. Samuel e eu fomos criados na mesma cidade. Porém, vivemos em diferentes partes da cidade, em diferentes lados da estrada. Enquanto eu vivi em um lar decente e respeitável, e cercado por vizinhos também decentes e respeitáveis, meu amigo Samuel nasceu e foi criado em uma favela. Eu sabia que Samuel era um alcoólatra e Samuel sabia que eu também o era. Mas eu não sabia que eu era um alcoólatra e Samuel não sabia que ele também o era.

Samuel bebia nos botequins e eu nos lugares exclusivos, de alta classe. Mas, de vez em quando, Samuel e eu nos encontrávamos nos bares. Vocês sabem, eu bebia para ser aceito e notado. Começava nos lugares de alta classe e então, quando começava a ficar ruim, continuava caindo para lugares cada vez mais baixos. Finalmente, terminava nos botequins, onde pelo menos o pessoal podia me olhar, aceitar-me e dizer: "Ah, lá vem o juiz". Eu podia oferecer drinques para aqueles que não podiam pagar.

Um dia em que Samuel estava muito bêbado e foi a um bar, o garçom recusou-se a servir-lhe um trago porque ele parecia muito embriagado. Ninguém jamais se recusou a servir-me um drinque. Garçons não se recusam a servir juizes. Têm receio do que pode acontecer com seus alvarás. Hoje sei qual teria sido minha reação se alguém, algum garçom, se recusasse a me servir um drinque. Poderia muito bem ter sido a mesma reação que Samuel teve.

Ele apanhou um recipiente de vidro para amendoins que estava no balcão, no qual se podia inserir uma moeda e obter um punhado de amendoins salgados, e o atirou no garçom. O objeto atingiu-o na cabeça e ele morreu.

Samuel foi detido pela policia e indiciado, sob acusação de assassinato em primeiro grau. Foi trazido à minha presença para julgamento. Naturalmente, sempre tive grande compaixão por qualquer pessoa que cometesse um crime em estado de embriaguez, já que sabia as coisas que podiam acontecer quando se está

embriagado. Samuel ficou na prisão por muitos meses, aguardando julgamento. Eu consegui, com o promotor distrital, um acerto que pensei seria bom, muito bom, para Samuel. Em vez de se declarar culpado de assassinato em primeiro grau, ele teve permissão para acatar uma acusação por homicídio culposo e, assim, eu o condenei a um curto período na prisão.

Samuel foi para a cadeia. Contou-me que passou cada noite em sua cela planejando e tramando como, quando saísse da prisão, poderia me matar ou matar um ou mais de meus cinco filhos, para ajustar contas comigo.

Ele saiu da prisão, mas nunca encontrou ocasião propícia para executar seu plano. Muitos anos mais tarde, foi internado em um hospital de veteranos; lá disseram-lhe que ele era um alcoólatra e deveria ir à AA. Para encurtar a história, ele veio à AA e aqui Samuel e eu nos tornamos os mais chegados e queridos amigos.

Deixem-me contar-lhes apenas um caso da vida de Samuel. Quando soldado, durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses capturaram-no e o colocaram, com uma cavilha fincada em seus dois pés, em uma árvore, de cabeça para baixo. Eles o deixaram lá para morrer. Alguns soldados americanos que encontraram Samuel naquela condição retiraram-no da árvore e lhe disseram que tentasse voltar para suas linhas e para um hospital. Samuel teve de engatinhar durante noites.

Uma noite, enquanto se arrastava de volta a suas linhas, ele encontrou uma cabana japonesa e engatinhou para dentro dela. Na cabana encontrou 36 garrafas de saquê, uma bebida japonesa. Ao invés de tentar voltar para suas linhas, ao invés de se arrastar para um hospital onde pudesse salvar suas pernas e sua vida, o que vocês acham que Samuel fez? Se você é um alcoólatra, você sabe. Samuel ficou na cabana até consumir todas as 36 garrafas de saquê.

Por que Samuel fez coisa tão insana, tão ridícula?

Ele agiu assim porque foi acometido pela obsessão sobre a qual já falei, a obsessão que nos faz acreditar que o álcool é a coisa mais maravilhosa e mais gloriosa em todo o mundo. Que o álcool é o elixir da vida. Ele teve uma obsessão que o fez pensar que a coisa mais importante em toda a sua vida não era voltar para suas linhas, não era salvar suas pernas, não era salvar sua vida. A coisa mais importante em toda a sua vida era o saquê.

Agora, suponhamos que Samuel tivesse sido o principal orador na primeira reunião de AA a que eu compareci. Vocês pensam por um minuto que haveria alguma possibilidade de eu me identificar com ele? Eu nunca tinha sido um soldado. Nunca tinha sido capturado. Nunca tinha sido pendurado em uma árvore. Nunca precisei arrastar-me para chegar a um hospital. Eu era sempre transportado ao hospital em um Cadillac. Mas, hoje em dia, posso identificar-me com Samuel porque, tão logo minha mente se aclarou, recordei um fato que aconteceu nos primeiros estágios de meu alcoolismo, muito antes de eu aceitar que pudesse ter qualquer problema com a bebida. E é aqui que começa minha segunda história.

Quando eu era um jovem advogado, um grupo de homens procurou-me para intentar uma ação com base em uma lei, novinha em folha, decretada na administração de Franklin D. Roosevelt e conhecida como "Fair Labor Standards Act". Era a primeira vez na história do país que uma lei fixava o salário mínimo a

ser pago a um trabalhador empregado em comércio interestadual. Advoguei esse caso em todos os tribunais do Estado e fui derrotado em cada um deles. Como todo alcoólatra, ninguém jamais podia dizer-me que eu estava errado, e nenhum tribunal no Estado podia dizer-me que eu estava errado. Portanto, apelei para o Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Acontece que meu processo foi o primeiro a alcançar a Corte Suprema para discutir a constitucionalidade da "Fair Labor Standards Act". Portanto, quando veio o julgamento, o procurador geral dos Estados Unidos na administração de Franklin D. Roosevelt, profundamente interessado no resultado do caso, obviamente tinha interposto uma petição "amicus curiae".

Eu havia aprendido algum tempo antes que, quando tivesse alguma coisa importante para fazer, não deveria beber. Tinha descoberto, por meio de tentativas e fracassos, que quando eu bebia não trabalhava com capacidade total. Sabendo que o caso mais importante da minha vida estava para ser apreciado pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos, parei de beber cerca de três semanas antes de o caso ir a julgamento.

Eu tinha, no escritório, um sócio mais velho que, levando-me até o trem para Washington naquela manhã, observou: "Bill, você está bastante nervoso com esse caso, não está?".

"Sim, estou."

"Deixe-me dar-lhe apenas um conselho. Quando estiver em Washington e entrar naquela bela corte de justiça com toda sua glória e todo seu esplendor, e você vir aqueles nove anciãos ocuparem a cátedra, lembre-se apenas de uma coisa: cada um deles, sob aquelas becas pretas, tem um par de calças. E cada um tem de pôr suas calças em uma perna de cada vez quando se levanta de manhã."

Eu sustentei o caso contra o reitor de uma das mais famosas escolas de Direito do país. Depois que as alegações tinham terminado, o procurador geral e o corregedor geral vieram até mim e me congratularam pelo meu esplêndido desempenho aquela manhã no tribunal. Convidaram-me para, antes que voltasse para casa, almoçar com eles.

Ora, se você não é advogado e se não tiver praticado advocacia antes dos dias de John Mitchell, não pode imaginar o que significa para um jovem advogado do campo aquela oportunidade de almoçar com o corregedor geral e o procurador geral dos Estados Unidos. Aquele era, sem dúvida, o convite mais importante, a coisa mais importante que já havia acontecido em minha vida. O que acham que fiz? Agradei ao procurador geral o convite, mas disse-lhe que não poderia aceitá-lo. Eu tinha de tomar o trem das 2 horas da tarde, de volta para casa.

Saí da Corte Suprema, desci os degraus do prédio do Supremo Tribunal, peguei um táxi e instruí o motorista para que me levasse ao bar mais próximo. Reparem, para preparar-me para aquele caso eu, por três semanas, abster-me da coisa mais importante de toda a minha vida. Abster-me do elixir da vida. Em vez de ir almoçar com o corregedor geral e o procurador geral dos Estados Unidos, fui a um bar. Não tomei o trem das 2 horas da tarde de volta para casa.

Três, quatro ou cinco dias mais tarde, apareci em casa na maior ressaca, com os olhos injetados, o rosto inchado e as mãos trêmulas, com vergonha de entrar.

Meus filhos e minha mulher, ao invés de estarem orgulhosos pelo que seu pai e marido tinha feito, estavam profundamente envergonhados de mim. Tive que mentir-lhes sobre o que havia acontecido. E me sentia, é claro, incapaz de convencê-los da mentira.

Agora posso identificar-me com Samuel, porque as mesmas emoções, as mesmas reações, a mesma obsessão que forçou Samuel a ficar na cabana e consumir 36 garrafas de saquê fizeram-me recusar o convite mais importante de minha vida.

Muitos anos atrás, quando fui eleito para o cargo de juiz de meu condado, eu era o primeiro membro do meu partido político a ser eleito para esse cargo em toda aquela geração. Foi uma grande façanha. No dia em que prestei o juramento para tomar posse do cargo, estava cercado pelos membros de minha família. O salão do tribunal estava lotado por advogados e pelos chamados dignatários da comunidade. Repórteres lá estavam, com seus "flashes" espoucando. A cátedra estava coberta de flores. Eu estava muito orgulhoso daquela ocasião. Meus filhos e minha mulher estavam muito orgulhosos de mim.

Mas, o que faz um alcoólatra quando uma coisa importante ocorre em sua vida? Ele tem de celebrar. Portanto, ofereci um jantar, para o qual convidei todos os meus amigos e toda a minha família, e servimos champanhe. O que aconteceu naquela noite, é claro, foi que eu me embeguei e fiquei sarcástico, intratável e violento. Meus filhos e minha família ficaram com vergonha de mim. Na manhã seguinte, quando me levantei, estava transbordando de ódio de mim mesmo.

Um quarto de século se foi, muitos anos foram passados na AA aprendendo sobre alcoolismo, aprendendo sobre mim mesmo. Convenci o xerife do meu condado a permitir à AA manter reuniões na prisão, a qual ficava no edifício do tribunal. A primeira reunião foi realizada em uma sala diretamente abaixo do salão onde, 25 anos antes, eu fora empossado como juiz do condado. Nessa sala da AA, eu não estava cercado por dignatários e advogados, mas por detentos, meus companheiros da Alcoólicos Anônimos.

Um dos oradores em uma daquelas reuniões foi meu amigo Samuel. Ele contou sua história. Contou como eu o tinha condenado à prisão. Contou sobre as horas que passou, na cadeia, planejando e tramando como me matar. Contou sua lenta recuperação do alcoolismo e como ele tinha aprendido a me amar. E contou como, na AA, tinha aprendido que – durante todos aqueles anos horríveis que tinha passado na prisão, cheio de ódio, tristeza, autopiedade, medo e ressentimento – o juiz que o havia condenado, sentado em sua cátedra, morando em uma mansão, tinha, como ele, sofrido os mesmos remorsos, os mesmos ódios, os mesmos medos, as mesmas culpas e os mesmos ressentimentos.

Quando voltei para minha família, depois da primeira reunião na prisão, eu estava cercado pela mesma esposa e pelos mesmos cinco filhos. E, naquela ocasião, estava cercado também por um grande número de netos. Na ceia daquela noite, minha esposa, meus filhos e meus netos estavam muito mais orgulhosos de mim do que estavam no dia em que prestei juramento como juiz de meu condado.

Na manhã seguinte, em vez de estar repleto de remorso e pesar, estava repleto da coisa mais importante que um homem pode sentir em todo este mundo: estava transbordando de respeito próprio.

Este é somente um dos muitos exemplos em minha vida que me levam a estar cheio de gratidão por ser um alcoólatra.

9

Deus todo-poderoso tem sido muito bom para mim, e acho que sei por quê. Hoje, acho que sei por que ele tem sido tão bom para mim. Porque, vejam bem, eu nasci no dia 4 de outubro, o qual, de acordo com o calendário católico, é o dia de São Francisco de Assis. Por ter nascido no dia de São Francisco de Assis, minha mãe me fez, quando criança, aprender aquela linda oração de São Francisco. Estou certo de que, se minha mãe tivesse sabido que essa oração tinha sido escrita por um pastor protestante, nunca teria permitido que eu a aprendesse, mas ela não sabia. E eu a aprendi.

Enquanto jovem, recitei a oração muitas e muitas vezes. "Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver sombra, que eu leve a luz. E onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Senhor, fazei com que eu consiga mais consolar do que ser consolado, compreender do que ser compreendido, amar do que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna" .

Rezei essa oração muitas vezes em minha infância e em minha adolescência. E então o álcool tomou conta de minha vida e eu fiquei cheio de ódio, medo e ressentimentos. Perdi todo o respeito próprio. Odiei a mim mesmo e amaldiçoei o Deus que me criou, porque ele me tinha feito um irlandês que não podia usufruir do elixir da vida. Esqueci tudo sobre a oração de São Francisco de Assis. Como, em nome de Deus, poderia eu um dia transformar-me em um instrumento de sua paz?

Então, cheguei ao programa da AA e, por intermédio dos abandonados deste mundo, dos ex-convictos e da gente que a sociedade chama de escória da terra, aprendi que é dando que recebemos. Que é perdoando que somos perdoados. Que é amando que somos amados. E que é morrendo que nascemos para a vida eterna.

Aprendi que, algumas vezes, leva um longo, longo tempo para que nossas orações sejam atendidas. Mas acredito hoje, e creio de todo o meu coração, que a oração que rezei quando criança foi atendida 30 ou 40 anos mais tarde. Que eu me tornei um instrumento da paz de Deus. Que Deus tinha atendido minha oração. Mas, para fazer-me um instrumento de sua paz, Deus primeiro teve de me fazer um alcoólatra. Portanto, essa é exatamente outra razão para que eu agradeça a Deus, todas as noites de minha vida, por ser um alcoólatra.

Senti um grande interesse pela vida de São Francisco de Assis. Li todas as biografias e os livros sobre sua vida que conseguia obter. Finalmente, ao ler tudo

aquilo, cheguei à conclusão de que São Francisco de Assis era também um alcoólatra. Sei quão chocante essa afirmação deve parecer para aqueles que se dizem profundamente religiosos. Bem sei que, por fazer essa afirmação, muita gente vai imediatamente fechar este livro e nunca mais ler uma linha sequer.

Deixem-me dizer-lhes, a vocês que estão prestes a fechar este livro: quem pensa ser um sacrilégio dizer que um santo é alcoólatra, age assim por não saber o que significa o alcoolismo. Muita gente, hoje em dia, sabe que o alcoolismo é uma doença. Mas a maioria acredita que é uma doença que não pode atacar um religioso. Vamos examinar, por um momento, quão irracional é essa crença. Se o alcoolismo é uma doença que pode afligir um ser humano, se santos são seres humanos, então por que não poderia um santo ser portador dessa doença?

Leiam, se o desejarem, como eu o fiz, a vida de São Francisco de Assis. Vocês vão descobrir que, em certa época de sua vida, ele esteve muito doente. Leiam como Katzenbach descreve o tipo de doença que o acometeu. Ouçam as histórias de alcoólatras, que contam sobre a doença que tiveram, e vocês vão concluir que São Francisco de Assis tinha os mesmos sintomas, as mesmas reações, as mesmas emoções que teve qualquer alcoólatra que já passou por este mundo.

Durante essa doença, São Francisco teve uma visão. Uma visão de que Cristo veio até seu quarto e lhe falou. Ele disse que ia deixá-lo recuperar-se daquela doença e que, quando o fizesse, queria que ele devotasse sua vida a ajudar os outros. Durante a visão, deu-lhe instruções sobre o que poderia fazer. Falou-lhe de uma igreja, distante muitas milhas, que estava arruinada e caindo aos pedaços. E disse-lhe que, assim que se recuperasse, a primeira coisa que deveria fazer seria encontrar aquela igreja e ajudar a reconstruí-la e a restaurá-la.

São Francisco recuperou-se e, com o Irmão Léo, viajou e encontrou a igreja. Ela estava desmoronando. Eles tinham trazido martelos, serras e pregos. Estavam trabalhando na igreja quando o velho padre que morava na casa paroquial, nas vizinhanças, ouviu o barulho e foi até a igreja. Lá encontrou Francisco e Léo trabalhando. Ele lhes perguntou: "O que estão fazendo?". Eles responderam: "Viemos para reconstruir esta igreja". O velho padre perguntou a Francisco: "Quem é você?". E Francisco disse, "Eu sou Francisco _____".

O velho padre conhecia o pai de Francisco, um rico comerciante de seda, na Itália. Ele disse: "É você o filho devasso e bêbado de _____? O filho que vai de taverna em taverna cantando para mulheres promíscuas, tocando seu violão?". Francisco disse: "Sim, esse aí é exatamente quem sou". Ao que o velho padre replicou: "O que, em nome de Deus, poderia o Todo-Poderoso esperar de alguém como você?". Ao que São Francisco fez essa grande observação: "Padre, não é o que o Todo-Poderoso pode esperar de alguém como eu. É o que posso eu esperar do Todo-Poderoso".

Então compreendi que nunca poderia esperar ser um instrumento da paz de Deus, mas Deus bem que podia esperar que eu me tornasse um instrumento de sua paz. Eu acho que me tornei, e esta é a razão por que estou escrevendo este livro: para mostrar por que estou feliz por ser um alcoólatra. É por isso que cada noite eu

agradeço a meu Deus por fazer de mim um instrumento de sua paz. Para isso, ele teve que deixar que eu me tornasse um alcoólatra.

10

Em meus dias de bebedeira, muitas vezes, após passar por um período de embriaguez, minha esposa e eu discutíamos meu problema. Ela costumava dizer: "Bill, simplesmente não sei o que vai acontecer com você. Não sei o que vai nos acontecer e a toda a nossa família, se você não fizer alguma coisa sobre sua bebida". E eu respondia: "Sim, eu sei. É uma terrível, terrível aflição. Por alguma razão, Deus amaldiçoou os irlandeses".

Mas então eu acrescentava: "Você sabe, há uma coisa boa". Ela respondia: "Não, não há nenhuma coisa boa quanto a isso". Eu dizia: "Sim, há. Há uma coisa muito boa. Nós temos cinco filhos. E esses cinco filhos têm visto com seus próprios olhos o que a bebida faz aos irlandeses. Eles são metade irlandeses e eles nunca beberão".

Eu era como a maioria das pessoas no mundo. Não sabia absolutamente nada sobre alcoolismo. Estava tão enganado sobre isso como estava sobre cada uma das fases do alcoolismo. Porém, estou plenamente convencido de que ninguém neste mundo já parou de beber, ou nunca bebeu, por causa do que viu acontecer a algum outro.

As fileiras da Alcoólicos Anônimos estão cheias de homens e mulheres que, quando crianças, juraram a si próprios e a Deus que nunca em sua vida iriam tomar um drinque, tendo em vista suas terríveis experiências na infância, vivendo com um ou ambos os pais alcoólatras. Portanto, o que ocorreu com minha família não foi diferente do que aconteceu, ou tem acontecido, com as famílias de todo alcoólatra que já viveu.

Qualquer um que tenha vários filhos já deve ter observado que cada um é diferente do outro. Cada qual tem sua própria disposição e sua própria personalidade. Em muitos casos, tais diferenças são radicais. Quando alguém se torna avô e vê seus netos crescerem e os observa criticamente, é capaz de entender por que isso é assim. O fato é que herdamos traços de muitas pessoas.

Deus me abençoou com cinco filhos e 11 netos. Minha filha Maureen herdou mais meus traços, minhas características, minha personalidade, do que qualquer um dos outros. A única coisa que, pelo que observei, ela herdou da família de minha esposa e seus antepassados foi certa aparência física. Ela era uma garota realmente bonita. Em todos os outros aspectos, era como um pedaço tirado de mim.

Era impetuosa. Nunca estava satisfeita. Tinha uma energia espantosa. Estava sempre tomada por excessivo bom humor ou por excessivo mau humor. Ela amava como eu, odiava como eu. Adorava música e dança. Era obcecada por diversão. Era dotada de um dos maiores sentidos de humor que já conheci. Estava sempre correndo com sua carruagem em direção a uma estrela. Se não atingia aquela estrela, caía em profunda depressão. Não podia suportar uma derrota. Ela foi a

garota que atravessou a rua correndo e arrancou o médico de seu paciente e o trouxe para o meu lado, naquela noite em que desmaiei com uma convulsão alcoólica. Ela salvou minha vida.

Quando parei de beber e entrei para a AA, Maureen começou a beber. A progressão do alcoolismo foi muito rápida em sua vida. Ela era exatamente como eu, mesmo quando não estava bebendo, e o álcool tinha o mesmo efeito sobre ela que tinha sobre mim. Ele me tornou mesquinho, vil e intratável. Ele tornou Maureen mesquinha, vil e intratável. Seus irmãos e irmãs mais velhos, que me haviam observado durante os anos em que eu bebia, podiam dizer o quanto ela era como eu. Eles, milhares de vezes, alertavam-me para o fato de que "ela era como uma lasca da velha árvore". Devo muito a Maureen, não somente porque salvou a minha vida, mas porque eu conseguia me ver bêbado ao olhar para ela.

O álcool embota a mente e os sentidos. Provoca lapsos de memória. Nós temos o que é conhecido na AA como "apagamentos". A maioria dos alcoólatras não têm a mínima idéia de quão mal agiram enquanto se encontravam embriagados. O fato é que tudo o que um indivíduo embriagado faz enquanto está naquele estado lhe parece absolutamente apropriado, não importa quão estranho ou amedrontador isso possa lhe parecer no dia seguinte. Durante seu estado de embriaguez, tudo lhe parece perfeitamente adequado. Portanto, observar Maureen quando estava embriagada, durante todos os anos em que estive embriagada, foi para mim uma tremenda lição a respeito do que eu tinha sido e de como tinha agido. Eu tinha um lembrete constante: ela está fazendo o mesmo, agindo do mesmo modo que você quando bebia.

Há um estranho fenômeno sobre alcoolismo que eu não compreendo e que não consigo explicar, mas que sei que ocorre. É que, embora seja necessário um alcoólatra para ajudar outro, nenhum alcoólatra jamais foi capaz de ajudar outro alcoólatra que seja também membro de sua própria família. Eu tentei ajudar Maureen. Mesmo depois de todo o resto da família ter lavado as mãos em relação a ela, permaneci ao seu lado porque sabia qual era a dimensão do seu problema. Eu sabia onde encontrar a ajuda. Ninguém jamais tentou ajudar outro alcoólatra mais do que tentei ajudar Maureen.

Um dia, Maureen deixou seu marido e trouxe seu filho para minha casa. Ela estava num estado desesperador. Doente, tão doente quanto qualquer alcoólatra que eu já tinha visto. Tentei persuadi-la a ir para um centro de tratamento para alcoólatras. Finalmente, ela me encarou e disse: "Está bem, eu vou para Oak Hill, onde você estava, mas só se puder levar meu bebê comigo". O bebê, Nugget, tinha pouco mais de um ano, naquela época, e estava aprendendo a andar.

Mal ela pronunciou tais palavras, estava eu ao telefone falando com Sueli, que dirigiu Oak Hill. Tinha conversado com Sueli diversas vezes sobre como poderia auxiliar minha filha Maureen. Falei: "Maureen diz que irá a Oak Hill, mas só se puder levar Nugget com ela". Ao que Sueli respondeu: "Bem, traga ambos imediatamente. A pequena Catarina ficará feliz por tomar conta de Nugget". Catarina, vocês devem estar lembrados, era a garota de quem eu tomei o bebê por considerá-la mãe negligente – Catarina, a garota que se transformou no anjo de Oak Hill.

Levei ambos a Oak Hill e entreguei meu neto aos cuidados da garota cujo bebê eu tinha tirado porque ela fora considerada mãe incompetente. Catarina freqüentara a mesma escola que Maureen e ambas tinham a mesma idade. Ela sempre odiara Maureen porque esta vivia em uma linda casa e dirigia seu próprio carro. Catarina, Maureen e Nugget ocuparam o mesmo quarto em Oak Hill e, pouco a pouco, a pequena Catarina conseguiu transmitir a Maureen o amor de Deus que tinha sido dado a ela por outros alcoólatras. Maureen acabou admitindo que era uma alcoólatra e, finalmente, tornou-se membro da Alcoólicos Anônimos.

O segundo bebê de Maureen nasceu enquanto ela estava em Oak Hill. Foi a pequena Catarina quem ficou com ela na sala de parto e segurou sua mão. Foi a pequena Catarina quem levou Tom Júnior à igreja para ser batizado. Foi Sueli quem batizou o bebê.

Depois disso, Maureen, Catarina e eu falamos juntos nas reuniões da AA. Tornei-me conhecido como o juiz que tinha duas filhas que eram alcoólatras e membros da Alcoólicos Anônimos, porque Catarina sempre se referia a mim como "meu paizinho juiz".

Maureen deu alguns depoimentos maravilhosos na AA. Ajudou grande número de pessoas, porque ela tinha meu dom da oratória e a beleza da mãe. Mas era o mesmo tipo de depoimento que eu tinha dado durante meus primeiros três anos de participação na AA, quando pensava que a única coisa que havia de errado comigo era eu ser fisicamente dependente do álcool. Ela sempre dizia em seus depoimentos: "Papai diz que é feliz por ser um alcoólatra. Mas eu não sou. Sou feliz porque ele o é, porque, se ele não o fosse, eu nunca teria sabido que também sou. Mas, com toda a certeza, eu não sou feliz por ser uma alcoólatra".

Vejam, ela tinha admitido que era alcoólatra, mas não tinha aceitado isso. E há toda a diferença no mundo entre admitir-se que se é alcoólatra e aceitar tal fato. Uma das razões por que estou escrevendo este livro é para tentar convencer as pessoas que chegam ao ponto de admitir que são alcoólatras para, que, por favor, em nome de Deus, tentem aprender a aceitar as coisas que não podem ser modificadas e aceitem o fato de que são alcoólatras. Porque eu sei, hoje, que não se pode salvar nossa vida somente admitindo que se é alcoólatra.

Bem, Maureen permaneceu abstinência por longos períodos, do mesmo modo que eu tinha ficado abstinência por longos períodos bem antes de ter chegado à AA. E ela acreditava, como eu tinha acreditado, que quando não estava bebendo, estava sóbria. Mas, durante aqueles períodos, nós não estávamos sóbrios. Estávamos abstinências, porque não tínhamos aprendido a lidar com a vida. Portanto, ela continuou tendo recaídas e eu tive de levá-la de volta a Oak Hill muitas vezes para desintoxicá-la.

Quatorze anos depois de eu ter tomado meu último drinque, ela voltou para Oak Hill. Enquanto estava bem, em seu caminho para a recuperação, ela teve pneumonia estafilocócica e entrou em coma. Nós a levamos rapidamente ao hospital. Ela teve os melhores médicos e os melhores cuidados que se podia conseguir. Os médicos disseram-me que ela não iria recuperar-se.

Não acreditei neles. Eu disse que médicos não conheciam a coragem, a determinação e as qualidades de luta de um alcoólatra. Ela vai melhorar. Ela é

como eu. Ela é exatamente como eu. Ela recebeu os últimos sacramentos de sua igreja e vai viver, vai prosseguir e vai levar adiante esta bela mensagem da Alcoólicos Anônimos, mesmo depois que eu tiver partido para o além. Mas eu estava errado. Ela morreu. Quando morreu, grande parte de mim morreu junto.

Ao receber a notícia de sua morte, corri para um quarto em minha casa. Bati com os punhos na mesa. Chorei como um bebê. Afundei-me de novo no tipo de pensamento sobre Deus que eu tinha quando cheguei à AA. Exclamei: "Por que, por que, oh, Deus, o Senhor me abandonou? Por que, depois de todo o bem que tenho feito a toda a gente que tenho ajudado, por que o Senhor levou a pessoa que mais que a qualquer outra eu queria ajudar? Por que o Senhor a levou de mim?"

Enquanto estava martelando meus punhos na mesa, um pensamento me veio à mente. Eu disse: "Bill, você viajou por todo este país. Você falou diante de milhares de pessoas e, em cada lugar a que tem ido, você tem sempre dito: 'Não importa o que lhe aconteça, você não tem que beber'. Você realmente quis dizer aquilo ou foi apenas um pouco mais de sua eloquência?"

Porque, vejam, eu tinha mentido, tinha enganado, tinha fingido por tantos anos que, mesmo depois de 14 anos frequentando a AA, eu não estava absolutamente certo de que, no fundo de minha essência, haveria alguma coisa sobre mim que fosse absolutamente sincera. Mas, minutos após a notícia da morte de Maureen, minha casa estava cheia de gente.

E quem eram? Os advogados, os juizes, os médicos, os professores do colégio, os padres, os clérigos, as pessoas da alta sociedade com as quais eu tinha passado a maior parte da minha vida? Não. Eram as pessoas com as quais eu não tinha querido me associar. Os alcoólatras, homens que tinham passado suas vidas na cadeia e na prisão. Homens e mulheres que achei estarem abaixo de mim. Homens e mulheres dos quais eu não queria aproximar-me.

Eles seguraram minhas mãos, me abraçaram e me beijaram. Todos eles recitaram, enquanto passavam pela porta, a Oração da Serenidade: "Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar". Certamente não há nada em todo este mundo que seja mais imutável do que a morte. Um dos companheiros que seguraram minha mão com mais força, e cujas lágrimas rolaram sem cessar por sua face, foi Samuel, o companheiro que passou anos numa cela da prisão planejando como matar-me.

Cartas e mensagens de pêsames, cartões e flores chegaram de todas as partes do mundo. Isso não é exagero porque, vejam, algumas das fitas gravadas de algumas das palestras que eu tinha feito em várias convenções da AA tinham sido traduzidas para outras línguas, e me contaram que eu tinha ajudado a tornar sóbrias pessoas, em outras partes do mundo. Sei que isso era verdade, porque eu estava recebendo cartas e grande volume de cartões de pessoas que nunca conheci.

Essas pessoas ficaram comigo não somente na noite da morte de Maureen; ficaram ao meu lado enquanto levamos seu corpo para a igreja e enquanto transportamos seu corpo para o cemitério. Essas pessoas continuaram a caminhar comigo enquanto vaguei pelo vale das sombras da morte. E eu sei o que quer dizer "O bastão dele e o bordão dele, eles me confortam". Porque foram meus amigos da

AA que caminharam comigo pelo vale das sombras da morte. Foram aquelas pessoas que me confortaram.

Antes de chegar à AA, pensei ter mais amigos que qualquer outro em meu condado. Pensava assim por ter sido expressivamente eleito num condado em que nenhum membro do meu partido político, teoricamente, teria qualquer chance de ser eleito. Mas agora eu sei o que é um amigo. Ensinarão-me na AA o que é um amigo. Um amigo é alguém que sabe tudo sobre você e ainda assim o ama. E as únicas pessoas em todo este mundo que sabiam tudo sobre mim eram meus companheiros da AA. Porque, notem bem, eu estava tão envergonhado do que era, quando vim para a AA, que tinha receio de deixar qualquer pessoa – minha mãe, minha irmã, minha esposa, meus filhos, qualquer um – saber exatamente o que eu era, o que pensava e no que acreditava. Mas meus amigos da AA sabiam tudo sobre mim e eles me provaram, na hora da morte, que me amavam. Essa é justamente outra razão para eu me sentir feliz por ser um alcoólatra.

Enquanto permanecemos no cemitério, naquele dia terrível, olhei por cima do caixão para o outro lado do túmulo. Lá estava a garota dos grandes olhos castanhos, agora com o rosto limpo. As mesmas lágrimas abundantes que estavam agora rolando por sua face limpa e bonita anos atrás tinham rolado por um rosto sujo, em meu escritório. Ali, diante do túmulo da minha filha, eu aprendi sobre lágrimas. Há lágrimas de ódio e lágrimas de medo. Há lágrimas de riso, lágrimas de tristeza e lágrimas de amor. O mesmo ser humano é capaz de produzir lágrimas de cada uma dessas emoções. Aprendi, também, que Deus desejou que nós ríssemos e que nós chorássemos. Também aprendi que se você é muito grande para chorar, é também muito pequeno para ficar sóbrio.

Todos os dias de minha vida vejo jovens como Maureen, que vêm às reuniões de AA. Eles estão procurando as mesmas coisas que ela procurou mas não encontrou. Estão buscando felicidade, paz de espírito, serenidade e respeito próprio. Se eu puder ajudar algumas dessas pessoas, então acredito firmemente que Maureen não morreu em vão. Portanto, tenho dedicado minha vida a ajudar aqueles que se encontram na mesma situação em que me encontrei um dia e na qual Maureen se encontrava: procurando, procurando, buscando felicidade, contentamento, paz de espírito, respeito próprio. Esta é a principal razão por que estou escrevendo este livro.

* * *

Meu amigo Luís é membro da Alcoólicos Anônimos. Luís tinha uma esposa que estava sempre fazendo com que ele fosse preso. Sempre levando-o diante de um juiz e sempre provocando sua prisão. Depois que Luís tinha sido levado à presença do mesmo juiz que me sucedeu após minha aposentadoria, a secretária desse juiz, que tinha sido minha secretária e a quem eu tinha confiado meu problema e minha filiação à AA, depois de ter estado no tribunal inúmeras vezes, chamou Luís para seu próprio escritório e disse: "Luís, você acha que tem algum problema com a bebida?".

Luís respondeu: "Pode ser que eu tenha".

Ela disse: "Bem, se algum dia você quiser fazer alguma coisa sobre isso, posso lhe dar o nome de um homem que poderia ajudá-lo".

Estou certo de que não foi sabedoria de sua parte, já que ela conhecia muito pouco sobre alcoolismo, o que a impediu de dizer a Luís que o homem a quem ela se referia era membro da AA. Estou certo de que não foi sabedoria que a impediu de dizer a ele que eu tinha sido juiz daquela Corte. Ela disse: "Há um homem". E escreveu meu nome e o número de meu telefone. Luís colocou o cartão no bolso e, dois anos mais tarde, quando chegou ao ponto de absoluto desespero, sobre o qual estamos falando neste livro, ele me chamou. Ele se tornou membro da AA e, como resultado, veio a trabalhar em meu escritório de advocacia. Assim, Luís e eu nos tornamos amigos muito íntimos.

Depois que Maureen morreu, Luís vinha a minha casa todas as noites e me arrastava para as reuniões da AA, justamente como eu, anos antes, o tinha arrastado para as reuniões da AA. Porque, assim como eu sabia quando ele precisava de reuniões, reuniões, e mais reuniões, ele também tinha aprendido que, não importa há quanto tempo um homem esteja afastado da bebida, o alcoólatra, quando em depressão, precisa de reuniões, reuniões e mais reuniões. Portanto, olhando para trás, agora sei que, do mesmo modo que eu tinha participado da salvação de sua vida, ele também tinha uma grande participação na salvação da minha.

Justamente como eu tive, certa vez, de persuadir Luís a se levantar e a falar, ele ficou me persuadindo a me levantar e a falar. Mas eu não queria falar, porque me sentia muito triste e sabia que a coisa que mais iria impressionar os alcoólatras que eram novos nas reuniões era que talvez pudesse haver alguma felicidade, algum prazer, na vida, sem o álcool. Essa é a coisa mais difícil de se vender ao alcoólatra porque, como tem sido apontado, nós temos essa obsessão a nos fazer acreditar que, sem bebida, a vida não vale a pena.

Mas, uma noite, ele me convenceu a ir a uma prisão para falar aos presidiários em uma reunião da AA. Para um estranho, não importa quem seja, ser admitido em qualquer das prisões estaduais, tem de passar antes por um detector que faz soar uma campainha caso esteja portando qualquer tipo de metal. Antes de passar pela máquina, tirei toda espécie de objeto metálico que pude encontrar em meus bolsos e os coloquei sobre a mesa. Quando passei pelo detector, a campainha soou e tive de voltar. O guarda disse: "Você deve estar com algum tipo de metal".

Respondi: "Não, não tenho qualquer tipo de metal comigo, de modo algum".

"Bem, você deve ter, porque a campainha soou." Finalmente, o guarda perguntou-me: "Você tem cigarros em seu bolso?".

"Sim, tenho cigarros, mas o que há de errado com isso?".

"A folha de papel aluminizado usada para embrulhar os cigarros, algumas vezes, faz com que a campainha soe." Tirei o cigarro de meu bolso e passei pelo detector, sendo finalmente admitido na prisão.

Quando minha filha Maureen morreu, deixou três filhos pequenos. Um tinha 11 anos, outro 9 e o último, 4. Naquele tempo, eu tinha aceitado as coisas que não podia modificar. Tinha aceitado o fato de que ela tinha morrido e de que nada que eu pudesse fazer mudaria isso. Eu estava também trabalhando na outra parte da

Oração da Serenidade: "Ter a coragem para modificar as coisas que eu posso". Estava determinado a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para dar a essas três crianças, que ela tinha deixado, toda a felicidade e toda a alegria que ela tanto quisera lhes ter dado. Assim, elas estavam morando com minha esposa e comigo. Quando retomei da prisão para casa e as crianças souberam que eu quase não pudera entrar porque carregava cigarros em meu bolso, elas fizeram a maior gozação comigo.

Dois meses mais tarde, no Dia de Ação de Graças, decidimos levar as três crianças para visitar três outros de nossos netos, que moravam no Estado de Maine. Elas nunca tinham viajado de avião e decidimos voar de Boston ao Maine. Aqueles que já estiveram no aeroporto de Boston sabem que é um aeroporto muito grande e movimentado, com centenas e centenas de pessoas andando de um lado para outro. Antes de embarcar, é preciso passar exatamente pelo mesmo tipo de detector de metal que existe na prisão e sobre o qual eu tinha falado às crianças.

Enquanto eu passava pela máquina, aconteceu-me a mesma coisa que tinha acontecido na prisão. Isso ocorreu exatamente quando tinha havido um grande número de seqüestros de aviões. Quando o pessoal no aeroporto de Boston ouviu a campainha disparar e viu dois guardas se aproximarem, me agarrarem, empurrarem-me para um canto e começarem a me revistar, pessoas começaram a se juntar à minha volta. Todas queriam ver qual a aparência de um seqüestrador.

Os três meninos tinham passado pela portinhola, na minha frente. Flavinho, que permaneceu atrás da multidão, viu o que estava me acontecendo e berrou: "Vovô, vovô, provavelmente são os cigarros. Lembre-se do que lhe aconteceu quando o senhor foi para a prisão".

Bem, a multidão no terminal de Boston riu. Os guardas que estavam me revistando riram, e eu ri. E quando embarcamos no avião, abracei Flavinho, apertei-o e beijei-o, porque sabia que ele me amava.

Aquele acontecimento provou-me, sem sombra de dúvida, que o que eu ouvira na AA por tantos anos estava absolutamente certo. Que AA não significa somente Alcoólicos Anônimos, mas também representa atitudes alteradas. Porque, tendo feito muitas vezes um destemido inventário moral de mim mesmo, eu pude me visualizar nos dias em que bebia, quando estava fingindo ser o grande e maravilhoso juiz do condado, o grande e importante advogado criminal. Pude imaginar que atitude eu teria tomado em relação àquele garoto se, naquele tempo, ele tivesse gritado no meio de tantos estranhos: "Lembre-se do que lhe aconteceu quando o senhor foi para a prisão".

Enquanto estávamos voando sobre o porto de Boston, eu me senti grato ao pessoal da Alcoólicos Anônimos em Massachusetts, e especialmente ao homem que me deu o poema "O Homem no Espelho", dizendo-me: "Olhe aqui, um sujeito como o senhor deveria lê-lo muitas vezes". Naquele dia, eu estava certo de que tinha ultrapassado uma das metas estabelecidas em dois dos versos do poema, que dizem: "E você terá superado seu mais difícil e perigoso teste, quando o homem no espelho se mostrar seu amigo".

Uma das razões por que me considero feliz por ser um alcoólatra é que, de minha participação na AA, tenho desfrutado dos benefícios de um riso sincero.

Alguém disse certa vez que rir é bom para a alma. E eu acrescento que é bom também para o corpo. O riso cura. Remove, ou pelo menos ameniza, temporariamente, as dores do medo, do remorso, do arrependimento e do ódio. Uma das razões pelas quais bebemos é que somos burlados pela falsa impressão de que, em lugares onde há bebida, há risos. Entrem em qualquer bar, compareçam a qualquer grande coquetel, e os sons que vêm do bar ou da festa são sons que parecem ser de risos.

Mas, realmente, depois que se fica sóbrio e se dá uma boa risada sincera, compreende-se que aqueles de modo algum são risos. É o som pretensioso que vem das cordas vocais de pessoas doentes e solitárias, que encontram conforto nas feridas de outros palhaços – o insulto cruel que um palhaço descarrega em cima de outro palhaço, a dor que ele transmite ao outro palhaço, o qual é conhecido como sarcasmo. É o bobo que ri quando alguém cai em sua armadilha. O homem feliz é aquele que consegue rir de suas próprias feridas e de seus próprios erros. Kipling colocou isso muito bem quando disse: "O homem que vale é aquele que consegue rir quando tudo lhe dá errado".

Sempre que sou convocado para falar em comemorações, tento contribuir para a felicidade da ocasião contando algumas das experiências de minha vida que eu, quando aconteceram, pensei terem sido horríveis, mas das quais agora posso rir. Uma das histórias que conto é uma que descreve a compulsão física que o álcool cria.

Compulsão não é o mesmo que obsessão. Uma é física; a outra, mental. Compulsão física é a reação que o corpo tem ao álcool quando este começa a desaparecer dele. Essa história descreve também a obsessão mental. Ela também descreve a racionalização que o alcoólatra fabrica para convencer-se de que não tem obsessão mental.

Certa manhã de domingo, eu me levantei, depois de ter consumido uma excessiva quantidade de álcool na noite anterior. Eu necessitava de um drinque. O álcool estava desaparecendo do meu corpo e eu estava com compulsão física. Se vocês não são alcoólatras, nunca serão capazes de entender o que nós queremos dizer quando falamos que precisamos de um drinque. Mas qualquer um, neste mundo, cujo corpo reclame por outro drinque tem uma compulsão que somente o alcoólatra tem. Eu tinha de tomar um trago. Naquele tempo, os bares e as lojas de bebidas não abriam antes da 1 hora da tarde. Meu corpo estava clamando tão intensamente por álcool, que eu estava certo de que estaria morto antes que os bares abrissem. Em desespero, desci para a adega. Vasculhei de alto a baixo e, finalmente, encontrei uma velha garrafa coberta de teias de aranha. Tirei a rolha e a sacudi; tinha bebida dentro. Cheirei e era vinho. "Ah, agora não vou mais morrer", eu pensei. Derramei o vinho em um copo e notei que havia cerca de um milhão de pequenas moscas no vinho. Corri rapidamente para cima e peguei um outro copo e

um lenço limpo. Desci correndo as escadas e peguei o copo com o milhão de moscas e entornei seu conteúdo no outro copo, através do lenço, e filtrei cerca de quinhentas daquelas moscas. Então, tomei o copo cheio de vinho com as outras quinhentas moscas e imediatamente aliviei minha compulsão física.

Sem dúvida alguma, qualquer pessoa inteligente – e eu sou uma pessoa inteligente – teria compreendido naquele momento que eu tinha um problema com o álcool. Qualquer pessoa inteligente e com mais de 5 anos de idade teria dito para si mesma: "Você tem um problema de bebida e seria bom fazer alguma coisa a respeito". Mas, vocês sabem, eu sou um alcoólatra, e não tenho apenas uma doença física. Tenho também uma obsessão mental. Portanto, em vez de dizer: "Bill, você tem um problema de bebida", sentei-me nos degraus da adega e me senti muito, muito orgulhoso de mim. E disse a mim mesmo: "Você é um homem de verdade".

É por isso que comecei a beber no último ano da Faculdade de Direito. Eu não podia mais suportar outros rapazes olhando para mim e me chamando de afeminado. Assim, enquanto estava sentado nos degraus da adega, sentindo o alívio do desconforto causado pela exterminação física do álcool, saboreei o fato de não ser como as pessoas com as quais convivia.

12

Deixem-me agora contar-lhes sobre um outro acontecimento em minha vida, que eu considere uma calamidade terrível. Cerca de dois anos depois de meu último drinque, acordei certa manhã cuspiendo sangue. Concluiu-se que eu tinha tuberculose pulmonar e fui tratado com doses maciças de estreptomicina. Descobriuse que eu era alérgico à estreptomicina e, como resultado dessa alergia, certos nervos de meu ouvido, com os quais se conserva o equilíbrio, foram seriamente danificados. Nos dois ou três anos seguintes, sofri de um sério problema de perda de equilíbrio.

A cada quatro ou cinco dias, eu era acometido de ataques de uma moléstia algumas vezes conhecida como Mal de Menière. Primeiramente eu cambaleava e, em seguida, caía. Ficava, então, enjoado e vomitava. Muitas vezes, tinha de ser carregado para fora da sala de audiências, carregado para fora do tribunal, carregado para fora do banco, carregado para fora do meu escritório, carregado para fora de celebrações sociais. Eu não somente sofria por causa da doença mas, também, devido à minha tradição de bêbado. Isso tudo era, no mínimo, muito embaraçoso. Gastei centenas de dólares com especialistas os quais, sem exceção, disseram-me que não havia coisa alguma que eu pudesse fazer a respeito. As fibras nervosas de meu ouvido tinham sido destruídas e isso era algo com que eu teria de viver para o resto de minha vida.

Bem, agora que eu tinha aprendido como viver e como lutar, não importava quão doente estivesse, não importava quão embaraçosas as coisas se mostrassem, eu ainda queria viver. Diferentemente do que sentia quando cheguei à AA, querendo morrer, eu agora quero viver, não importa como. É um problema com o qual tenho de lidar.

Um dia, acidentalmente, mas novamente eu sei que foi pela vontade de Deus, folhei uma revista que continha um artigo escrito pelo dr. White, famoso cardiologista. Em seu artigo, o dr. White descrevia os grandes benefícios que poderia trazer para o coração e para a circulação o andar de bicicleta. Bem, como eu quero viver por um longo tempo, disse para minha esposa: "Acho que vou comprar uma bicicleta. É bom para a circulação e é bom para o coração".

Ela disse-me: "Oh, por favor, não compre uma bicicleta. Você nunca vai vencer suas idéias loucas. Ora, com seu problema de equilíbrio, você vai cair da bicicleta e morrer".

Repliquei: "Não. Não penso assim, porque posso sentir os ataques chegando e, tão logo eu sinta um se aproximando, desço da bicicleta". Portanto, comprei uma bicicleta.

Eu não andava de bicicleta desde que tinha 16 anos e estava, então, com 64. Comecei pedalando curtas distâncias. Nas primeiras duas semanas, não percorria mais do que dois ou três quarteirões. A cada dia ia um pouco mais longe. Depois de cerca de seis semanas, percebi que esse era o período mais longo que passara sem problemas com o equilíbrio. Minha esposa e eu discutimos isso. Contei-lhe que não tinha tido qualquer problema com o equilíbrio desde que começara a andar de bicicleta. Ela disse: "Bem, por que você não conta ao médico, não fala a ele a respeito, na próxima vez em que o visitar?".

Cerca de dois meses depois, quando fui ao médico novamente, disse-lhe que fazia dois meses que não tinha problemas com meu equilíbrio. Eu disse: "Veja bem, tenho andado de bicicleta. Estou inclinado a pensar que talvez esse exercício tenha alguma coisa a ver com isso".

Ele disse: "Oh, não, você vai tê-los novamente". Mas acrescentou: "Continue andando de bicicleta, porque andar de bicicleta é a melhor forma de exercício. É maravilhoso para sua circulação e maravilhoso para seu coração".

"Não se preocupe", eu disse, "vou continuar a andar de bicicleta enquanto não tiver problemas com meu equilíbrio."

Isso ocorreu há oito anos e eu, desde então, não tive qualquer problema com o equilíbrio. Não sou médico, mas penso que sei o que aconteceu. É verdade que nós nos equilibramos graças aos nossos ouvidos, mas os ouvidos são simples instrumentos que enviam mensagens ao cérebro. O cérebro é o instrumento que Deus nos deu e com o qual fazemos todas as coisas. Nós vemos com nosso cérebro, cheiramos com nosso cérebro, ouvimos com nosso cérebro, nos equilibramos com nosso cérebro. Andar de bicicleta requer mais esforço por parte do cérebro para nos equilibrarmos do que simplesmente andar; assim, eu reeduquei meu cérebro a se compensar pelos ouvidos defeituosos que lhe transmitem as mensagens.

Ainda que esse fosse o único benefício que eu tivesse conseguido, jamais cessaria de agradecer a Deus por poder andar de bicicleta. Mas esse não é o único benefício. Minha saúde geral tem melhorado tanto como resultado de andar de bicicleta, que é quase impossível descrever. Andar de bicicleta não somente ajuda sua saúde física em geral, mas estou também convencido de que melhora sua saúde mental. Cada parte do corpo humano é alimentada por oxigênio. Sem oxigênio,

cada peça do corpo pararia de funcionar. A medida que envelhecemos, nossas veias e artérias endurecem e, como resultado, menos oxigênio – que é carregado pelo sangue – alcança as diversas partes do corpo humano. Sem oxigênio, o cérebro morre.

Na realidade, isso é o que causa a embriaguez. O álcool destrói o oxigênio no sangue. O cérebro do bêbado recebe bem menos oxigênio do que o necessário para funcionar apropriadamente. Essa é a razão por que ele cambaleia. Essa é a razão por que fala vagarosamente. Essa é a razão por que vê imagens duplas. Essa é a razão por que sua audição é debilitada. Essa é a razão por que ele se repete, repete e repete. Seu cérebro não está recebendo oxigênio suficiente para que ele se lembre de que, dois minutos atrás, contou a você a mesma história. Tenho provado a mim mesmo que tenho pensado e entendido muito melhor as coisas depois de estar andando de bicicleta do que antes de fazê-lo.

Agora, por muitos anos, ao romper da aurora, estou pedalando pelas ruas, andando em minha bicicleta. Na minha cidade, onde eu era antigamente reconhecido como um dos mais brilhantes juízes que o condado já tivera, um dos melhores advogados, um dos mais hábeis oradores, agora sou conhecido apenas como um dos melhores ciclistas. Isso tem feito muito bem ao meu ego. Toda manhã, encontro-me com uma dúzia ou mais de gente que, quando passo, diz: "Ótimo, juiz, isso é sensacional para você". E eu digo: "Sim, eu sei, me faz muitíssimo bem". Toda manhã encontro crianças cujos pais e mães, quando crianças, costumavam dizer, ao ver-me: "Xi, lá vem o juiz". Agora, essas crianças seguem-me de bicicleta e dizem: "Ei, Bill, vamos apostar corrida até o rio?".

Quando eu estava fingindo ser um grande, maravilhoso e importante cidadão, não tinha tempo para as crianças. Agora eu as amo. Hoje sei quão certo estava Cristo quando pregou: "Venham a mim as crianças, pois delas é o reino dos céus". As crianças me têm ensinado mais sobre como viver, como amar, como cuidar e como desfrutar da vida do que qualquer dos doutores em Filosofia jamais me ensinou.

Percorro sempre um certo caminho, toda manhã. Passo pelo convento católico, justamente quando as freiras estão saindo para a missa matinal. Eu costumava odiar as freiras, porque Deus era tão bom para elas.

Nunca tinham qualquer problema. Nunca tinham qualquer preocupação. Nunca tinham qualquer aborrecimento. Nunca tinham de trabalhar. Elas viviam das contribuições de pessoas que tinham de trabalhar para ganhar a vida. Mas, hoje, eu penso de forma diferente, porque as freiras católicas que vieram para a irmandade da AA têm trocado experiências, forças e esperanças comigo, e sei que elas têm os mesmos problemas, as mesmas preocupações e as mesmas dificuldades que as outras pessoas, e sei que Deus não tem sido melhor para elas do que para mim. E, portanto, toda manhã, eu paro para cumprimentá-las e contar-lhes algumas histórias engraçadas.

Em seguida, continuo meu trajeto ao redor da cadeia, e os rapazes da cadeia me conhecem porque eu os visito e mantenho reuniões da AA na prisão para eles. Eles me acenam e eu aceno de volta. E sei que a única diferença entre mim e eles é

que eu sou um alcoólatra e sei que sou um alcoólatra, e eles são alcoólatras e não sabem disso.

13

Quando Deus criou os homens, ele os criou com certas necessidades definidas. Há a necessidade de comida, a necessidade de água, a necessidade de proteção. Há a necessidade de sexo. Mas há também uma necessidade muito maior que qualquer uma dessas. É a necessidade de gente. Todos precisam de gente. Mas a gente mais feliz do mundo é aquela que sabe que precisa de gente. Essa é uma das razões por que me sinto tão feliz por ser um alcoólatra. Porque, durante a maior parte de minha vida, durante os primeiros 50 anos de minha vida, eu não sabia que precisava de gente. Eu precisava desesperadamente de gente, como todo mundo. Mas não sabia que precisava de gente.

Eu nunca teria sabido que precisava de gente se, em desespero, não tivesse sido forçado a vir para a Alcoólicos Anônimos, para permitir que outras pessoas compartilhassem suas experiências, forças e esperanças comigo. E, então, ocorreu o milagre em minha vida, o milagre que mudou toda minha vida. E o que transformou toda minha vida foi o amor e a esperança que outras pessoas compartilharam comigo.

Boa parte de meu desconhecimento de que eu precisava de gente foi conseqüência de minha educação, que acho correspondente à educação regular de todas as crianças. Ensinaram-me a ser independente. A não depender de outras pessoas. Tome conta de si próprio. Nunca deixe que o outro sujeito consiga tirar vantagem de você. Fique rico. Tome suas próprias decisões. Faça com que as pessoas o respeitem. Esteja sempre à frente da multidão. Seja um líder; não seja um discípulo. Todos esses ensinamentos, todas essas advertências foram programadas em minha mente. Eu não pude ser feliz nem desfrutar a vida até que as retirei do meu computador.

A maioria dos alcoólatras morre de alcoolismo exatamente por causa desse fato. Eles sabem que têm um problema. Sabem que têm uma dificuldade. Sabem que o alcoolismo está arruinando suas vidas. Sabem que vão morrer por causa do alcoolismo, mas não estão convencidos de que precisam fazer alguma coisa a respeito por si próprios. Para eles, como era para mim, precisar de outros é um sinal de fraqueza. É uma violação de tudo o que me haviam ensinado sobre suplicar e pedir ajuda.

Certo dia, um de meus companheiros alcoólatras, membro da Alcoólicos Anônimos, que trabalha em meu escritório, contou-me sobre uma visita que fez a um outro alcoólatra, a pedido da esposa deste. Explicou a ele como a AA funciona e ofereceu-lhe todo tipo de sugestões para ajudá-lo com seu problema de bebida. O alcoólatra disse: "Vou ter de resolver isso sozinho. Eu não me consideraria um homem se não pudesse cuidar disso por mim mesmo. Se eu tivesse que ter alguém ajudando-me a resolver o problema, não me sentiria mais um homem". Meu amigo falou-me sobre essa conversa e, cerca de quatro semanas mais tarde, ele disse:

"Bill, você se lembra daquele sujeito que não se consideraria mais um homem se tivesse que pedir ajuda?". Respondi que sim. Prosseguiu: "Ele não é mais um homem".

"Como assim?"

"Ele morreu ontem."

Sou uma das pessoas mais felizes do mundo, não só porque sei que preciso de gente, mas também porque sei que preciso de todos os gêneros e todos os tipos de gente; não apenas de certas pessoas. Preciso não somente de pessoas que sejam mais espertas, mais inteligentes e mais velhas do que eu, mas preciso igualmente de pessoas que sejam mais jovens do que eu. Preciso de criancinhas. Preciso de pessoas retardadas. Preciso de pessoas insanas. Preciso de criminosos. Todos são criaturas de Deus. Eu tenho aprendido mais sobre o Deus que me criou, aprendido mais sobre mim mesmo, pela aproximação com criancinhas, pessoas retardadas, criminosas e pessoas insanas do que com doutores em Filosofia e em Teologia.

Se eu não me tivesse tornado dependente do álcool, se nunca tivesse tomado um drinque e tivesse atingido a mesma idade que tenho hoje, estaria sentado num parque alimentando pombos e esperando para morrer. Em vez disso, toda manhã, ao romper da aurora, estou fora, andando de bicicleta, pedalando com crianças. Crianças que costumavam me ver, saindo do tribunal, e gritavam: "Xi, lá vem o juiz!".

Chego ao trabalho às 8 horas da manhã, todos os dias, onde sou o chefe de uma das mais ativas, maiores e mais lucrativas firmas de advocacia de meu condado. Quase toda noite, vou a uma reunião, com o automóvel cheio de jovens. Muitos deles são tão jovens que eu poderia ser seu avô. Nós somos alegres e felizes. Estamos trocando, uns com os outros, nossas experiências, forças, esperanças e amor.

Bem sei que há muita gente em minha comunidade que não pode entender um velho passeando toda noite com rapazes e moças. Eu sei que muitos deles pensam que eu sou um "fresco" ou uma "bicha" porque, antes de chegar à AA, jamais conheci um só velho que flanasse com rapazes, a não ser que fosse homossexual. Mas, hoje, estou absolutamente despreocupado com o que os outros pensam de mim. Minha principal preocupação é o que *eu penso* de mim, o que Deus pensa de mim. Porque aprendi a compartilhar minha esperança e meus sonhos, minha vida e minhas experiências com gente de todas as posições sociais, com gente de todas as raças e credos e de todas as idades e sexos.

Um dos meus melhores amigos na AA é um sujeito que se chama Rui. Rui passou a maior parte de sua vida em Massachusetts. Ingressou na AA, em Massachusetts, e estava sóbrio há aproximadamente um ano quando conseguiu trabalho em meu condado. Na primeira noite em que estava em meu Estado, ele encontrou meu nome no catálogo mundial da AA. Ele veio a minha casa naquela noite. Conte-lhe um pouco sobre a minha vida, que eu era juiz do condado, que era advogado e mostrei-lhe minha casa.

Levei-o à sua primeira reunião. No caminho para lá, disse-lhe que me considerava feliz por ser um alcoólatra. Muitos meses mais tarde, ele falou-me sobre sua reação àquela afirmação. Disse que tinha certeza de que eu estava

provavelmente dizendo-lhe a verdade sobre ser um alcoólatra. Ele tinha visto a mansão na qual eu morava. Mas ele estava absolutamente certo de que eu era louco. Como podia alguém, neste mundo, sentir-se feliz por ser um alcoólatra?

Ele tinha medo de ir comigo às reuniões. Mas Rui queria manter-se sóbrio. Ele tinha o que está exposto no Preâmbulo de Alcoólicos Anônimos: a única exigência para se tornar membro da AA é o desejo de permanecer sóbrio. Rui tinha aquele desejo. Ele ia a qualquer extremo, como o Quinto Capítulo diz que precisamos fazer se quisermos permanecer sóbrios. Ele tinha de ir a qualquer extremo porque sua carta de motorista havia sido cassada por cinco anos. Não tinha outro jeito de ir às reuniões senão comigo e, assim sendo, continuou indo às reuniões com um louco.

Uma noite, muitos anos depois, ele se levantou em uma reunião para falar e disse: "Meu nome é Rui e eu, agora, sinto-me feliz por ser um alcoólatra".

Cerca de um mês antes de minha filha Maureen falecer, minha esposa ligou o telefone para meu escritório, contando que tinha acabado de ouvir na rádio, que o filho de Rui tinha morrido instantaneamente, em um acidente automobilístico. Eu e meu amigo Luís, que estava trabalhando comigo, deixamos de imediato nossos afazeres e fomos para casa de Rui. Lá chegamos exatamente quando Rui acabava de retomar do trabalho. Luís e eu permanecemos, silenciosamente, por quase duas horas, na cozinha de Rui. Ninguém disse nada, porque, em tais momentos, as palavras são inúteis.

Depois de quase duas horas, a esposa de Rui começou a falar. Jamais quero esquecer o que ela falou. Ela disse: "Vejam, ele ia formar-se no colegial na próxima semana. Ele passou em tudo, com exceção de uma matéria. E nós estávamos tão aborrecidos e perturbados com isso". Então ela acrescentou: "Como isso agora parece tão insignificante".

Essas palavras me têm fornecido a sabedoria mencionada na Oração da Serenidade: "Concedei-me, Senhor, a serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso, e sabedoria para distinguir umas das outras". Porque quando me recordo de todos os aborrecimentos, de todas as discussões, de todas as brigas, de todas as disputas, de todos os problemas e do remorso e do arrependimento que sofri durante meus 28 anos de bebida, reconheço que cada uma dessas coisas aconteceu por algo que era absolutamente insignificante.

Eu não posso alterar os acontecimentos da vida. Os acontecimentos da vida não estão em minhas mãos. Não tenho nada absolutamente a ver com os acontecimentos da vida. Não posso mudar outras pessoas. Não posso mudar seus pensamentos. Não posso mudar suas atitudes. Não posso mudar seus gênios. Não posso mudar suas personalidades. A única coisa que posso fazer na vida é mudar *minha reação* aos acontecimentos da vida e à conduta das pessoas.

Agora que sei que é minha reação, e somente minha reação, o que impera, procuro sempre determinar se alguma coisa que aconteceu é importante ou insignificante. E 999 vezes em 1000, quando o ocorrido tiver sido testado no cadinho do tempo, verifico que tinha sido insignificante.

A sabedoria que adquiri com minha filiação à AA me tem ajudado em outros aspectos. Hoje sei que não tenho tanta inteligência assim, não conheço o suficiente sobre o mundo e não conheço o suficiente sobre Deus para poder determinar, quando qualquer evento acontece, se é bom ou mau. Somente depois de o mesmo ter sido testado no cadinho do tempo, e de eu o reavaliar, é que consigo julgar se foi bom ou mau.

Agora que vivi o bastante para ser capaz de lembrar todos aqueles horríveis, terríveis acontecimentos de minha vida, sei que eles não foram terríveis, que não foram horríveis, mas que foram acontecimentos maravilhosos, eventos que me conduziram à AA. Foram os remorsos, infortúnios e sofrimentos da vida que me motivaram a tornar-me membro da Alcoólicos Anônimos, onde aprendi a viver e a lutar e, mais especialmente, a amar.

Deixem-me contar-lhes somente um dos muitos acontecimentos de minha vida que, quando ocorreu, pensei ser a mais terrível, a maior calamidade que jamais poderia ser imposta a um indivíduo. Eu era um jovem advogado, apenas iniciando-me na prática da advocacia, quando, certo dia, a polícia chamou-me para informar que meu escritório estava pegando fogo. Corri para o escritório e observei-o queimar-se até o chão. Perdi tudo o que tinha. Perdi meus móveis, meus livros e meus arquivos. Não fiquei com absolutamente nada. E eu não tinha nem ao menos seguro contra incêndio. Naquela noite, pensei que Deus me havia amaldiçoado mais que a qualquer outra pessoa em todo este mundo.

Na manhã seguinte, eu estava em pé, observando o final do incêndio, quando um velho advogado se aproximou de mim e disse o quanto estava sentido pelo que me havia acontecido. E perguntou: "O que você vai fazer?"

"Bem", eu disse, "não sei, Rogério, o que posso fazer. Não tenho mais livros. Não tenho mais móveis. Não tenho mais arquivos. E não tenho lugar algum para onde ir."

"Bem", ele disse, "Bill, eu tenho uma sala extra no escritório onde trabalho. Você é bem-vindo para levar seu chapéu, seu paletó e sua secretária para lá. Use meus livros e use a máquina de escrever extra que eu tenho, até encontrar um lugar seu."

Agradei muito a ele. Fui para seu escritório e, quase no fim do primeiro mês, fui até ele e disse: "Tenho procurado, mas ainda não encontrei outro lugar. Assim, gostaria de pagar-lhe algum aluguel".

Ele disse: "Tenho pensado sobre isso. Você e eu seríamos excelentes sócios. Seu trabalho é completamente diferente do meu. Você é advogado de contencioso e eu jamais defendi um caso em minha vida. Meu negócio está inteiramente no ramo imobiliário. Noventa por cento do meu negócio vem de um banco que eu represento".

Assim, formamos uma sociedade. Quase quatro anos se passaram e, um dia, meu sócio veio até mim e disse: "Bill, tenho péssimas novidades".

"Qual é o problema, Rogério?"

"Acabo de ir a um médico. Meu coração não está bem e recebi ordens para ir para casa, ficar de cama e descansar por pelo menos três ou quatro meses."

"Bem, essa notícia é ruim mesmo. Mas não se preocupe com isso. De uma forma ou de outra, posso dar um jeito de cuidar de seus negócios relativos ao banco. Vá para casa, descanse e estará de volta antes do que pensa."

"Não, Bill, eu nunca voltarei. Conheço meu estado de saúde melhor que o médico. Quero apenas dar-lhe mais um conselho. Por favor, cuide bem dos assuntos do banco. Talvez, depois que eu tiver ido embora, você consiga tornar-se o advogado daquele banco. E algum dia o banco vai ser um banco realmente grande."

Cuidei muito bem dos assuntos do banco. Rogério jamais voltou. Depois de sua morte, fui designado mandatário do banco em seu lugar e transformado em advogado do banco. Hoje, sou um dos principais sócios de uma das maiores firmas de advocacia do Estado de Nova York. Temos oito advogados associados e cerca de 20 outros funcionários paralegais, secretárias e outros. Sessenta por cento do trabalho a que todos nos dedicamos atualmente vem daquele banco. Portanto, vejamos, o incêndio, que pensei ter sido a mais terrível perda financeira que qualquer um já suportou, acabou transformando-se na melhor coisa, em matéria de dinheiro, que já me aconteceu. Se não tivesse sido pelo incêndio, não haveria uma chance em um milhão de que eu tivesse sido nomeado advogado daquele banco, porque aquela não era minha especialidade.

Sei que não tenho inteligência suficiente para julgar os acontecimentos de minha vida, para saber se eles são bons ou não. Sei apenas, por ser um membro da AA, que Deus é bom, que Deus é generoso, que Deus me ama, que Deus ama todas as pessoas, que Deus jamais pune alguém, e esse conhecimento me tem mostrado como reagir à vida. Essa é justamente uma outra razão por que me sinto feliz por ser um alcoólatra.

14

Uma coisa muito estranha tem ocorrido desde que entrei para a AA. Eu não vivo mais no mesmo mundo em que vivia antes de entrar para a AA. Vivo com a mesma mulher, tenho os mesmos filhos, moro na mesma casa, trabalho no mesmo escritório e executo os mesmos deveres. Alguns dos meus empregados são os mesmos que estavam comigo quando eu bebia. Tenho os mesmos vizinhos, e exatamente os mesmos eventos da vida acontecem todos os dias. E ainda assim, de um modo ou de outro, é tudo diferente.

Por que isso é assim? É assim porque o pessoal da AA, que compartilha comigo suas experiências e esperanças, ensinaram-me a dizer, muitas vezes, a bela oração: "Concedei-me, Senhor, a serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso, e sabedoria para distinguir umas das outras". Por meio da constante troca de experiências, forças e esperanças com outras pessoas que eram exatamente como eu, vagarosamente aprendi que não podia mudar ninguém neste mundo. Não posso mudar a personalidade do outro. Não posso mudar suas atitudes. Não posso mudar suas crenças. A única pessoa que posso mudar sou eu mesmo.

Vagarosamente, também aprendi que não posso mudar os acontecimentos da vida. Eu não tenho controle, sou impotente não somente em relação ao álcool, mas sou impotente em relação aos acontecimentos da vida. Muitos eventos grandes e importantes me têm acontecido desde que cheguei à AA, assim como muitos eventos grandes e importantes ocorriam antes de eu chegar à AA, mas ensinaram-me a rotular esses acontecimentos. Eu poderia rotular esses acontecimentos como grandes e terríveis problemas e aborrecimentos, ou poderia rotulá-los *também* como grandes e importantes desafios.

Não é estranho que, apenas trocando o rótulo dos acontecimentos, minha vida e meu mundo tenham mudado? Porque, vejam, eu odeio aborrecimentos. Odeio problemas, mas amo desafios. Essa é a razão por que considero tão importante para nós entender que AA não significa somente Alcoólicos Anônimos; quer dizer, também, "Atitude Alterada". Assim, realmente, a única coisa que aconteceu comigo para transformar este mundo no qual vivo de um horrível, miserável, desagradável, corrupto e fétido mundo em um belo, maravilhoso mundo – a única coisa que aconteceu para mudar as pessoas com as quais eu vivi, com as quais trabalhei e com as quais entrei em contato de pessoas mesquinhas, miseráveis, enganosas e odiosas em pessoas gentis e amorosas – foi minha reação ao mundo e minha reação às pessoas que nele estão.

Eu nunca teria mudado minha reação a nenhuma dessas coisas se não me tivesse unido a antigos bêbados e alcoólatras que, compartilhando suas experiências, forças e esperanças uns com os outros, aprenderam a fazê-lo. Essa é uma das muitas razões por que, em vez de acreditar que eu tinha sido amaldiçoado por ser um alcoólatra, amaldiçoado porque não podia beber, eu me sinto feliz por ser um alcoólatra. Agradeço a Deus, toda noite, por sê-lo.

Há uma outra razão muito importante pela qual sinto-me feliz por ser um alcoólatra. É porque o pessoal da AA ensinou-me outra grande lição. A lição é que não tenho grande conhecimento, não tenho grande compreensão, não tenho grande sabedoria para dizer, quando algo acontece, se ele é bom ou mau. Só posso dizer se um acontecimento é bom ou mau depois de ele ter sido testado, e algumas vezes por um longo período, no cadinho do tempo.

Relembrei-me de toda a miséria, todas as privações, toda a tragédia que aconteceu em minha vida, e foram privações e problemas, como qualquer alcoólatra tem, que me colocaram contra a parede, que me fizeram amaldiçoar a Deus, mas agora eu agradeço a Deus por eles terem acontecido, porque foi somente devido àquelas tragédias, aqueles problemas e àqueles aborrecimentos que fui forçado a fazer uma coisa que jamais quis fazer. Fui pedir a ajuda de Deus e a ajuda de outros alcoólatras. Foi somente por causa dessas tragédias, dessas misérias, desses problemas e desses sofrimentos que aprendi a viver, a amar e a desfrutar a vida. Essa é a razão pela qual agradeço a Deus, cada noite de minha vida, por ser um alcoólatra.

Se eu tivesse de viver toda a minha vida novamente, e se me fosse dada a oportunidade de escolher entre ser ou não um alcoólatra, e mesmo sabendo que teria de passar por tudo o que passei, desde que nasci até quando tinha 50 anos de misérias, sofrimentos, privações e remorsos, sabendo todas as coisas que deixo de

mencionar agora porque são os mesmos remorsos, misérias, problemas e aborrecimentos de todo alcoólatra, eu escolheria ser alcoólatra. Porque foi somente em virtude dessas tragédias e desses problemas e desses aborrecimentos que fui forçado, em total desespero e contra a minha vontade, a tornar-me membro dessa grande e maravilhosa organização chamada Alcoólicos Anônimos.

Mas, por favor, não me interpretem mal. Não me sinto feliz por ter tido todas as deficiências e todos os defeitos de caráter que me fizeram um alcoólatra em potencial. Não me sinto feliz por ter sido egocêntrico, arrogante e egoísta. Não me sinto feliz por ter sido insensível e ciumento. Não me sinto feliz por ter tido um gênio "esquentado", cheio de falhas. Mas me sinto feliz, porque, tendo todos esses problemas de personalidade, todos esses problemas emocionais, eu finalmente recorri ao álcool para aliviar a dor.

Minha experiência, trabalhando com alcoólatras, provou-me uma coisa. É que é muito mais difícil para alguém com educação refinada recuperar-se do alcoolismo do que para aqueles com pouca ou nenhuma educação. Isso é assim, acredito, porque os ingredientes comuns da personalidade e do temperamento, dos defeitos de caráter e das deficiências de todos os alcoólatras são o seu grande ego, a sua arrogância e o seu orgulho. A igreja cristã estava correta quando classificou o orgulho como o primeiro dos vícios capitais. De fato, quase todos os aborrecimentos do homem, quase todos os seus problemas, defeitos de caráter e deficiências nascem de seu orgulho. É muito incomum encontrar uma pessoa realmente humilde que tenha problemas e aborrecimentos.

Estranhamente, as pessoas com alto grau de instrução costumam, quase sem exceção, chegar à conclusão de que essa instrução as torna mais inteligentes do que pessoas sem qualquer instrução. Nada poderia estar mais distante da realidade. Instrução tem pouco ou nada a ver com a inteligência do homem. A instrução, de fato, aumenta seu estoque de conhecimento. Ela o qualifica, ou o ensina, a expressar-se mais habilmente por meio da linguagem. Mas isso, na maioria dos casos, não aumenta sua inteligência. Algumas das pessoas mais inteligentes que já conheci não sabiam ler nem escrever. Por outro lado, alguns dos maiores tolos que já encontrei eram tolos instruídos. Os chineses têm um provérbio que diz que o conhecimento de que se é tolo é o princípio de toda a sabedoria.

Uma vez que, em nosso sistema educacional, nos ensinam que a arrogância e o egoísmo são coisas que nos impedem de ser amados, e já que esse mesmo sistema educacional nos ensina que a instrução eleva nossa inteligência acima daqueles que não são instruídos, a pessoa educada nunca olha para si mesma para determinar se tem, ou não, aqueles defeitos. De fato, durante o tempo em que eu bebia, os dois tipos de pessoas de quem menos gostava eram os arrogantes e os egoístas. Em seguida, vinham os ingratos.

Assim, encontramos um indivíduo que tem um diploma de doutor em Psicologia. Ele foi fisgado pelo álcool, digamos. Ele vai a uma reunião da AA e senta-se numa sala com um grupo de pessoas que estão sóbrias há muitos anos. Essas pessoas, muitas delas, não tiveram qualquer instrução. E uma delas tem a coragem de dizer a esse doutor em Psicologia: "Sente-se, estúpido, tire o algodão

de seus ouvidos e o coloque em sua boca". Há qualquer dúvida de que esse homem saia da reunião e nunca mais volte? Ele simplesmente continua bebendo e morre.

Sempre estive disposto, em toda a minha vida, a ouvir alguém que eu acreditasse saber mais do que eu. Meu problema era que jamais conheci alguém que eu pensasse saber mais do que eu. Quando Deus nos criou, ele sabia quão importante era o ouvir. De fato, esse é um dos poucos meios pelo qual aprendemos. Essa é a razão por que Deus nos deu dois ouvidos e uma só língua.

Há alguns anos atrás, recebi um telefonema de uma mulher, membro da AA, que tinha em sua casa um homem em estado avançado de alcoolismo e a quem ela estava tentando ajudar. Ela tinha levado vários membros da AA para conversar com ele, mas sem nenhum sucesso. Ela pensou que talvez esse homem ouvisse um outro que tivesse o mesmo nível de educação que ele, e que fosse um juiz.

Esse homem era um notável escritor. Embora já estivesse em sua companhia por duas horas, não me sentia capaz de dizer-lhe uma só palavra sobre alcoolismo. Tudo o que eu fazia era ouvi-lo discorrer sobre quão grande, importante, vivo, inteligente e educado ele era e sobre suas experiências com gente poderosa e nobre.

Depois de quase duas horas, eu não agüentava mais aquilo. Levantei-me e disse: "Bem, tenho a lhe dizer que você é provavelmente um dos maiores, mais inteligentes e mais brilhantes homens que já conheci em minha vida". Seus olhos começaram a sorrir. Mas completei: "Neste momento, no que me concerne, eu preferiria ser um macaco a ser você".

Diante disso, ele me olhou com ar feroz e perguntou: "O que você quer dizer?".

Eu disse: "Porque, veja bem, um macaco saberia o suficiente para não estar bebendo até a morte, e você não".

Nunca soube se ele se recuperou do alcoolismo ou se morreu, mas fiquei sabendo que ele jamais se esqueceu do que eu lhe disse.

Em meus primeiros tempos na AA, ouvi um negro dar uma palestra. Foi mais ou menos assim: "Eu não recebi qualquer educação. Nunca aprendi a ler e a escrever até que cheguei à AA. Eu não conseguia ler o Grande Livro; não conseguia ler os Doze Passos. Não sabia o significado de muitas das palavras sonoras que eram pronunciadas nas reuniões. Mas entendia o suficiente para saber que eu tinha tido um monte de problemas com a bebida. E decidi que, se quisesse parar de ter problemas com a bebida, teria de parar de beber. Eu sabia também que, se quisesse parar de beber, eu teria de ouvir as pessoas que tinham conseguido parar de beber e que estavam dispostas a me mostrar como".

Esse companheiro causou-me uma profunda impressão. Eu disse para mim mesmo: "Aqui está um companheiro que não tem qualquer tipo de educação formal; mas ele é muito mais esperto do que eu". Todavia, vejam bem, esse companheiro tinha uma vantagem sobre mim. Esse companheiro não se achava esperto. Esse companheiro sabia que havia pessoas que podiam fazer as coisas melhores do que ele, e ele queria ouvir. As duas grandes barreiras a serem mudadas são, primeiro, o pensamento de que se está sempre certo. E, segundo, o pensamento de que ninguém pode ajudá-lo. Esse companheiro estava também

querendo ir a qualquer extremo para mudar sua vida. Nós nos tornamos bons nas coisas em que tentamos melhorar. Permanecemos ruins nas coisas que tentamos evitar.

Sempre gostei de música. Queria ser um grande músico. Eu teria adorado tocar piano, mas não sei fazê-lo. E a única razão disso é que não me dispunha a praticar. O mero desejo de realizar alguma coisa é inútil, a não ser que ele seja combinado com tempo, esforço e paciência. Tempo, esforço e paciência transformam a folha da amora em seda.

O álcool é um substituto que os homens usam para tempo, esforço e paciência. Na época em que bebia, eu possuía um órgão elétrico. Conhecia uns poucos acordes em si bemol e conseguia tocar uma melodia com um dedo. Podia-se apertar o pedal e tocá-lo muito, muito alto. Em meu torpor de embriaguez, eu me imaginava no palco do Teatro Roxy. Não foi senão anos mais tarde, quando aderi à AA, que li uma frase em uma revista da AA, "The AA Grapevine", que dizia o seguinte: "O álcool não ajuda alguém a fazer algo melhor; ele apenas o deixa menos envergonhado de fazê-lo mal".

15

Antes que leiam este próximo capítulo, peço a vocês para terem em mente que o autor é um irlandês da mais pura cepa, porque ninguém senão um irlandês da mais pura cepa poderia contar esta história. Alguém, certa vez, perguntou-me por que tantos membros da Alcoólicos Anônimos são irlandeses. Por que há um número tão superior de elementos da raça irlandesa em relação a qualquer outra raça com problemas de bebida? Realmente, não sei se isso é verdade ou não. Aliás estou absolutamente certo de que não é verdade. Uma coisa de que eu estou certo, entretanto, é que não é preciso ser irlandês para ser alcoólatra, mas certamente ajuda. Outra coisa de que estou certo é que os irlandeses que têm problemas com o álcool ficam um pouco mais violentos e um pouco mais polêmicos que os de qualquer outra raça, com a possível exceção dos índios.

Quando esse companheiro perguntou-me por que os irlandeses tinham mais problemas, eu disse: "Bem, deixe-me contar-lhe uma história verídica. Um amigo meu, um irlandês da mais pura cepa, era ministro da Corte Suprema do Estado. Como a maioria dos irlandeses que ocupam um alto cargo, ele era arrogante e egoísta. Tinha um filho que iria formar-se pela Universidade de Oxford e, assim, ele viajou para a Inglaterra para estar presente aos festejos de formatura. Enquanto lá estava, decidiu que iria à Irlanda, visitar a terra natal de seus ancestrais.

Uma noite, estando ele no saguão de um grande hotel da Irlanda, começou uma conversa com um morador local, a quem perguntou: "Diga-me uma coisa. Qual é a conexão, hoje, entre a Irlanda e a Grã-Bretanha?"

O nativo respondeu: "Qual é a conexão entre a Irlanda e a Grã-Bretanha? Não há absolutamente qualquer conexão, de nenhum modo ou forma. Somos mais independentes da Inglaterra do que os Estados Unidos".

"Bem", o juiz disse, "não acho isso muito sensato."

"Por que isso não é sensato, juiz?"

"Porque a Irlanda é apenas um pequeno país. Ela não tem marinha. Qualquer desses outros países da Europa – França, Inglaterra, Rússia ou Itália – poderia invadir a Irlanda e ocupá-la em três dias."

Ao que o irlandês replicou: "Bem, excelência, isso é provavelmente verdade. Provavelmente qualquer um desses países poderia vir e dominar-nos em três, quatro ou cinco dias. Mas gostaria de lhe dizer uma coisa, excelência. Pelos próximos 400 ou 500 anos, nós iríamos fazer da vida deles um inferno!".

Acho que isso explica por que tantas pessoas da raça irlandesa têm problemas com o álcool!

Como tem sido mencionado tão freqüentemente neste livro, a única maneira pela qual a pessoa pode recuperar-se do alcoolismo é admitindo que é impotente perante o álcool e que precisa de ajuda. É mais difícil para um irlandês de pura cepa admitir que é vencido em alguma coisa e que precisa da ajuda de outros do que para a gente de qualquer outra raça.

Outro irlandês de pura cepa e eu, discutindo esse assunto, falávamos sobre a forma semelhante com que irlandeses e índios eram afetados pelo álcool; como eles se tornam violentos, mesquinhos e polêmicos quando o ingerem. Naquele tempo, a lei do Estado proibia que se servisse qualquer tipo de bebida alcoólica a um índio. Perguntei a meu amigo advogado: "Por que é que neste Estado não se pode vender qualquer tipo de bebida alcoólica a um índio, mas é permitido vendê-la a um irlandês?". Ao que meu amigo respondeu: "Você não sabe a resposta para isso?". Eu disse: "Não, não sei". E ele disse: "Bem, os irlandeses têm maior influência política que os índios".

Vá a qualquer festa irlandesa em que se sirva bebida e ouça as canções que os irlandeses cantam: "Quando os Olhos Irlandeses Estão Sorrindo", "Harrigan", e "A Irlanda Deve Ser o Céu". Ouça as histórias contadas pelo irlandês que retorna ao velho torrão. Ouça a ênfase que ele põe sobre a palavra *eu* ao contar seus casos e estou certo de que você terá sua resposta.

16

Alcoolismo é, sem dúvida, a mais devastadora e destruidora força que este mundo já conheceu. Ele não somente destrói todos os valores humanos, como tem sido, desde o dia em que foi inventado pelos egípcios, milhares de anos antes do nascimento de Cristo, a causa de mais dores, mais problemas, mais sofrimentos, mais mortes, mais crimes, mais pobreza do que qualquer outra coisa. Todos sabem que o alcoolismo é destrutivo e que tem causado muitos problemas e aborrecimentos, mas a maioria das pessoas desconhece completamente o que é o álcool e quantos alcoólatras existem.

Ao que eu sabia, não há a menor dúvida de que o alcoolismo é a causa número um de mortalidade neste mundo. As estatísticas, naturalmente, não mostram isso. A razão pela qual as estatísticas não refletem este fato é que aqueles que organizam as estatísticas também não sabem distinguir quem é alcoólatra. Os

médicos que assinam os atestados de óbito raramente, se é que alguma vez o façam, indicam como causa primária da morte o alcoolismo. Há duas razões para tanto. Em primeiro lugar, o médico é, em média, tão ignorante sobre alcoolismo quanto qualquer indivíduo.

Estou bem familiarizado com vários médicos que são membros da Alcoólicos Anônimos, e todos eles me contaram que, na Faculdade de Medicina, não receberam qualquer ensinamento sobre alcoolismo; que o tempo médio despendido com o alcoolismo na Faculdade de Medicina é de uma hora. Disseram-me que, apenas dois ou três anos após terem descoberto que eram alcoólatras, aprenderam algo sobre a doença.

A segunda coisa que ocorre é que o alcoólatra, por ter vergonha de sua doença, a esconde do médico. Tão estranho quanto possa parecer, o alcoólatra que se sente muito doente vai ao médico e, mais freqüentemente do que diz a verdade, mente a ele sobre a causa de sua doença. Se todo paciente que está sendo tratado de hipertensão, insônia, problemas cardíacos, úlceras, pancreatite, contasse ao seu médico, quando este lhe pergunta o quanto bebe, que ele consome cerca de um litro de uísque por dia, o médico concluiria que beber um litro de uísque por dia é a causa de sua hipertensão, úlcera, problemas de coração e estômago. Os pacientes alcoólatras, porém, não contam isso a seus médicos. Todo alcoólatra é um mentiroso quando se trata de falar sobre o quanto ele bebe. De fato, um dos sinais mais seguros de alcoolismo revela-se quando alguém cessa de se vangloriar sobre o quanto consegue beber e começa a mentir sobre quão pouco ele bebe.

Alcoolismo – não há qualquer dúvida sobre isso – é a principal causa de crimes em todo o mundo. Normalmente, as estatísticas não revelam isso, e a razão por que as estatísticas não mostram o fato é que as pessoas que cometem crimes têm mais vergonha da quantidade que bebem do que dos crimes que cometem. Juízes de direito, promotores e escrivães que compilam as estatísticas são completamente ignorantes sobre o que seja alcoolismo e, assim, a causa do crime nunca é registrada como alcoolismo.

Eu fui juiz de uma corte criminal por quase 18 anos. Durante aqueles 18 anos, milhares de pessoas que tinham cometido crimes foram levadas à minha presença. Tinham cometido crimes enquanto estavam embriagadas. Antes de alguém ser sentenciado, é obrigado a ficar de pé diante do escrivão e responder a certas perguntas. Uma das perguntas que são feitas é: "Você faz uso de bebidas alcoólicas?". A resposta é sempre: "Sim". A pergunta seguinte é: "Até que ponto você faz uso de bebidas alcoólicas?". E a resposta é sempre: "Eu bebo socialmente ou moderadamente".

Nos 18 anos em que permaneci no Tribunal, ninguém dos que já tive diante de mim levantou-se e, de pé, respondeu àquela pergunta com as palavras: "Eu bebo excessivamente e sou um alcoólatra". Todavia, sei, hoje, tendo participado da AA durante os últimos cinco anos em que estive na magistratura, que praticamente todo aquele que cometeu um crime enquanto estava embriagado – e a maioria dos crimes são cometidos por pessoas que estão embriagadas – era alcoólatra.

Se considerados culpados, esses réus são, então, mandados para as prisões estaduais ou para as penitenciárias, onde os dirigentes não têm qualquer

conhecimento sobre alcoolismo. Tenho ouvido as histórias de centenas e centenas de presidiários que finalmente chegaram à AA depois de terem, por anos e anos, entrado e saído da prisão e da cadeia, e eles contam que nunca, durante seu confinamento numa cadeia ou prisão, alguém sequer mencionou-lhes que poderiam ter um problema com o álcool. Isto é, na verdade, uma acusação muito triste à nossa sociedade moderna.

Leio os jornais todos os dias. Vejo os noticiários na televisão todos os dias. Não se passa um dia sem reportagens nos jornais, na televisão e no rádio sobre trágicas histórias acontecidas no dia anterior. Crimes atrozes são cometidos. Assassinatos e raptos, bombas terroristas, seqüestros de aviões, terríveis acidentes em estradas. A cada vez, a história termina dizendo: "Parece não haver qualquer causa explicável para o acidente. As autoridades estão investigando". É triste que os repórteres de jornal, rádio e televisão, bem como as autoridades, não saibam a causa, quando esta pode ser facilmente descoberta pela leitura das entrelinhas. Eu sei a causa, e também o sabem um milhão de membros da Alcoólicos Anônimos que conhecem a natureza do alcoolismo.

Vivo em uma cidade de cerca de 20.000 habitantes. Sei que na sexta-feira, sábado e domingo, na véspera de feriados e em cada feriado do ano, o alarme de incêndio em minha cidade soará quatro vezes mais do que no resto da semana. Como é que sei isso? Porque eu sei, pela minha própria experiência e pelas experiências que tenho tido e compartilhado com milhares de outros alcoólatras, que os alcoólatras bebem mais pesadamente nos fins de semana, nos feriados e na véspera de feriados. Sei que quase sempre que um grande incêndio ocorre no meio da noite, sem dúvida, algum bêbado adormeceu com um cigarro na mão, ou deixou o fogão aceso, ou agiu de alguma outra forma descuidada, como somente um alcoólatra poderia fazer. Os jornais dão grande publicidade à tragédia. Eles dão grande publicidade para a quantidade de dinheiro envolvida, para a terrível perda de vidas, mas nem uma só vez mencionam a causa.

Por anos, nossa nação vem gastando bilhões de dólares na luta contra a pobreza. Entretanto, nada tem sido feito contra a principal causa da pobreza neste país. Por quê? Porque as pessoas que estão administrando e dirigindo a luta contra a pobreza – legisladores do Estado, membros do Congresso, presidentes, governadores, pessoas do Departamento de Bem-Estar – são todas completamente ignorantes sobre a doença do alcoolismo. Mas eu estou trabalhando com alcoólatras há já 22 anos. Eu entro nas casas de alcoólatras. Meu coração sofre pela pobreza das famílias de alcoólatras. Elas não têm o suficiente para comer. Não têm um lugar decente para viver. Não têm roupas. São privadas de tudo, mas em toda casa de alcoólatra há grande quantidade de cerveja ou uísque.

Para mim, essa situação é uma triste condenação da sociedade em que vivemos e das pessoas que são responsáveis pelo funcionamento de nossa sociedade. Todos esses problemas, todos esses aborrecimentos, todas essas tragédias e seu tremendo custo têm sua base diretamente na ignorância – ignorância de um problema que pode ser resolvido.

Bem recentemente, uma das maiores histórias que sacudiu jornais, revistas e televisão, e da qual houve mais cobertura que qualquer outra em toda a minha vida,

foi o relato de um homem que queria morrer e que foi até a Suprema Corte dos Estados Unidos para obter permissão para ser fuzilado ao amanhecer. Ele conseguiu seu desejo e quase todos, neste país, consideraram isso uma coisa maravilhosa. Ele tinha tido um julgamento justo. O fato de ele ser executado ao amanhecer seria um grande exemplo para outros criminosos.

Aquele homem não sabia que era alcoólatra. Os jurados que o condenaram não sabiam que ele era alcoólatra. O juiz que o sentenciou à morte não sabia que ele era alcoólatra. Os nove ministros da Corte Suprema, que permitiram sua morte, não sabiam que ele era alcoólatra. Não tinha havido qualquer menção de seu alcoolismo, em qualquer um de seus julgamentos. Ele próprio não tinha mencionado esse fato, nem seu advogado ou qualquer pessoa relacionada com ele, nem mesmo os membros de sua família.

Mas eu sabia que ele era alcoólatra. Sabia disso porque uma das histórias que foram contadas a seu respeito era que ele tinha tido permissão para fazer um último pedido antes de ir ao pátio para ser morto. E qual foi seu último pedido? Seu último pedido foram seis garrafas de cerveja.

Nenhum homem ou mulher que não fosse alcoólatra quereria seis garrafas de cerveja antes de ser morto. Mas com esse homem, assim como comigo e com qualquer outro alcoólatra que já viveu, o álcool é o elixir da vida. É muito mais importante do que a própria vida.

Tenho apenas um propósito em mente, ao escrever este livro, e é o de que umas poucas pessoas possam ler este livro e obter um pouco de informação sobre o maior problema que existe em todo este mundo. Talvez, entre seus poucos leitores, haja um legislador, um congressista, um médico, um juiz, um advogado ou um promotor que encontre algo neste livro que possa mudar sua opinião sobre o maior problema com que nós todos nos defrontamos. Isto é muito difícil.

Descobri ser extremamente difícil tentar induzir pessoas, que estão em contato com alcoólatras todos os dias, a comparecer a reuniões da AA. Tenho convidado juízes de direito, promotores, advogados, médicos, clérigos e conselheiros de liberdade condicional a virem comigo a reuniões, mas eles estão sempre muito ocupados para aprender a coisa mais importante que deveriam saber para desempenhar seus deveres e para ajudar pessoas, desamparadas e desesperadas, que vêm à sua presença procurando auxílio. Eles estão sempre muito ocupados para compreender o problema, porque têm uma noção falsa e preconcebida de que todos eles sabem o grande problema que isso representa e estão certos de que conhecem tudo sobre ele.

Talvez – sim, somente talvez – alguns poucos sejam inspirados a descobrir algo sobre isso. Talvez aqueles poucos comecem a espalhar a semente para outros. E talvez algum dia – certamente não durante minha vida, mas talvez algum dia –, num futuro distante, este mundo, em virtude disso, acabe por se tornar o tipo de mundo que Deus todo-poderoso planejou para vivermos, quando criou o mundo e as pessoas.

Não tenho meios de aferir quanta influência este livro possa ter sobre o futuro do mundo no qual Deus concedeu-me a oportunidade de viver. Eu sei que, 40 anos atrás, dois homens sentaram-se em frente a uma xícara de café e trocaram

suas experiências, sua força, suas esperanças e seu amor, um com o outro. Ambos eram bêbados; ambos eram alcoólatras. Eles saíram e conseguiram um terceiro homem e trocaram suas experiências, sua força, suas esperanças e seu amor com ele. E hoje há mais de um milhão de pessoas, com suas famílias, cujas vidas foram completamente mudadas.

Quando cheguei à AA, disseram-me que, se quisesse manter tudo o que obtive na AA, teria de doá-lo aos outros, e essa é a única razão pela qual este livro está sendo escrito. Na esperança de que talvez eu possa alcançar, por meio da palavra escrita, um pouco mais de gente do que tenho alcançado pela palavra falada. O resto está nas mãos de Deus. Deus não tem pressa. Deus sempre *foi* e sempre *será*. Deus não tem noção de tempo. Os homens inventaram o tempo e isso os tem mantido algemados desde então. Portanto, deixo os resultados nas mãos de Deus.

Tentei, antes, fazer alguma coisa a respeito desse problema devastador. Tenho escrito para muitos cidadãos proeminentes, pessoas que estariam em posição de prestar grande ajuda para a solução desse tremendo problema, mas tudo que sempre recebi foi uma polida carta acusando o recebimento das minhas. Recentemente, escrevi ao governador do Estado. Abaixo está a transcrição dessa carta:

Senhor governador:

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para congratulá-lo por sua decisão de desvincular o Programa de Reabilitação do Alcoólatra do Departamento de Higiene Mental e de estabelecer um departamento separado. Como alcoólatra recuperado, minha humilde opinião é de que essa decisão constitui o ato mais progressista que o senhor já realizou como governador deste Estado. Duvido que existam algumas poucas pessoas, além de alcoólatras recuperadas, que reconheçam o tremendo potencial desse ato.

Em princípio, deixe-me enfatizar que não estou interessado em qualquer emprego e não iria, em quaisquer circunstâncias, aceitar um se me fosse oferecido; mas, porque, nos últimos 20 anos, tenho sido muito ativo no grupo que tem tido mais sucesso no trabalho com alcoólatras do que qualquer outro grupo na história deste mundo, ou seja, a Alcoólicos Anônimos. E sinto-me levado a oferecer algumas sugestões para assegurar que a decisão que o senhor tomou seja bem-sucedida.

Durante os últimos 20 anos, em meu trabalho voluntário na Alcoólicos Anônimos, tenho sido convidado para falar em instituições mentais, prisões, institutos correcionais e cortes de justiça, em quase todos os Estados do leste dos Estados Unidos. Tem sido bastante constrangedor para mim o fato de este grande Estado ter ficado atrás de tantos outros Estados menores, na ajuda que têm oferecido para que se faça alguma coisa acerca da doença mais dispendiosa e destruidora de que sofre a humanidade. O triste disso é que, enquanto o alcoolismo é sem dúvida a mais destruidora de todas as doenças, não somente para o indivíduo que a tem, mas também para a sociedade, é uma doença contra a qual é possível fazer-se alguma coisa.

Compreensivelmente, mas infelizmente, os Estados – em um esforço para ajudar – têm, em quase todos os casos, se voltado para o aspecto psiquiátrico, o médico e o jurídico, como fontes de auxílio. O que há de verdade relativamente ao assunto é que, embora o alcoolismo seja a mais mal compreendida de todas as doenças, as três profissões que têm a opinião mais errônea sobre a mesma, e cujos profissionais são inflexivelmente contra o método para recuperação que tem tido o maior sucesso, são aquelas para as quais o Estado se tem voltado. Durante anos, o Estado tem, de fato, despejado milhões de dólares em um buraco de rato e, em vez de ajudar o alcoólatra, isso tem tornado a situação ainda pior.

Em minha própria experiência, antes de ficar suficientemente desesperado a ponto de ir para a Alcoólicos Anônimos, procurei o conselho e a orientação de muitos médicos e psiquiatras. Eu era um alcoólatra na acepção da palavra. Qualquer alcoólatra no mundo teria percebido isso. E, ainda assim, todos esses médicos e psiquiatras disseram-me que eu não era alcoólatra e que poderia beber com moderação. Durante meus anos na AA, tenho ouvido milhares de alcoólatras recuperados contarem a mesma experiência.

Os poucos psiquiatras e médicos e, ainda em menor número, juízes de direito que, desesperados, se voltaram para a Alcoólicos Anônimos, vão todos contar-lhe que os conselhos médicos, psiquiátricos e legais, além de não serem de qualquer valia para si próprios ou para qualquer dos pacientes e pessoas que eles tentaram ajudar, foram realmente prejudiciais.

Há, dentro do Estado, milhares de pessoas bem-educadas, capazes e competentes, que são dedicadas a esta causa porque sentem que foram abençoadas por se terem livrado da maldição do alcoolismo e que, portanto, iriam, com grande alegria, auxiliar nesse esforço verdadeiramente válido. Se seu novo programa for apropriadamente aumentando, posso prever ótimos resultados.

Por mais de 18 anos, fui juiz de direito de um condado. Durante grande parte daquele tempo, fui alcoólatra ativo, completamente ignorante do fato de que eu era alcoólatra, tremendamente interessado em ajudar alcoólatras e, mesmo assim, causando-lhes grande mal, porque não compreendia a doença. Reconsiderando isso agora, com o conhecimento que obtive, reconheço que bem mais de 90% das pessoas que vieram a mim acusadas de sérios crimes eram alcoólatras que não sabiam disso. Eu não sabia, o promotor não sabia, os jurados não sabiam, os guardas e o pessoal do departamento correcional não sabiam, nem a polícia daquela cidade sabia disso.

O triste mesmo é que muitas, senão todas, dessas pessoas eram encarceradas por anos nas prisões deste Estado, sem que tivessem tido a oportunidade de ao menos ouvir de outras pessoas que o problema residia no fato de elas serem alcoólatras. Eu, pessoalmente, conheço centenas dessas pessoas que, pela graça de Deus, finalmente encontraram alguém que entendesse seu problema. Elas podem contar-lhe que passaram anos na prisão esperando pelo primeiro dia que saíssem e pudessem tomar um copo de cerveja. É uma vergonha que essa condição exista neste grande Estado. Um dos meus amigos mais próximos e mais queridos, o homem que mais está fazendo pela causa do alcoolismo nas prisões de outro Estado, é um homem que eu, pessoalmente, mandei para a cadeia, condenado por

assassinato, e que passou anos esperando pelo dia em que pudesse sair da prisão para matar-me e aos meus cinco filhos.

No meu trabalho com a Alcoólicos Anônimos tenho visitado quase todas as prisões estaduais e instituições mentais do Estado. Mesmo que as estatísticas não o indiquem – porque quem prepara as estatísticas não reconhece um alcoólatra – o fato é que em uma instituição de dois mil prisioneiros, ou em uma instituição mental de cinco mil pacientes, 60% a 70% dessas pessoas aí estão porque são alcoólatras. Todavia, seria excepcional se, em uma reunião da AA, houvesse cinquenta a cem pessoas que sequer suspeitassem que talvez o alcoolismo seja um problema. Isso é uma vergonha, mas ocorre porque o pessoal dessas instituições não toma conhecimento da doença.

Os chefes dos departamentos são médicos, psiquiatras ou advogados, e eles não somente não sabem coisa alguma sobre a doença como são inflexíveis em sua atitude. As instituições mentais deste Estado gastam milhões de dólares com tranqüilizantes e barbitúricos. Distribuem-se esses tranqüilizantes e barbitúricos para os pacientes e ninguém na instituição sabe que um tranqüilizante, um barbitúrico ou uma pílula para dormir é justamente outra forma de álcool. O álcool, embora os bebedores sociais não gostem de admiti-lo, é um narcótico. E mudar de álcool, que é um narcótico, para uma pílula para dormir, que é outro narcótico, é o mesmo que mudar de conhaque para uísque, ou de uísque para cerveja.

Talvez o senhor nem mesmo chegue a ver esta carta e, se o fizer, provavelmente não terminará de lê-la. Mas se o senhor o fizer e acreditar que pode haver alguma verdade no que digo, eu estaria mais do que pronto a, voluntariamente, oferecer qualquer sugestão que o senhor possa desejar.

Com os melhores votos de sucesso e saúde, e de um Alegre Natal e Feliz Ano Novo, me despeço...

Tudo o que recebi do governador do Estado foi o mesmo tipo de polida nota de recebimento que, pela minha experiência em lidar com políticos, eu sabia ter sido escrita por um de seus secretários e assinada com um carimbo. Portanto, tenho certeza de que o governador nem mesmo viu a carta que lhe escrevi. Talvez algum repórter de jornal, de televisão ou de rádio vá por acaso ler este livro, tomar conhecimento de minha carta ao governador e assim levá-la à sua atenção. Pela minha experiência, sei que políticos são muito mais sensíveis à televisão, jornais e rádio do que aos sinceros esforços de um de seus cidadãos.

17

Um dos maiores dons com que Deus presenteou os seres humanos é a capacidade de reavaliação. Poucos entendem o valor desse grande patrimônio. E mesmo aqueles que o entendem não sabem dele tirar vantagem. Cientistas que se têm dedicado à completa investigação dos fatos dizem-nos que, de todas as criaturas de Deus, o homem é a única que tem a capacidade de relembrar os acontecimentos do passado e de refletir sobre eles. É lamentável que, embora

tenhamos a capacidade de lembrar qualquer evento do passado, examiná-lo e, dessa forma, aprender com ele, nós não o fazemos.

Os homens lembram e examinam, muitas vezes em suas vidas, os eventos que lhes trouxeram honra, glória e grande sucesso. Eles escondem e deliberadamente esquecem suas falhas, enganos e erros. Todos nos lembramos e nos vangloriamos daquela vez em que nós marcamos o gol e ganhamos o jogo, mas nunca lembramos ou falamos sobre as vezes em que perdemos.

Minha experiência me tem ensinado que não aprendo absolutamente nada com os meus sucessos. Aprendo somente com meus fracassos. Penso que o que acontece é que, se eu pudesse instantaneamente rever e reexaminar todos os enganos, fracassos e culpas de meu passado, poderia corrigir os enganos e erros de julgamento que cometi quando e se o evento ocorresse outra vez. O fato é que os acontecimentos se repetem através de toda a nossa vida. O triste é que a maioria dos seres humanos, por não reexaminar os enganos e fracassos do passado, continua a cometer os mesmos enganos e erros por toda a sua vida. Não há dúvida para mim de que isso ocorre porque nós não nos utilizamos do tremendo valor das instantâneas revisões e recordações do passado.

De todas as muitas razões pelas quais me considero feliz por ser alcoólatra, esta, acredito, está entre as mais importantes. A razão é: o homem não quer lembrar seus erros ou enganos do passado. Ele os esconde. É somente porque sou membro da Alcoólicos Anônimos que tenho sido forçado, contra a minha vontade, a rever os acontecimentos da vida e a tentar corrigi-los e modificá-los e acertar pelos meus enganos.

Não há outro lugar no mundo onde homens e mulheres possam sentar-se, uns com os outros, e abertamente discutir os erros, pecados, omissões, ressentimentos, medos e a solidão que sentiram no passado, e discutir, uns com os outros, o que eles têm feito para retificá-los. Experimentem ir a qualquer coquetel, qualquer acontecimento social, qualquer organização fraternal ou cívica – e eu pertenço a tantas, como qualquer pessoa que conheço – e tudo o que vocês ouvirão ser discutido em qualquer dessas funções, tudo o que vocês ouvirão em qualquer lugar em que possam ir, onde homens e mulheres se reúnam para trocar experiências da vida, tudo o que vocês ouvirão ser discutido serão os sucessos, honras e glórias do passado.

Se eu tivesse admitido todos os acontecimentos desonrosos de minha vida, teria sido banido de todas organizações a que pertenço. Ninguém jamais foi impedido de ser admitido na Alcoólicos Anônimos. Como vou a muitas reuniões da AA e ouço experiências de homens que poderiam ter sido banidos de qualquer outra organização, sou forçado, se for honesto comigo mesmo, a usar a capacidade de reavaliação que Deus me deu para lembrar os acontecimentos vergonhosos de minha vida, para lembrar os erros, os enganos e as omissões do passado, para considerar seriamente por que eles aconteceram e para fazer alguma coisa sobre os mesmos. Por isso, continuo a agradecer a Deus todo-poderoso, porque, por meio disso, acredito sinceramente que agora posso evitar a maioria dos erros, a maioria dos enganos e a maioria das coisas vergonhosas de minha vida.

A maioria das reuniões da AA são abertas ao público. Não é preciso ser alcoólatra para ir a essas reuniões. De fato, eu nunca teria ido a uma reunião da AA se tivesse pensado que todos os presentes à reunião eram alcoólatras. Disseram-me que haveria pessoas que eram cidadãos patrióticos, desejosos de servir aos outros, que estavam interessados em alcoolismo e que, por isso, iam a essas reuniões. Por considerar-me um cidadão desse tipo, fui à minha primeira reunião.

Gostaria de sugerir a todos que leem este livro que tentem reunir a coragem para ir a uma dessas reuniões – pelo menos a uma. Tentem ver "o outro lado da vida", como eu fiz. Tenho levado muitas pessoas que não pensam ter qualquer tipo de problema de bebida a participar de uma dessas reuniões. Todas elas saíram absolutamente fascinadas. É uma experiência inigualável.

Muitas dessas pessoas eram grandes viajantes, viajantes internacionais, que foram às mais variadas partes do mundo para ver como os outros vivem, para estudar a cultura dos outros. Isso lhes proporcionou uma maravilhosa experiência e a oportunidade, quando voltaram para casa, de ir a vários eventos sociais e se tornar o centro das atenções ao falar sobre o que viram, aprenderam e ouviram. Na verdade, acho que essa é a principal razão pela qual homens viajam.

Se essas mesmas pessoas fossem a uma reunião da AA, pela primeira vez em suas vidas iriam ver pessoas felizes, cordiais, expressando amor, cheias de vida e alegres, nenhuma delas com um drinque em sua mão. Nenhuma delas meio embriagada. Ouviriam homens e mulheres admitindo, sem vergonha alguma, todas as desgraças e todas as falhas de seu passado. Agora haveria realmente, para essas pessoas, alguma coisa sobre o que falar. Elas têm algo em que os outros estão realmente interessados. Elas têm o melhor instrumento que já tiveram para se tornar o centro das atrações, e isso não lhes custa absolutamente nada. Tentem, vocês vão gostar.

Sem dúvida alguma, há sempre a chance – admito que seja uma chance muito remota, mas há uma chance – de que talvez vocês possam ouvir algo que abra sua mente para enganos do passado. E isso pode (apenas pode) fazer com que vocês queiram participar novamente. E talvez (somente talvez) isso venha a mudar toda a sua vida.

18

Provavelmente, a razão mais importante para que me considere feliz por ser alcoólatra é que, por intermédio de minha filiação à AA, encontrei um Deus em quem tenho uma fé implícita. Sempre acreditei em Deus e sempre pensei que crença e fé em Deus fossem idênticas. Mas na AA descobri que há uma enorme diferença entre acreditar em Deus e ter fé em Deus. Fé em Deus e crença em Deus são duas coisas distintas, tão diferentes como o dia e a noite. Talvez possa explicar isso dizendo que eu sempre acreditei que Richard Nixon era presidente dos Estados Unidos e tinha os mais vastos poderes, mas certamente nunca tive fé nele. Eu não podia confiar implicitamente nele.

O maior presente que a Alcoólicos Anônimos me deu foi ensinar-me a acreditar e a entender que eu poderia entregar minha vontade e minha vida a Deus, como eu o entendia. Na AA encontrei um Deus que *eu* podia entender. Todos os milagres que presenciei na AA, finalmente vim a entender, tinham ocorrido em virtude da amabilidade, da bondade e do amor de Deus por todos aqueles que ele criou.

Meus pais ensinaram-me que Deus premiava o bom e punia o mau. Já que a conduta de minha vida não tinha sido boa, eu não estava habilitado a receber recompensas; assim, falsamente acreditava que tudo o que me havia acontecido tinha sido a mim infligido por Deus, que estaria punindo-me pela minha conduta e por minhas ações. Tive de aprender, por anos de associação com homens que todos condenavam como maus, que todas as coisas ruins que lhes tinham acontecido tinham sido infligidas a eles por eles próprios e de modo algum por Deus.

Eu levei anos conhecendo a vida de outras pessoas para compreender que havia uma profunda verdade nas palavras do poema: "Em homens que homens proclamam maus,/ Eu ainda encontro tanta bondade,/ Em homens que homens proclamam divinos,/ Eu encontro tanto pecado e defeito,/ Que não ousa traçar uma linha divisória/ Entre os dois, quando Deus não o fez". A verdade é que a maioria das pessoas deste mundo teme a Deus, como eu o fiz. A verdade é que os homens não podem amar nada que temam.

As pessoas mentem a si próprias, como eu o fiz, quando proclamam aos céus que amam a Deus, mas têm medo dos eventos da vida. Se acredito implicitamente num Deus que é onipotente e todo-poderoso, que pode fazer qualquer tipo de milagre – e eu acredito, porque vi isso acontecer –, se acredito que Deus não é capaz de qualquer outra coisa senão amar, se acredito que ele é o único controlador dos acontecimentos da vida, não posso temer coisa alguma que aconteça neste mundo. Medo e fé não podem existir, na mesma mente, ao mesmo tempo.

Vejo homens e mulheres correndo para a igreja com rosto triste e amedrontado, implorando a Deus que os perdoe por seus pecados; rezando, contritos, para que não sejam punidos por Deus por sua má conduta e seus erros. Eles caminham pela vida à margem de um precipício. Eles temem constantemente o perigo iminente. Ainda assim, proclamam ao mundo que acreditam em Deus.

Esse novo Deus que a AA e o pessoal da AA deram a mim, e que eu jamais teria recebido se não fosse alcoólatra – já que a única razão que me levou à Alcoólicos Anônimos foi ter problemas com a bebida –, tem alimentado a minha vida com alegria e conforto e retirado de mim o medo, o medo dos acontecimentos do amanhã, o medo da dor, o medo do sofrimento, o medo da tragédia e o medo da morte.

Não sei qual é a aparência de Deus. Não sei onde Deus mora ou onde está. Não tenho idéia de sua postura ou de sua forma. A AA, pelo menos, tirou de mim o egoísmo que me dominava, que me fazia acreditar que não havia possibilidade de existir postura, forma ou poder que fosse maior do que a postura e a forma do homem. Não conheço a forma ou a postura de Deus, mas sei que há um poder maior do que eu, diferente de mim, tão repleto de amor e bondade como eu seria incapaz de conceber: um Deus que criou todas as coisas, que sabe todas as coisas,

que vê todas as coisas, que dirige todas as coisas e sempre essas coisas são boas – boas para o mundo, boas para as pessoas do mundo e boas para tudo no mundo.

Sei que há aqueles que vão ler este livro e dizer que estes são os pensamentos de um homem insano, e talvez sejam. E, se forem, então prefiro ser insano, porque estes são os pensamentos de um homem feliz, com paz de espírito, com conforto e absolutamente sem medo.

Qualquer que seja a postura ou forma que possa ter esse poder que eu encontrei na AA, que é maior que eu, maior que tudo no mundo e maior que todos no mundo, eu sei, por uma razão específica, que é a essência do amor. Eu sei, porque tenho visto, em milhares de ocasiões diferentes, que o amor pode sobrepujar tudo. O amor cura, o amor acalma, o amor traz alegria, o amor traz felicidade, o amor traz paz de espírito, o amor faz o mundo valer a pena. O amor faz a morte valer a pena. O amor faz as tragédias valerem a pena.

Acredito que todo homem, todo ser humano que já foi criado, tenha nele, plantada por Deus que o fez, essa centelha de amor que é parte de Deus. Portanto, acredito que Deus está comigo. Que Deus está em mim. Que eu sou parte de Deus, uma parte muito pequena, infinitesimal, microscópica de Deus mas, não obstante, uma parte de Deus. Talvez uma parte de Deus não maior do que um grão de areia, mas, ainda assim, uma pequena parte de Deus. Se eu permitir que aquela parte de Deus, que o amor de Deus que foi colocado em mim, se acenda e controle minha vida, então eu me torno tão invencível quanto Deus, tão indestrutível quanto Deus.

Com esse pensamento em mente, tenho não apenas o entendimento, mas também o sentimento do que quer dizer a oração do Senhor: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu". Eu entendo agora como Cristo, que dizia que Deus estava dentro dele, que proclamava que era o Filho de Deus, podia efetuar aqueles milagres. Em minha filiação à AA, tenho visto tantos milagres quantos estão escritos na Bíblia: quando o amor de Deus que está nos indivíduos é dado a outro indivíduo. Tenho visto os milagres da AA e sei que eles são os milagres de Deus. Sei também que são os milagres do amor.

Uma vez sabendo que estão implantados em cada indivíduo, ao nascer, a fome e o desejo de amor, eu sei agora por que os homens sofrem, sei por que os homens odeiam, sei por que os homens têm medo. Sei agora por que os homens são solitários. Sei agora por que os homens cometem crimes atrozes. Por toda sua vida eles têm buscado esse amor, essa necessidade de amar que foi plantada dentro deles por Deus todo-poderoso, quando foram criados.

Há ampla prova de que homens morrem por falta de amor. Tem sido verificado, sem qualquer dúvida, que bebês colocados em um orfanato ou em uma casa onde eles não recebem amor, afeição, afago, o canto de ninar, a carícia que a criança necessita ter de sua mãe e de seu pai, morrem por falta de amor. Essas crianças foram mantidas aquecidas e alimentadas apropriadamente. Todas as outras necessidades que são implantadas por Deus nos seres humanos – a necessidade de calor, a necessidade de água, a necessidade de comida, a necessidade de abrigo, a necessidade de sexo – todas elas foram satisfeitas, mas elas não tiveram amor. Sendo assim, Deus as leva para ele.

Agora que sei que todo ser humano é faminto de amor, sinto grande alegria em dá-lo para todo aquele que encontro. Tenho visto essa necessidade em seres humanos de todas as idades. Vejo-a em bebês, em crianças, em adolescentes, em pessoas de meia-idade e mesmo nos idosos que morrem em casas de repouso. Eu vejo não somente sua necessidade, mas vejo a resposta em seus olhos e em sua expressão quando o amor lhes é dado.

O amor é não somente a mais bela e maravilhosa força do mundo, mas é também a mais mal compreendida. O amor não tem valor efetivo até que seja posto em ação. Há outras forças no mundo que não entendo. Eu não poderia fazer um desenho da eletricidade, mas sei que a eletricidade tem força. Só sei que ela tem força quando é posta em ação. A única maneira pela qual eu posso dizer que a força elétrica está ligada em minha casa é quando aperto o botão para fazer funcionar algo que é movido a eletricidade. Uma vez que aperto o botão, sei que a força está ligada. A mesma coisa é verdadeira com o amor. Eu poderia sentar-me em meu quarto até o dia do Juízo Final, determinado a amar todas as pessoas do mundo, mas ninguém no mundo iria receber a força daquele amor e os benefícios daquele amor até que eu tivesse praticado um ato de amor.

São Paulo reconheceu a auto-suficiência do amor sobre tudo o mais, quando disse não importar o que o homem seja, não importar o que ele faça, não importar que conduta sua vida possa ter – se ele não tiver amor, ele é somente um bronze que soa ou um címbalo que tine. Eu me descrevo, antes de chegar à AA, de um modo um pouco diferente. Uso linguagem de botequim para dizer que tudo que eu era não passava de um grande saco de eloqüente ar quente. A maior surpresa que tive em minha vida foi quando me dei conta de que, em todos os meus 50 anos, jamais havia aprendido coisa alguma sobre o amor.

Ainda assim, dois mil anos antes de eu nascer, São Paulo, no capítulo 13 da Epístola aos Coríntios, tinha descrito o que é o amor. No versículo 4, ele disse: "O amor é paciente e prestativo. O amor não é invejoso, não se ostenta. Ele não se incha de orgulho e nada faz de inconveniente. O amor não procura o seu próprio interesse. Ele não se irrita, não guarda rancor. Ele não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. O amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

Quando me tomei honesto comigo mesmo, como era proposto pelo programa da Alcoólicos Anônimos, comecei a fazer minucioso e destemido inventário moral de mim mesmo, como sugere um dos passos, e percebi que não tinha um único atributo de amor. Eu não era paciente. Não era generoso. Era invejoso. Era extremamente orgulhoso, arrogante e rude. Procurava os meus próprios interesses. Era irritável. Guardava rancor. Eu me rejubilava diante do errado. Não podia suportar coisa alguma e não podia enfrentar coisa alguma.

Que rude despertar foi para mim, que por toda a minha vida tinha estado cego para todos esses defeitos que mantiveram afastado de mim o maior poder que Deus me havia dado, o poder de amar! Eu era como um homem que tivesse vivido por 50 anos, numa casa que estivesse suprida de eletricidade e de todo o equipamento de que a força elétrica precisa para funcionar, com todos os benefícios que eu poderia ter usufruído por 50 anos, e tivesse estado

completamente cego para o fato de que minha casa estava suprida e equipada com todas essas coisas maravilhosas, prontas a trazer felicidade e alegria para minha vida.

É igualmente estranho para mim que, por toda a minha vida, eu ignorasse completamente a diferença entre acreditar em Deus e ter fé em Deus. Porque até sobre isso as antigas Escrituras tinham falado muito efetivamente. São Lucas descreveu como Cristo falou a seus discípulos e chamou-os: "Oh, homens de pouca fé". Ele disse: "Não fiquéis preocupados. Não fiquéis ansiosos sobre vossas vidas, o que ides comer, nem sobre vosso corpo, o que deveis vestir".

Ele disse: "Atentai para os pássaros do campo. Eles não semeiam nem colhem. Não têm armazéns nem celeiros e, ainda assim, Deus os alimenta. Quanto mais valeis vós do que as aves! E qual de vós, estando ansioso, preocupado ou amedrontado, pode prolongar um pouco a duração de sua vida? Olhai os lírios do campo, como eles crescem. Eles não fiam nem tecem. Ainda assim, eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje está viva e amanhã será atirada ao forno, quanto mais vai ele vestir-vos, homens de pouca fé".

Eu não poderia dizer-lhes quantas centenas de vezes ouvi esses versos antes na igreja e, mesmo assim, por 50 anos, minha vida esteve cheia de medo, ansiedade, solidão, ressentimento. E eu acreditei, como nenhum homem que já tenha vivido antes, que tinha sido amaldiçoado por Deus. Eu, na igreja, prestava mais atenção aos sermões que se referiam à justiça e à ira de Deus do que aos sermões que falavam no amor de Deus. Tive de entrar para a AA para ver os milagres que o amor de Deus tinha construído. Agora que conheço Deus, agora que sei que ele me ama, agora que meu Deus não tem ira, não tem vingança, que meu Deus é todo amor, eu perdi o medo, perdi os ressentimentos, perdi o remorso e o ódio. Portanto, por que não me sentiria feliz por ser um alcoólatra?

Quando fiz o minucioso e destemido inventário moral, atento a todos os meus defeitos de caráter, atento a todas as minhas falhas que tinham afastado de mim o poder do amor de Deus, soube então que tinha um mundo para conquistar. O mais importante mundo de todos os mundos. Tinha de conquistar a mim mesmo. Eu sabia muito bem que era totalmente verdadeiro o que tinha sido escrito anos antes. Que aquele que conquista a si próprio é maior do que aquele que conquista uma cidade. Assim comecei, e ainda estou engajado, e estarei enquanto viver, na maior luta na qual qualquer homem já esteve engajado. Aquela que lhe traz as maiores vitórias, a maior paz de espírito e a maior serenidade e esperança. Ela é a conquista de mim mesmo.

A primeira vez em que fui capaz de observar o tremendo poder do amor aconteceu no começo de minha atividade na AA. Certo dia, uma senhora trouxe à minha casa um homem que estava em terrível estado de alcoolismo. Ele estava se embriagando há seis meses, bebendo dia e noite sem parar. Tenho visto poucas pessoas fora de um hospital em estado tão ruim. Conversei com ele por quase duas horas sobre alcoolismo. Tudo o que ele fez foi ficar sacudindo a cabeça. Ele estava terrivelmente desidratado de tanto beber. Todos os alcoólatras ficam desidratados. Assim, fui dando a ele copos de água gelada.

Depois de quase duas horas, perguntei-lhe se gostaria de ir comigo a uma reunião da AA, naquela noite, e ele disse que sim. Fiquei bastante orgulhoso de mim mesmo pelo modo como eu lhe tinha explicado o alcoolismo, e por quão convincente eu tinha sido em minha conversa com ele. Apanhei-o, naquela noite, e levei-o à reunião. Pelas sete noites seguintes, levei-o a reuniões.

Na sétima noite, no caminho de volta da reunião, ele me olhou e disse: "Posso perguntar-lhe uma coisa, juiz? Onde o conheci?"

Eu respondi: "Sua esposa o trouxe à minha casa, na semana passada".

"Não me lembro de ter estado em sua casa. Você tem certeza de que eu estive em sua casa?"

"Claro que sim, você esteve lá por várias horas."

"Nem mesmo sei onde você mora."

"Bem", eu disse, "você lá esteve, e foi lá que eu e você nos conhecemos."

Nós rodamos por cinco ou seis quilômetros e ele ficou silencioso, sem dizer mais nada. Finalmente, ele me disse: "Foi você o sujeito que ficou me dando água gelada?"

"Sim, eu fui o sujeito que ficou lhe dando água gelada."

Que bela coisa aquilo fez para meu ego! Toda a eloqüência, toda a conversa, todas as perguntas e todas as coisas que eu tinha tentado fazer para ajudar aquele homem com seu problema não tinha tido qualquer efeito sobre ele. A única coisa de que ele conseguia se lembrar era de que alguém, em algum momento, tinha sido gentil com ele.

Há uma citação em algum lugar da Bíblia e eu não consigo encontrá-la ou lembrá-la inteiramente. Algo sobre dar um copo de água fresca a um estranho. Não me lembro do trecho da Bíblia ou do que ele diz, mas eu vi e sei o que o dar quatro ou cinco copos de água fresca teve a ver com o acender da centelha do amor em um indivíduo. E eu vi o milagre de quatro copos de água gelada.

Um dos milagres, que me aconteceram desde que entrei para a AA e encontrei um novo tipo de Deus é o milagre que tenho visto ocorrer a centenas de outras pessoas que vieram à AA. É este: todo dia de minha vida eu estou agradecido a Deus por ele ter dado aos seres humanos o mais perfeito corpo, a mais perfeita máquina que já foi inventada. Tenho o mesmo corpo hoje que tinha quando vim à AA pela primeira vez. Mas, naquela época, todo dia de minha vida eu achava que tinha sido amaldiçoado, porque Deus me havia dado um corpo tão imperfeito, tão fraco e tão inadequado.

Como todo alcoólatra, durante o tempo em que bebia, tive grandes problemas com meus rins. Eu constantemente sofria de diarreia. Meu estômago sempre me incomodava. Era o vomitador campeão do mundo. Nada é mais desagradável do que vomitar e defecar ao mesmo tempo. Toda noite, minhas roupas de cama ficavam molhadas de suor. Pobre de mim! Naturalmente, jamais culpei o álcool por isso. Devo ter comido alguma coisa que não me fez bem. Devo ter sido envenenado. Eu tinha um vírus permanente. Mas depois que encontrei esse novo Deus, depois que comecei a ser honesto comigo mesmo, fiquei maravilhado ao ver que perfeito instrumento ou máquina Deus todo-poderoso tinha feito ao criar o corpo humano.

O corpo humano é o único instrumento que já foi inventado, a única máquina que já foi inventada que pode reproduzir a si própria e continuar se reproduzindo ao infinito. É a única máquina já inventada que pode consertar a si mesma e, acima de tudo, é a única máquina já inventada que pode guardar e proteger a si mesma. É a única máquina já inventada que tem um sistema de alarme ligado a cada uma de suas peças, que dá alarme em forma de dor, advertindo as pessoas de que alguma coisa está errada em alguma parte específica de seu corpo.

Quando um ser humano introduz veneno em seu organismo, não somente álcool, que é veneno, mas qualquer tipo de veneno, o corpo do ser humano, sem qualquer instrução de seu cérebro, imediatamente se põe a trabalhar para forçar o veneno para fora. Os rins começam a funcionar mais rapidamente que o normal, para forçar o veneno a sair do corpo em forma de urina. Seu estômago se põe a trabalhar e o faz vomitar. Seus intestinos se põem a trabalhar. Seus pulmões se põem a trabalhar. Cada poro de seu sistema se abre e o veneno é forçado a sair de seu corpo, sem a interferência de sua vontade. Muitas, muitas vezes, contra sua vontade.

Agora eu sei por que tive de passar por todas aquelas doenças, todo aquele remorso, toda aquela miséria. Por tudo isso, eu agradeço a Deus todo-poderoso.

19

Se eu não fosse um alcoólatra, nunca teria ido à Alcoólicos Anônimos. E, se eu nunca tivesse aderido à Alcoólicos Anônimos, nunca teria experimentado um dos maiores benefícios de que dispomos por sermos seres humanos. É a capacidade de rir, especialmente a capacidade de rir de si mesmo. Quando um alcoólatra, um alcoólatra na ativa, está no estado de torpor em que o álcool o coloca, ele pode rir. É o riso que aparece porque ele está naquele torpor e porque não compreende quão estúpido ele é. É uma situação completamente diferente da de quando um alcoólatra fica sóbrio, tem a mente clara, relembra a sua conduta, compreende quão estúpido foi o que fez e, ainda assim, é capaz de rir, porque agora ele não está mais se comportando estupidamente. É exatamente a condição que os tranqüilizantes produzem.

A melhor história que conheço, a qual descreve o que acontece quando se tomam tranqüilizantes, é a história da pessoa que foi se consultar com um médico. Sua queixa era de que ela molhava a cama à noite. O médico lhe disse que esse problema era causado por seus nervos, e que seria possível ajudá-lo receitando-lhe Librium. Quando o paciente perguntou-lhe o que era Librium, o médico disse que era um tranqüilizante suave. Em meus anos na AA, tenho ouvido falar de muitas pessoas que morreram por dose excessiva de tranqüilizante suave. O médico assinou a receita para o tranqüilizante. Então, não viu mais o paciente por muitos meses. Um dia, ele o encontrou na rua. Ele disse: "Olá, José, como está passando?".

José respondeu: "Oh, muito bem, doutor. Perfeitamente bem".

O médico perguntou: "Bom, isso é bom. Você parou de molhar a cama?".

"Oh, não", disse José, "eu ainda molho a cama, mas agora não me incomodo mais com isso".

Muitas coisas aconteceram durante o tempo em que eu bebia; coisas tão estúpidas que agora, com a mente clara, posso lembrar-me delas e ainda rir de minha estupidez.

Uma noite, bem tarde, eu estava seguindo as ordens de meu médico. Como a maioria dos alcoólatras, eu tinha ido a muitos médicos. Esse médico específico era o meu favorito porque me havia dito o que eu queria ouvir. Que eu não era alcoólatra. É totalmente óbvio para mim, hoje, por que tantos médicos dizem aos alcoólatras que eles não são alcoólatras. Segue-se, como uma questão de bom raciocínio, que, quando o hábito de beber do médico, o padrão de beber do médico é o mesmo que o do paciente, o paciente não vai conseguir um diagnóstico muito bom.

As queixas que apresentei a esse médico foram as mesmas queixas de todo alcoólatra. Que eu andava muito nervoso, muito emotivo. Que eu não conseguia dormir a noite. Ele garantiu-me que eu não era alcoólatra, porque conseguia parar de beber. Ele me disse que, se eu fosse um alcoólatra, jamais seria capaz de parar de beber. Claro que sei, hoje, que isso é o maior absurdo que alguém já disse, porque um alcoólatra ativo, que bebe excessivamente, tem de parar de beber por certos períodos ou não fica vivo.

O médico disse-me que meu estado provinha do fato de eu me dedicar a um trabalho muito difícil. Sendo juiz de direito, em uma das mais importantes cortes criminais do Estado, e juiz da Vara de Família, realizava um trabalho emocionalmente muito cansativo. Ele disse: "Você tem de mandar pessoas para a prisão, tem de afastar crianças de seus pais e, sem dúvida, precisa de alguma coisa para dormir à noite. Porque quando você vai trabalhar pela manhã, precisa ter a cabeça clara".

Ele continuou: "Eu poderia receitar pílulas para dormir, mas elas viciam". (Como se o álcool não viciasse!) "Sugiro que, antes de ir para cama, à noite, você tome um par de drinques bem fortes. Deguste-os e não os tome de um gole só. Beberique-os cerca de uma hora antes de ir para a cama e assim você vai ficar muito cansado e vai dormir. Você vai ter uma boa noite de sono e vai estar com a cabeça clara, pela manhã." Eis aqui, eu pensei, um médico fantástico, maravilhoso mesmo.

Claro que percebi que o médico realmente não tinha a mínima idéia de quão tenso e quão desgastante era meu trabalho. Se ele tivesse a mais leve idéia de quanto meu trabalho afetava meus nervos e emoções, ele teria receitado uma dose de álcool muito maior do que dois drinques fortes, antes de eu ir para cama. Assim, no tocante à quantidade do remédio que deveria tomar, tornei-me meu próprio médico.

Eu estava seguindo o conselho médico, com minha própria quantidade, por algum tempo, e o tinha testado até que descobri que, para sentir sono, a quantidade de que eu precisava ficava entre meio litro e um litro de uísque. Eu também tinha descoberto que, muito freqüentemente, esse sono vinha muito repentinamente e eu

desmaiava antes de subir as escadas e ir para cama. Portanto, adotei um plano segundo o qual, depois do terceiro ou quarto drinque, eu começava a me despir, de modo que estaria preparado em caso de cair no chão da sala de visitas e teria, pelo menos, despido a maior parte de minhas roupas.

Nessa noite, eu tinha tirado praticamente toda a minha roupa, exceto minhas calças, quando a campainha começou tocar. Ela ficou tocando e minha esposa veio até o alto da escada e disse: "Bill, você me faria o favor de atender à porta? Alguém deve estar em terrível dificuldade". Fui até a porta e lá encontrei quatro pessoas que disseram ser de Massachusetts e que desejavam casar-se. Compreendi que eu não estava nem apropriadamente vestido, nem apropriadamente sóbrio para executar uma cerimônia de casamento. Portanto, tentei livrar-me deles. Mas eles colocaram-me em uma situação realmente incômoda e eu não estava em condições de agüentar uma situação realmente incômoda. Assim, eu disse: "Entrem". Consegui, da melhor maneira que pude, chegar até uma cadeira sem cambalear e imediatamente sentei-me e os convidei a fazer o mesmo.

Agora, que tinha concordado em executar a cerimônia, eu tinha um grande problema. É o mesmo problema que todo alcoólatra tem quando está em estado de embriaguez. Eu não ousaria deixar aquelas pessoas, as quais nunca tinha visto antes e provavelmente nunca mais iria ver, saberem que eu estivera bebendo. O alcoólatra ativo tem uma personalidade muito estranha. Não importa que ele saiba que está embriagado. Não importa que ele saiba que o álcool o está matando, contanto que mais ninguém o saiba. Assim, com o objetivo de me proteger, eu usei a habilidade que todo alcoólatra tem – a de representar. Todos os alcoólatras são grandes atores. Eles têm de ser grandes atores para evitar que os outros saibam que eles são alcoólatras.

Portanto, enchi-me de um ar judicial e, com grande dignidade, olhei para eles e disse: "Vocês têm a licença?". Eles apresentaram-me um pedaço de papel. Eu não estava com óculos e, mesmo se estivesse, no estado de embriaguez em que me encontrava naquela noite, eu não teria sido capaz de ler. Poderia tranqüilamente ter sido um pedaço de papel higiênico. Com grande dignidade e solenidade, dei a entender que examinara o papel de ponta a ponta. Então, com uma voz profundamente judicial, eu disse: "Tudo aqui parece estar em perfeita ordem".

Ora, eu sabia que, se começasse a procurar meus sapatos, meias, gravata e paletó, aquele pessoal seria capaz de notar que eu estava embriagado. E eu não estava certo de que, mesmo que começasse a procurá-los, iria encontrá-los. Assim, teria de usar minha inteligência para resolver aquele problema. Examinei as quatro pessoas e perguntei: "Quais de vocês desejam se unir pelos laços do matrimônio?". Tendo descoberto os dois que eu iria casar, instruí-os a puxar um par de cadeiras para perto de mim. Nós iríamos ter um casamento sentados.

Depois que eles estavam sentados diante de mim, eu disse, austeramente: "Tirem seus sapatos e meias". Eles me olharam com surpresa e perguntaram: "Por que temos de tirar nossos sapatos e meias?". Ao que eu respondi, na mais austera voz que podia exibir: "Vocês não podem casar-se neste Estado usando sapatos e meias". E eles responderam: "Oh, nós não sabíamos disso". E ambos começaram imediatamente a tirar seus sapatos e meias. Depois que eu lhes fiz umas poucas

perguntas, pronunciei-os marido e mulher, disse-lhes para colocar seus sapatos e meias e informei-os de que estavam casados. Desejei-lhes boa sorte e eles foram embora de minha casa.

Se qualquer pessoa me tivesse dito, depois que eles saíram de minha casa, que eu era impotente perante o álcool e que minha vida se tornara incontrolável, eu teria me sentido altamente insultado. Porque tenho, como vocês vêem, a habilidade que todo alcoólatra tem de racionalizar, e eu estava muito orgulhoso de mim mesmo, porque tinha sido capaz de – com a grande habilidade que eu tinha – manejar as coisas em estado de embriaguez.

Eu costumo falar em muitas ocasiões, em reuniões da AA, em Massachusetts. Desde que uma das coisas que aprendemos na AA é corrigir o mal que causamos, eu queria corrigir a descuidada cerimônia de casamento que tinha realizado enquanto embriagado, já que, tenho certeza, os quatro voltaram para Massachusetts e devem ter perguntado a muita gente: "Você sabia que não se pode casar naquele Estado calçando sapatos e meias?".

Em uma dessas ocasiões, quando estava falando em Massachusetts, lá se encontrava uma senhora de Boston. Ela, uma excelente oradora, falou sobre sua juventude. Falou de todas as bebedeiras, cantos, danças, farras e festas de que tinha participado. Então disse: "E, com tudo isso, ainda sou uma solteirona". Depois que ela falou, contei minha experiência de casar umas pessoas de Massachusetts sem sapatos e meias, com o objetivo de desagrar o pessoal do meu Estado, por ter criado a impressão de que nós temos costumes um tanto esquisitos.

Então, comentei o maravilhoso depoimento que a senhora de Massachusetts havia feito. Enquanto falava sobre isso, eu disse: "E sempre ouvimos coisas novas e maravilhosas na AA. Alguma coisa nova e alguma coisa diferente. Mesmo esta noite". E prossegui: "Não posso entender como, com todas essas festas, farras e diversões de que minha amiga participou quando jovem, não posso entender como ela ficou solteirona". Diante disso, ela pulou de sua cadeira, arrancou o microfone de minhas mãos e disse: "É porque eu sempre me recusei a tirar os sapatos e as meias!".

20

Até este ponto, tenho tentado explicar por que me considero feliz por ser um alcoólatra. Compreendo que essa expressão é provavelmente enganosa, visto que eu não tomo um só drinque há mais de 18 anos. A maioria das pessoas iria presumir que não sou mais alcoólatra. Essa é justamente outra das noções falsas a respeito do assunto. Nada é mais verdadeiro, e nada é mais mal compreendido, do que: uma vez alcoólatra, sempre alcoólatra. Uma vez que um pepino se transforme em picles, ele nunca mais voltará a ser pepino de novo. Uma vez que o corpo humano perca a tolerância ao álcool, esta está perdida para sempre e não pode ser recuperada. Só que, por não beber mais, não sofro de todos os horrores e misérias, de todos os remorsos e as doenças que o álcool me causava.

Talvez, em vez de dizer que me considero feliz por ser um alcoólatra, eu devesse dizer que me considero feliz porque *me tornei* um alcoólatra. Se não me tivesse tornado alcoólatra, eu jamais, em nenhuma circunstância, teria conhecido a Alcoólicos Anônimos. Se nunca tivesse ido à Alcoólicos Anônimos, nunca teria aprendido a viver. Nunca teria usufruído de todos os benefícios que um ser humano pode receber de Deus. Deus todo-poderoso criou-me e criou todo ser humano que já existiu para conhecê-lo, amá-lo e ser feliz com ele. Não no futuro, mas aqui neste mundo, belo e maravilhoso, que ele também criou. E quando o viu, disse que ele era bom.

Essa alegria e essa felicidade com Deus são possíveis a todo ser humano, mas raras pessoas as alcançam. Elas não as alcançam pela mesma razão por que, durante os primeiros 50 anos de minha vida, eu não as alcancei. Deus fala conosco e nos ensina por intermédio de outros seres humanos. A maioria das pessoas vive em um mundo tão estreito, tão egoísta, tão arrogante, que elas não estão interessadas em ouvir Deus falar-lhes por intermédio dos outros que ele criou, nem têm a oportunidade de entrar em contato com homens e mulheres de todas as raças, credos e graus de educação, de cada uma das camadas da vida.

Enquanto me aproximava apenas de pessoas que tinham minha idade, meu grau de educação, minha raça e meu credo, eu vivia em um mundo muito estreito. Ouvia somente as experiências de homens e mulheres que vivem naquele mesmo mundo estreito. A expressão "a metade das pessoas do mundo não conhece como a outra metade vive" não é exata. Seria mais apropriado e mais exato dizer que 99% das pessoas não sabem como os outros 99% vivem. Porque fui forçado, contra minha vontade, a me tornar membro da Alcoólicos Anônimos, que é composto de homens de todas as posições sociais e de todos os credos, é que fui forçado a me aproximar deles. Eles compartilharam suas experiências, sua força, suas esperanças e seu amor comigo. Como resultado disso, encontrei todas as coisas que na vida valem a pena.

Quais são as coisas da vida que valem a pena, que hoje tenho e que não tinha, e nunca teria tido, se não fosse alcoólatra? Talvez a maior coisa que homens de todas as posições sociais me deram seja um coração agradecido. Gratidão é a cobertura de açúcar sobre o bolo da vida. Comparando a minha vida de hoje com a que tive antes de entrar para a AA, entendo que um homem pode ter tudo neste mundo, mas, se não tiver gratidão, não tem absolutamente nada. O coração e a mente transbordantes de gratidão obtêm um sentimento de felicidade e de alegria que é indescritível.

Tenho uma amiga que ascendeu socialmente. Ela fala com um sotaque afetado. Onde quer que vá jantar e o anfitrião ou garçom pergunte se ela desejaria algo mais, ela sempre diz: "Eu estou completamente satisfeita". Essas palavras, eu penso, expressam tão bem quanto quaisquer outras o que acontece à pessoa quando ela está repleta de gratidão pelas bênçãos da vida. Quando uma pessoa termina sua refeição, se está completamente satisfeita, não deseja nada mais do que está na mesa. Quando o ser humano tem o coração e a mente transbordando de gratidão, ele não quer nem precisa de mais nada em todo este mundo.

Quando cheguei à AA, os membros mais antigos disseram-me que, desde que eu ficasse agradecido por minha sobriedade, eu nunca iria querer nem precisar de outro drinque. Como eu estava tão apavorado com o que um outro drinque iria me fazer, procurei, diariamente, ser grato pela sobriedade. Vagarosamente, gradualmente, muito vagarosamente, comecei a descobrir outros benefícios na gratidão, além de não querer um outro drinque. Quanto mais agradecido eu me tornava, menos precisava de qualquer outra coisa. Quanto menos preocupado eu ficava, quanto menos temia, mais contente ficava com a vida. Exatamente como o calor, o entusiasmo e o sentimento reconfortante que obtive com o primeiro drinque. Cada dia, luto mais e mais para obter o calor, o entusiasmo, a felicidade, a alegria que vêm de um coração agradecido.

Outra coisa que considero que vale a pena e que obtive somente porque era alcoólatra, unido, há anos, à irmandade da Alcoólicos Anônimos, é a alegria que vem da amizade. Quando cheguei à AA, disseram-me que uma de minhas grandes necessidades era a necessidade de amigos. Senti-me insultado quando os veteranos disseram-me que eu não tinha amigos. "Como?", eu disse. "Tenho mais amigos que qualquer um em meu condado. Estou sendo eleito, de forma esmagadora, pelo partido democrático, no condado mais republicano do Estado." Mas, hoje, eu sei que não tinha amigos verdadeiros. Não somente isso, mas sei que pouquíssimas pessoas, neste mundo, já experimentaram a alegria e o contentamento que vêm de uma amizade verdadeira. A maioria das pessoas é como eu era. Tem companheiros de botequim. Tem companheiros sociais. Tem companheiros de "buracos", companheiros de golfe, companheiros de política, mas não tem amigos. Na AA, aprendi que um amigo é alguém que sabe tudo sobre você e ainda assim o ama.

Na sociedade em que vivemos, os homens se vangloriam e se jactam de seus bens. Eles ocultam suas deficiências. Temos vergonha de nossos defeitos de caráter. Temos vergonha de nossas falhas. Temos vergonha de nossos enganos. Na AA, aprendi que ter vergonha das próprias falhas e dos próprios defeitos de caráter é envergonhar-se de ser humano. Mas, em nossa sociedade, homens e mulheres são ensinados a ter vergonha de ser humanos. Assim, eles escondem de todas as pessoas – até mesmo de si próprias – suas falhas, seus defeitos de caráter, seus erros e seus enganos. Onde os escondemos? Onde os enterramos? Nós os escondemos e os enterramos profundamente dentro de nós mesmos. E lá eles se infeccionam e nos destroem, porque nunca os trazemos à tona, à luz do dia.

Quando vim à AA, pela primeira vez, fiquei surpreso ao ouvir homens e mulheres se levantarem em uma reunião pública e contar todos os seus defeitos de caráter e suas falhas, descrever seus ódios, medos, ciúmes, arrogância e egoísmo. Isso, eu disse, na época, eu nunca conseguiria fazer. Isso nunca vou fazer. Mas eu estava também surpreso diante de sua felicidade, paz de espírito, contentamento e pelo companheirismo que demonstravam uns para com os outros. Vagarosa e relutantemente, pouco a pouco, eu trouxe à tona, de dentro de mim mesmo, pedaço a pedaço, as falhas, os defeitos de caráter, os enganos, as omissões, os erros e o raciocínio distorcido que tinham arruinado minha vida. Trouxe tudo isso à tona vagarosamente, gradualmente, um pouquinho aqui, um pouquinho ali, até que

também comecei a ter a paz de espírito, a alegria, a felicidade que qualquer pessoa consegue alcançar, eliminando, trazendo à luz do sol de um mundo maravilhoso.

Hoje, desfruto do conforto, da felicidade e da alegria que vêm do fato de eu ter milhares de pessoas a quem posso chamar de amigos, porque essas pessoas sabem tudo sobre mim. Tenho contado a eles tudo sobre mim. Tenho compartilhado com eles minhas experiências, minha força, minha esperança e meu amor. E por isso eu sou muito grato.

Deixem-me, agora, relatar um dos maiores benefícios que eu jamais teria encontrado se nunca tivesse sido alcoólatra e, por isso, forçado a aderir à Alcoólicos Anônimos. É a coisa que me ajuda a conseguir o que Deus, quando me criou, pretendeu que eu conseguisse, ou seja, ser feliz aqui na Terra.

Discutindo o tema "Vá com calma" com meus amigos alcoólatras, finalmente fiquei convencido de que é absolutamente impossível ser feliz e estar com pressa ao mesmo tempo. Reavaliando minha vida, eu agora sei que a razão por que não era feliz: era por estar sempre com pressa. Se vocês meditarem sobre isso por algum tempo, vão ficar tão convencidos quanto estou de que pressa e felicidade não podem existir, no mesmo indivíduo, ao mesmo tempo. Exatamente como óleo e água não se misturam, exatamente como fé e medo não se misturam, também pressa e felicidade não se misturam. Não se pode, ao mesmo tempo, estar com pressa e completamente livre de tensão. Não se pode ser completamente feliz quando não se está completamente livre de tensão.

É a pressa que causa a impaciência, ou talvez seja a impaciência que causa a pressa. Não importa o que possa ser, quando estou impaciente, não me sinto feliz. Em toda a minha vida, até chegar à AA, eu tinha sido impaciente.

Quando estou com pressa para chegar a algum lugar ou para fazer alguma coisa, agora procuro perguntar a mim mesmo: "Quanto isto é importante?". Quando faço uma honesta avaliação de mim mesmo, quando faço uma avaliação honesta do que estou fazendo, então percebo que não é, de modo algum, importante que faça aquela coisa com pressa, ou que chegue depressa aonde quer que esteja indo. Os americanos são gente com pressa. Não preciso demonstrar isso. Há uma história de um homem da cidade de Nova York que estava com um visitante da China. Eles entraram na estação do metrô, na rua Quatorze, para ir até a rua Quarenta e Dois. O nova-iorquino disse ao chinês: "Vamos esperar pelo expresso. No expresso economizam-se 4 minutos entre a rua Quatorze e a rua Quarenta e Dois". Ao que o chinês observou: "E o que você fará com esses 4 minutos?".

Quando estou com pressa para chegar a algum lugar ou para fazer alguma coisa, minha mente está ocupada com chegar lá ou fazer aquela coisa. A mente humana não pode ocupar-se de duas coisas ao mesmo tempo. Durante todo o tempo em que minha mente está ocupada em chegar ou fazer, perco a oportunidade de me concentrar em dádivas de Deus de que disponho e que me fazem feliz.

Fui criado em uma pequena comunidade na qual havia dois irmãos que eram meio estultos. Eram pintores e colocadores de papel de parede. Chamavam-se Manuel e Sílvio. Todos, na cidade, costumavam rir de Manuel e Sílvio. A expressão favorita deles era: "O que não fizemos hoje, faremos amanhã".

Levei muitos anos para me recuperar da ofensa e do insulto que recebi dos veteranos da AA, quando lá apareci pela primeira vez, os quais estavam sempre me dizendo: "Não complique as coisas, estúpido". Eu ficava realmente ofendido quando aqueles companheiros, sem muita educação, chamavam-me de estúpido – a mim, membro do Colégio Americano de Advogados de Júri, uma organização honorária de advogados cuja participação está limitada aos mil melhores advogados do mundo. Que coragem tiveram esses companheiros para me chamar de estúpido! Mas, agora, que sou feliz, agora que compreendo quão pouco importante é que eu faça as coisas ou que chegue lá, agora agradeço a Deus por saber que sou estúpido, porque estou realizando o que Deus me criou para realizar. É ser feliz aqui na Terra.

Porque eu sou alcoólatra, fui até a Alcoólicos Anônimos. A Alcoólicos Anônimos mudou minhas atitudes e meus objetivos. Parei de tentar conquistar amigos e influenciar pessoas. Estou concentrado em me tornar um amigo para mim mesmo. Sou a única pessoa no mundo com quem sempre estarei. É importante que eu me influencie. É muito mais fácil para mim influenciarme do que influenciar qualquer outro. É muitíssimo mais importante para mim. É de enorme importância para minha vida espiritual – a única vida que leva a alguma coisa – que eu me familiarize comigo, que aprenda a gostar de mim e que aprenda a me amar. Porque é somente assim que posso seguir o mandamento que Cristo ensinou. Que eu ame meu semelhante *como a mim mesmo*.

Para eu gostar de mim e me amar, tenho de aceitar total responsabilidade por mim mesmo. Não posso mais culpar meus ancestrais irlandeses pelo meu beber. Não posso mais culpar meus pais, meus professores e minha igreja pelas minhas falhas e meus defeitos de caráter. Essas, hoje sei, são desculpas. Na exata medida em que alguém mais, ou alguma coisa, levar a culpa por todas as coisas que estão erradas comigo, essas coisas permanecerão erradas. "É assim que sou" não é desculpa para que eu não seja o que deveria ser ou o que, se tentar, posso ser.

Certo dia, recentemente, estava jantando em um restaurante, quando um antigo companheiro político entrou mancando e sendo guiado por sua esposa. Fui até sua mesa para conversar e perguntei-lhe como ia passando. Ele disse: "Bem, veja, Bill, nós estamos ficando velhos. Já duramos mais do que devíamos. Eu estou apenas esperando para morrer. Costumamos vir aqui, um par de vezes por ano, e isso é tudo que fazemos".

Eu disse: "O que você faz o resto do tempo?"

Ele disse: "Eu me sento em minha varanda e olho pela janela". Desejei-lhe boa saúde e disse até logo. Mas, no caminho de volta para minha mesa, agradei a Deus por ser alcoólatra.

Uma outra atitude mudou, graças a Deus. Nós somos ensinados, na sociedade na qual vivemos, que, quando alcançamos certa idade cronológica, é muito tarde para mudar. Nosso trabalho está feito. Deveríamos nos aposentar e esperar para morrer. Ouvimos isso tão freqüentemente que realmente acreditamos nisso. Mas isso não é verdade. Enquanto Deus nos deixar viver e respirar, podemos melhorar e crescer, em especial espiritualmente. Podemos nos tornar melhores e melhores, com o passar dos anos. Se eu não fosse alcoólatra, nunca teria sabido

disso e, ou teria morrido muitos anos atrás, ou estaria sentado em minha varanda, olhando pela janela.

Por que agradei a Deus por ser alcoólatra, no dia em que me afastei de meu companheiro no restaurante? Eu o fiz porque a AA me tem dado um novo objetivo na vida. No passado, eu tinha a mesma meta que meu amigo. Minha meta era economizar dinheiro, permanecer no mesmo trabalho, conseguir uma grande aposentadoria e o que pensava ser o mais alto objetivo que alguém poderia obter. Qual era ele? É a chamada segurança. Meu amigo encontrou a segurança e, quando a encontrou, descobriu que não tinha conseguido absolutamente nada. A segurança destrói o sabor da vida. Segurança é o fim da vida. Essa é a razão por que, quando os homens se aposentam, eles morrem. Conheço centenas de aposentados. Ainda não morreram fisicamente mas, até onde tenho sido capaz de observar, estão mortos espiritualmente. Por mim, preferia estar fisicamente morto do que estar morto espiritualmente e continuar vivendo.

Dr. Wayne W. Dyer, em seu formidável livro *Your Erroneous Zones*, diz: "Mas há um tipo diferente de segurança que vale a pena ser perseguido: é a segurança interior de confiar em si mesmo para lidar com qualquer coisa que possa nos atingir. Essa é a única segurança duradoura, a única segurança real. As coisas podem ser destruídas, a depressão pode levar seu dinheiro, sua casa pode ser retomada, mas você pode ser uma rocha de auto-estima. Você pode acreditar tanto em sua força interior que as coisas ou os outros serão vistos como um mero apêndice, agradável mas supérfluo, à sua vida". E, então, ele acrescenta essas importantes palavras: "Segurança pode então ser redefinida como o conhecimento de que se pode lidar com tudo, inclusive com o não ter segurança".

Sem dúvida alguma, o maior presente que o pessoal da AA ofereceu-me foi um novo Deus. Um Deus como eu o concebo. Não como você o concebe, nem como qualquer outra pessoa no mundo o concebe, mas um Deus como *eu* o concebo. Este Deus é tão diferente do Deus para quem eu rezava e a quem adorava antes de entrar para a AA que não mais reconheço, de modo algum, o velho Deus como Deus. Eu sei hoje que o Deus que tinha quando entrei para a AA não era meu Deus. Era o Deus de alguma outra pessoa. Era o Deus sobre o qual me ensinaram. Jamais poderia entender o Deus que tinha sido incutido em minha mente por meus pais, pela Igreja e pelos doutores em Teologia e Filosofia com os quais tinha estudado.

O Deus que eu tinha quando cheguei à AA era um Deus punitivo. Ele premiava o bom. O mau, ele condenava à maldição eterna, no inferno. Ensinaram-me que devia amar a Deus, mas eu tinha medo de Deus. Vivia em constante pavor de Deus, porque esse mesmo Deus, sobre o qual me haviam ensinado, sabia que eu era mau e eu sabia que estava condenado ao inferno. Hoje sei que, exatamente como o medo e a fé não podem existir em nossa mente ao mesmo tempo, não podemos amar qualquer pessoa ou coisa da qual tenhamos medo.

A maioria das religiões, a maioria dos doutores em Filosofia, a maioria dos doutores em Teologia perdeu-se em sua interpretação de justiça. A maioria das pessoas é tão arrogante e egoísta que não pode imaginar qualquer forma de justiça que exceda ou que seja melhor do que a forma humana de justiça. Somente alguém

que tenha sido parte da administração da justiça por muitos anos e então, pela graça de Deus, tenha sido forçado a compartilhar suas experiências, força e esperanças com aqueles que são vítimas da assim chamada justiça do homem, pode compreender quão injusta é a justiça do homem. A verdadeira justiça não pode ser distribuída nunca por alguém que não compreenda profundamente o objeto de sua justiça.

É triste o fato de que os homens, apesar de suas pretensões de inteligência, não entendam, na realidade, outros homens. Eles, de fato, não entendem a si mesmos. O homem não compreende o homem. Mas meu Deus o compreende. Meu Deus nunca criou um homem mau. Meu Deus somente criou homens e mulheres bons. Seres humanos não se tornam maus. Eles têm a aparência de serem maus porque ficam doentes. Ouvi um companheiro dizer, certa vez, na AA: "Deus não cria lixo. Homens doentes transformam perfeição em lixo".

Nenhum homem com algum senso de justiça iria punir pessoas doentes. A civilização tem amadurecido até o ponto em que os homens não mais punem as pessoas pelas doenças que eles reconhecem. O problema é que o homem ainda não amadureceu até o ponto de reconhecer a mais devastadora de todas as doenças, doença mental e doença espiritual, porque em nossa civilização moderna os chamados homens bons são segregados dos chamados homens maus. Os chamados homens bons nunca são capazes de observar, reconhecer ou admitir a doença dos chamados homens maus. Como fui obrigado, pelo alcoolismo, a aproximar-me dos chamados homens maus do mundo, tive a oportunidade que é dada a uns poucos de compreender em profundidade quão verdadeiras foram as palavras do poeta quando escreveu: "Em homens que homens proclamam maus/ Eu ainda encontro tanta bondade,/ Em homens que homens proclamam divinos/ Eu encontro tanto pecado e defeito,/ Que não ousa traçar uma linha divisória/ Entre os dois, *quando Deus não o fez*".

Com esse novo tipo de Deus que a participação na AA propiciou-me, posso viver sem medo, em paz, conforto e felicidade e com amor e fé no Deus que conhece, que compreende e que me tem conhecido e compreendido desde o dia em que nasci. Meu Deus jamais me castigou. Meu Deus nunca puniu qualquer pessoa que ele criou. Em virtude de meu entendimento errôneo de Deus, em virtude de meu entendimento errôneo dos seres humanos, em virtude de meu entendimento errôneo de mim, eu me confinei, sozinho, dentro de uma cela cercada por paredes que eu mesmo tinha construído. As paredes do medo, do ódio, do remorso, do ressentimento. Ao se fecharem essas paredes sobre mim, em desespero e sem esperanças eu implorei pelo socorro de Deus.

Foi o pessoal da AA que abriu um buraco na parede, estendeu suas mãos e me ajudou a vir para um mundo belo e maravilhoso. Meu Deus, o Deus que os homens e mulheres da AA me deram, não é um Deus punitivo. Não é um Deus de ira. Não é um Deus de vingança. Meu Deus é a essência do amor mais puro. Meu Deus implantou em mim e em vocês, quando nascemos, a centelha do amor divino, e nada do que eu faça enquanto estiver mental ou espiritualmente doente pode jamais extingui-la.

Ainda mais do que meus amigos da AA, que sabem tudo sobre mim e ainda assim me amam, meu Deus sabe tudo sobre mim e sei que ele, apesar disso, me ama. Com esse novo Deus que conheço, amo e compreendo, eu posso caminhar pela vida completamente sem medo. Não tenho de implorar para que ele atenda a meus desejos ou a minhas necessidades. Meu amigo vai me satisfazer em toda necessidade, como um puro e querido amigo. Esse meu Deus é capaz de me atender em cada coisa que eu precise para ser feliz, para atingir o tipo de felicidade que ele, quando me criou, reservou para mim. Não tenho de pedir a Deus para me perdoar pelos pecados que cometi quando estava doente. Meu Deus sabia que eu estava doente. Pelo que sei, meu Deus pode me ter feito doente para me fazer feliz. Com esse tipo de Deus eu posso caminhar pela vida, completamente sem medo. Sem medo de qualquer acontecimento da vida, porque meu Deus tem o completo controle de todos os acontecimentos da vida. Meu Deus nunca permite que algo de ruim aconteça.

Meu Deus não julgou apropriado dar-me sabedoria para distinguir os bons dos maus acontecimentos. Meu Deus não me deu sabedoria para entender por que acontecem coisas que não posso compreender. Mas meu Deus me deu fé para aceitá-las como elas acontecem. Eu sei hoje que não tenho capacidade ou sabedoria para julgar os acontecimentos da vida, quando eles acontecem, porque meu julgamento é o julgamento dos homens e não o julgamento de Deus. Mas meu Deus me abençoou por me ter permitido viver em dois mundos. Em meu mundo velho, eu usava minha mente humana para julgar acontecimentos, e todos os meus julgamentos, ou praticamente todos eles, foram errados. Deste mundo novo no qual vivo, posso lembrar o mundo velho no qual vivia e vejo, agora, que cada coisa que me aconteceu, aconteceu com o objetivo de me levar, contra a vontade, para o outro mundo. Viver neste mundo novo, com este Deus novo, é uma alegria, porque é um mundo sem medo. É um mundo de fé – fé não somente em Deus, mas fé em mim mesmo e fé em cada pessoa deste mundo.

Com esse tipo de fé que me foi dada pelo pessoal da Alcoólicos Anônimos, perdi o medo que aflige quase toda pessoa, neste mundo, o medo da morte. Não sei o que acontece com o homem depois da morte, da mesma forma que não sei o que vai me acontecer, na Terra, amanhã, mas sei que a morte é criação de Deus, tanto quanto o nascimento, e meu Deus deu-me fé para saber, pelos milagres que tenho presenciado na AA, que nada que Deus faz é ruim e nada que Deus cria é destrutivo ou passível de ser destruído. Portanto, minha fé neste Deus querido assegura-me que, pela eternidade, serei parte desse Deus querido.

Sei perfeitamente que não há muita gente no mundo que possa aceitar esta filosofia de vida. Estou plenamente consciente de que o que eu penso sobre meu Deus contradiz os ensinamentos que a maioria dos homens por todo o mundo tem aceito. Sei que há muitos que, se terminarem este livro, vão dizer, ao modo cristão: "Pai, perdoa-lhe porque ele não sabe o que está dizendo". Não espero que muitas pessoas aceitem minhas idéias sobre este assunto. Tudo o que sei é que estas idéias trouxeram-me felicidade, prazer, contentamento e alegria como poucos homens já alcançaram. Por isso, toda noite agradeço a Deus por ser um alcoólatra.

Porque sou um alcoólatra, libertei-me da dor, da impaciência, da frustração que resultam de sermos escravos do tempo. Quando cheguei à AA, os companheiros mais antigos disseram-me que eu não tinha de parar de beber para sempre. Tudo o que tinha de fazer era permanecer, com a ajuda de Deus, longe de um drinque por um único dia. Um deles sugeriu-me o seguinte: "Tudo o que você tem de fazer é não beber agora". Por mais estranho que possa parecer, isso tem funcionado por muitos anos. O que é importante, portanto, é que não estou bebendo agora. Ao praticar isso por muitos anos, aprendi uma coisa de fundamental importância sobre a vida. É que o único tempo importante em minha vida ou em sua vida é o agora.

Meu Deus não conhece tempo. Meu Deus sempre foi e sempre será. O homem inventou o tempo. O homem inventou o tempo como uma conveniência de escrituração comercial. E, desde que o inventou, a maioria dos homens tem sido escrava e estado presa a ele. Quando o homem inventou esse catálogo fictício chamado tempo, colocou nele três colunas. Uma das colunas fictícias no livro do tempo é rotulada de "ontem". A outra coluna fictícia é chamada de "amanhã". A coluna da realidade é *agora*.

Sob a coluna de "ontem", o homem registra todos os acontecimentos e circunstâncias do passado. Essa coluna é preenchida com remorso, arrependimento, tristezas, enganos, erros. Mas tudo o que lá está mencionado já se foi. Foi-se para sempre. Nunca poderá ser mudado. Todas as nossas lágrimas, todo o nosso remorso, todos os nossos arrependimentos, não podem apagar uma única linha desse registro. A maioria das pessoas sabe disso, mas não pode esquecer. E por não poder esquecer, o conteúdo dessa coluna fictícia ofusca a coluna da realidade chamada "hoje".

A outra coluna fictícia é chamada "amanhã". Nela registramos todas as nossas expectativas, esperanças e sonhos. Mas o amanhã nunca chega. Tudo o que temos é o hoje. Tudo o que temos é o agora. Todo o tempo precioso do agora, que dependemos ao nos concentrarmos sobre as outras duas colunas, destrói a coluna da realidade que é chamada de "agora".

A Alcoólicos Anônimos ensinou-me a me concentrar no agora. Eu sei que é verdade o que Abraham Lincoln disse: "Todo homem é precisamente tão feliz quanto se decide a sê-lo". Como todo ser humano que Deus já criou com seu desejo de felicidade, eu quero ser feliz. Se quiser ser feliz, tenho de ser feliz agora e me determino, tanto quanto "não esqueço as algemas do tempo", a ser feliz. Não há nada mais verdadeiro em todo o mundo do que as palavras que proclamam: "Não há alegria ou tristeza, mas o pensamento cria uma ou outra". Se quiser ser feliz, e eu quero, então tenho de ser feliz agora. E assim me concentro, agora, em pensamentos felizes.

A Alcoólicos Anônimos deu-me um outro grande presente. É o presente que os homens têm procurado através dos séculos. Durante séculos, o homem tem procurado a fonte da juventude. Os homens têm procurado a fonte da juventude por anos, pois têm sido levados, enganosamente, a pensar que os dias mais felizes de nossa vida estão na juventude. Eles interpretaram erroneamente a expressão de Cristo de que venham a ele as criancinhas porque delas é o reino dos céus. Cristo

estava falando do espírito do homem. O espírito do homem não envelhece. O homem espiritual torna-se mais jovem a cada tique-taque do relógio. Os homens despendem grandes esforços em acrescentar anos à sua vida e negligenciam a coisa mais importante, que é acrescentar vida a seus anos.

Diferentemente da maioria das pessoas, não tenho o menor medo da velhice. Não penso em me aposentar, uma vez que todo dia, desde que cheguei à AA com 50 anos de idade, a cada tique-taque do relógio, minha vida espiritual está ficando cada vez melhor. Por que deveria eu interromper esse grande processo que Deus me concedeu?

Conhecendo a mim mesmo como hoje me conheço, por causa de minha associação com outros alcoólatras, sei que, por toda a minha vida, eu desejei estar entre os jovens de coração. Mas nunca estive até que cheguei à AA. E então Deus me empurrou para dentro da AA. Quando vim à AA pela primeira vez, a associação era composta principalmente por homens idosos. Pelo fato de o alcoolismo ter sido cada vez melhor compreendido através dos anos, hoje a participação na AA está se tornando mais e mais jovem. Rapazes estão vindo para a AA e eu estou me associando a esses rapazes. Saio, quase toda noite da semana, com o carro cheio de jovens. Algumas vezes, a idade cronológica de todos os ocupantes do carro juntos é menor que a minha. Mas, em espírito, somos todos da mesma idade e, o que é importante, somos todos exatamente iguais e somos naquele momento, *agora*, muito felizes.

Espero não ter dado a meus leitores uma impressão errada. Posso facilmente ver como, ao ler alguns dos parágrafos deste último capítulo, alguém poderia chegar à conclusão de que esse sujeito ou é um grande contador de vantagens ou é um louco. Ele está sempre dizendo que é feliz, que está eternamente em estado de euforia, que ele nunca tem qualquer medo, preocupação, remorso ou arrependimento.

Evidentemente, isso não é verdade. Não faço tal afirmação. Não estou sempre em estado de euforia. Eu tenho preocupações, tenho medos, tenho arrependimentos, porque sou humano e os seres humanos os têm. Cometo enganos, ainda tenho defeitos de caráter nos quais estou trabalhando. Eu sempre apresentarei falhas. Sempre apresentarei defeitos de caráter enquanto for um ser humano.

Meu Deus poderia ter criado um ser humano que fosse perfeito, que não tivesse defeitos de caráter, que não tivesse deficiências e que não cometesse um só engano. Meu Deus poderia ter criado um ser humano que não precisasse relembrar seus erros e enganos nem sentir qualquer remorso. Mas ele preferiu não fazê-lo. Ele escolheu dar ao homem uma vontade livre e, quando o fez, ele compartilhou com sua própria divindade a glória da realização.

Como todo membro da AA, não reivindico perfeição espiritual. Nós reivindicamos apenas o progresso espiritual. Tudo o que reivindico é que estou no caminho certo.

Durante os primeiros 50 anos de minha vida, viajei ao longo do caminho errado. Eu estava perdido e só e em todo tipo de dificuldade. E então um outro ser humano, um membro da AA, mostrou-me que eu estava no caminho errado e apontou-me o caminho certo. Não há muita diferença entre o caminho errado e o

caminho certo. Nenhum caminho é fácil. Ambos os caminhos têm colinas, montanhas e vales. Ambos têm buracos. Ambos têm desvios que saem da estrada principal – e é fácil se perder e bem difícil encontrar o caminho de volta –, mas há uma grande diferença entre os dois caminhos.

O caminho errado, pelo qual viajei durante 50 anos, era um caminho solitário e desolado. Eu viajei por todo ele completamente só. O caminho certo é cheio de pessoas que por anos têm viajado através dele. Elas conhecem os buracos. Conhecem as colinas, as montanhas e os atalhos. Formam uma multidão fraternal de pessoas nessa estrada, todas ansiosas por se ajudar mutuamente, de tal modo que quando caio, quando desanimo, quando tomo um atalho e me perco, elas estão lá para me devolver ao caminho certo. Elas estão lá para me animar, para me encorajar e para me ajudar.

Vocês devem lembrar-se de um capítulo anterior em que o psiquiatra disse que eu era como Napoleão, que não tinha mundos para conquistar, que deveria ter um "hobby". O pessoal da AA disse-me que eu tinha, sim, um mundo para conquistar. O mais difícil de todos os mundos para conquistar. Tinha o mundo de *mim mesmo* para conquistar. Alguém disse certa vez: "Aquele que conquista a si mesmo é maior que aquele que conquista um país". Nisso, hoje, eu acredito de todo coração. Hoje, tenho um objetivo na vida. Hoje, tenho uma meta na vida. Essa meta é fazer de mim um homem melhor e descobri que o modo de fazer isso é ajudando os outros a se tornarem homens melhores.

Encontrei um "hobby". E acho que é o "hobby" mais interessante e mais fascinante que alguém possa ter. Eu gosto de plantar sementes. Não sementes de vegetais ou sementes de flores. Gosto de plantar as sementes do programa da AA. Assim como aconteceu com o plantador de sementes da Bíblia, nem todas as sementes que planto caem em um solo fértil. Algumas caem sobre rochas, outras caem entre ervas daninhas, são sufocadas e morrem. Mas, de vez em quando, algumas das sementes que planto caem no coração de um homem ou mulher que tem vontade de parar de beber. E eu gosto de observar essas sementes crescerem. Gosto de ver a cor vermelha desaparecer de seus rostos e olhos. Gosto de ver suas mãos pararem de tremer. Gosto de ver a expressão de tristeza e solidão desaparecer de suas faces. A primeira vez que eles vêm até mim e me dizem o quanto estão tentando ajudar outro ser humano, eu sei que tenho outro caminhante no caminho da vida.

Uma pequena parte do meu "hobby" tem sido escrever este livro. Se apenas cem cópias forem impressas, se somente uma pessoa ler este livro e decidir viajar comigo ao longo deste caminho, terei – ainda que de forma bem modesta – oferecido minha retribuição a meu Deus por todas as bênçãos que ele tem derramado sobre mim e sobre os meus. E terei, uma vez mais, certeza de que a oração que eu rezava quando criança, de que poderia algum dia tornar-me um instrumento da paz de Deus, terá sido atendida.

EPÍLOGO:

UMA VEZ ALCOÓLATRA,

SEMPRE ALCOÓLATRA

Um dos fatos espantosos sobre o alcoolismo é que, enquanto o alcoolismo pode ser detido e o alcoólatra pode levar uma vida feliz e útil, ele não pode esquecer-se de que é um alcoólatra e que precisa continuar sua atividade na Alcoólicos Anônimos pelo resto da vida. A história seguinte vai demonstrar isso melhor do que qualquer coisa que já encontrei.

Pouco depois que me tomei ativo na Alcoólicos Anônimos e comecei a fazer uso da palavra, falei em uma reunião da AA, em uma pequena cidade não muito longe de casa. Na audiência, notei um padre católico que tinha dito aos membros do grupo que estava lá como padre, na esperança de que pudesse ajudar católicos com problemas de bebida. Depois que falei, ele chamou-me até a cozinha e contou-me que não estava lá como padre, mas que tinha um sério problema de bebida. Daquele dia em diante, tornamo-nos amigos muito íntimos.

Fomos juntos a muitas reuniões. Ele parou de beber e se tomou um membro muito ativo na AA. Falamos juntos em muitas reuniões da AA, já que as pessoas ficavam ansiosas por ouvir um juiz de direito e um padre católico que eram alcoólatras confessos. Esse padre era membro de uma das maiores ordens religiosas do mundo. Galgou as classes de sua ordem religiosa e, vários anos atrás, foi chamado a Roma e feito provincial, nos Estados Unidos, daquela ordem religiosa. Cerca de um ano atrás, o Conselho de Alcoolismo nos Estados Unidos publicou os nomes de 22 ou 23 personalidades que eram alcoólatras confessos e que tinham parado de beber. Essa lista continha os nomes de senadores e congressistas, governadores, atores famosos, atletas famosos, e um dos nomes era o de meu amigo, padre Estêvão.

Poucos meses atrás, minha esposa e eu celebramos nossas bodas de ouro. Decidimos dar uma festa e convidar todos os meus velhos e íntimos amigos. Um dos convites que mandei foi para meu querido amigo padre Estêvão. Enquanto minha esposa estava repassando a lista daqueles que viriam à festa, mencionou que padre Estêvão ainda não tinha confirmado sua presença. Eu disse: "Bem, o padre Estêvão é um homem muito ocupado. Ele voa por todos os Estados Unidos visitando os vários grupos da Ordem. Ele tem de ir ao Vaticano um par de vezes por ano. Talvez esteja em Roma. Provavelmente não recebeu o convite. Mas o padre Estêvão estará aqui se recebeu o convite".

Cerca de cinco dias antes da festa, quando cheguei do trabalho, minha esposa disse: "Bem, o padre Estêvão não virá à festa". Eu exclamei: "Que pena!". Ela perguntou: "Você sabe por que ele não vira à festa?". "Não." Ela disse: "Ele está bebendo". "Eu não acredito nisso." Ela disse: "Bem, aqui está a carta dele".

Aqui está a carta que o padre Estêvão escreveu, acompanhada da carta que ele tinha enviado para cada um dos membros de sua Ordem. Aqui está, também, a carta que eu lhe escrevi.

29 de maio de 197-

Queridos Bill e Ellie,

Parabéns pelas bodas de ouro próximas! Minhas preces estarão com vocês e com todos que se reunirem nesse dia feliz – mas eu sinto muito, pois não estarei fisicamente presente.

Talvez o modo mais fácil de explicar minha ausência seja pedir-lhes que leiam o "anúncio" anexo que estou fazendo circular. Confio que ele dirá o suficiente para explicar que somente um obstáculo sério impede-me de estar por perto para compartilhar com vocês, com a família e com os amigos a alegria de seu aniversário de casamento.

Deixe-me assegurar-lhes que eu estou me beneficiando imensamente com este interregno em minha vida. O programa aqui procura satisfazer nossas necessidades em todos os setores da vida, e estou correspondendo diligentemente às oportunidades. Não sei, no momento, quanto tempo serei um "convidado" aqui mas, de qualquer maneira, provavelmente por mais algumas semanas. Sendo assim, peço para reprogramar uma visita minha e espero que nossos caminhos se cruzem, outra vez, em futuro próximo.

Exatamente, agora, estou no período neutro entre a conclusão de meu terceiro período como provincial e minha próxima atribuição. Planejo tirar uns poucos meses, no outono, para fazer algumas atualizações (Teologia, Sagrada Escritura, Práticas pastorais etc.) antes de começar a próxima fase de minha vida.

Portanto, não sei para onde serei finalmente escalado, mas espero que seja por perto, de modo que eu possa reunir-me outras vezes a algumas das amizades preciosas que tenho tido e deixado escapar durante os últimos anos, em virtude da pressão dos deveres oficiais. Estes estão afastados de mim, agora, e estou ansioso por desfrutar de algumas das coisas de que mais gosto – especialmente manter contato com velhos amigos.

Como você vai apreciar, Bill, uma das primeiras coisas que farei em meu retorno (depois de ver alguns membros da família) será uma ronda pelos grupos da AA, para deixar a turma saber que não desapareci da face da Terra! Entrarei, por exemplo, em contato com um grupo, dentro dos próximos dias, para deixá-los saber o que aconteceu em minha vida. Sei que você vai entender – e eu dou muito valor a isso.

Deus nos abençoe a todos.

Sincera e agradecidamente,
Padre Estêvão

* * *

20 de maio de 197–

Meus queridos confrades,

Como vocês verão, é muito difícil para mim escrever esta carta, mas sinto que devo esclarecer publicamente as razões de meu afastamento para repouso, sobre o qual vocês devem ter ouvido falar qualquer coisa. Se vocês conhecem o "Guest House" (Casa de Hóspedes) impresso no alto da página, conhecem o

problema e o programa: trata-se de um centro para tratamento da doença do alcoolismo em padres e religiosos. Eu vim para cá, no dia 27 de abril.

O período de transição desde minha carta de intenção relativa ao cargo de provincial, em outubro de 197–, trouxe esperados problemas de ajustamento para mim, mesmo depois de meu período ter terminado, em princípios de abril. Eu estava, vejo agora, vulnerável e até enfraquecido. Para ajudar, cometi o engano de usar alguma medicação tranqüilizante, drogas que alteram o humor. Elas, em combinação com crescente quantidade de vinho durante a missa, até missas extras, reativaram meu alcoolismo, ainda que com consumo limitado. Eu sabia que estava em dificuldades e precisava de ajuda, temeroso de que as coisas ficassem piores e eu bebesse mais. Minha tolerância para qualquer álcool diminuiu através desses anos de sobriedade, como é característico nesta doença. Assim, vim diretamente para "Guest House", para terapia. Este tem sido um tempo de reeducação, aconselhamento, descanso físico e exercício e, sobretudo, atividade espiritual, um tempo para tirar o álcool e a medicação do meu organismo, um tempo para meditar sobre como e por que mantê-los fora de minha vida. Senti que deveria "vir a público" com vocês, por meio desta carta, de forma que eu possa começar a nova fase de minha vida, sem o fardo de tentar esconder o que aconteceu, ou de ter outros tentando evitar a inevitável divulgação das "novidades".

Certamente, agora, conheço muito melhor a insidiosa natureza desta doença. Reconheço que não utilizei os remédios disponíveis para mim, em meu programa da AA. Os outros remédios que procurei foram ineficazes.

Talvez a franca confissão de meu problema, nesta carta, e minha pronta aceitação de ajuda encorajem outros a procurar o auxílio necessário. Confio que minha experiência aguça a vigilância de outros que estejam enfrentando os mesmos perigos. Acima de tudo, rezo para que meu otimismo sobre a ajuda disponível contenha uma mensagem para todos nós.

Eu, na verdade, lamento a ansiedade que tenho causado para o padre provincial e seus consultores, mas conforto-me com a preocupação e a compreensão demonstradas por eles, pela minha família, pelas comunidades, por meus amigos da AA. Agradeçam a Deus comigo, porque agora tudo vai bem.

É bom ser um membro da Ordem em tempos bons – e ainda melhor, em tempos maus. Por favor, rezem por mim, assim como eu o faço por vocês. Mas não sintam pena de mim. Eu não tenho pena de mim. Sintome somente grato porque sabia o suficiente para aceitar ajuda quando dela precisei. Possamos, todos nós, ser tão afortunados em tempo de necessidade.

Em Cristo,
Estêvão _____

9 de junho de 197–

Querido padre Estêvão,

Muito obrigado por sua carta de congratulações, seus votos e suas preces, que nos foram enviados por ocasião de nossas bodas de ouro. Nossas bodas foram

maravilhosas, com muitos amigos felizes rodeando-nos. Sentimos muito a sua falta.

Não sei por que qualquer um que seja, há algum tempo, membro da AA deva se sentir chocado ao ouvir que algum membro teve uma recaída. Nós todos sabemos que o maior dom que o homem possui é o dom da sobriedade. E todos sabemos que ele somente vem até nós, um dia de cada vez. Ainda assim, o ego do homem é tão grande que, não importa o quanto ele saiba, esse ego o destrói, por mais arduamente que o homem tente vencê-lo. Sempre há acontecimentos, na vida, que nos impedem temporariamente de reconhecer a vontade de Deus. Assim, por um momento, quando do recebimento de sua carta, eu fiquei chocado e triste. Momentos depois, dei graças a Deus. Muito rapidamente, eu me senti capaz de relembrar um agosto, anos atrás, quando aconteceu comigo a mesma coisa que aconteceu a você, depois de eu ter sido um membro ativo da Alcoólicos Anônimos por 36 meses.

Poucos dias depois que isso aconteceu, recebi de você uma carta maravilhosa, a qual tenho mantido na gaveta de minha escrivaninha, por todos estes anos. Eu a tiro de lá e a leio muitas vezes. Talvez você tenha esquecido o que me falou naquela ocasião, mas tirei uma cópia da mesma e a anexo, porque os conselhos que você me deu naquela época têm, por todos esses 19 anos, me mantido sóbrio. Mas, muito mais importante, me têm mantido feliz. Você afirmou: "Eu sinto que Deus vai usar essa experiência para torná-lo muito mais compreensivo do que você tem sido, mais gentil e útil aos outros. E, muito embora você tenha de pagar esse preço sozinho, todos nós vamos colher e ganhar com seu sacrifício. Talvez Deus tenha deixado você suportar essa cruz para que eu – ou alguém mais – não tenha de suportá-la".

Eu sinto, e talvez isso ainda seja arrogância de minha parte, talvez não, que Deus criou-me para um propósito principal – ajudar alcoólatras sofredores, trazer a paz de Deus e o respeito próprio a outros que Deus criou e que têm o mesmo problema que você e eu temos. Uma vez que sinto que este é meu principal propósito na vida, tenho seguido uma regra de que nada mais, neste mundo, tem qualquer importância, desde que não interfira em meu principal propósito na vida. Isto tem tornado minha vida interessante, fascinante e, mais que tudo, válida. É por esta razão que, embora há muitos anos eu tenha perdido completamente a obsessão pela bebida, permaneço ativo na AA que, no fim das contas, foi o veículo para a grande mudança em minha vida. Compareço, no mínimo, a cinco reuniões da AA por semana, e agora que ouvi o que aconteceu a você, decidi aumentar esse número para seis.

Eu sinto que seu problema não começou quando você começou a tomar tranqüilizantes, a usar mais vinho na missa e a rezar mais missas. Seu problema começou quando você ficou tão absorvido pelo seu trabalho da Ordem, que isso adquiriu prioridade sobre o principal objetivo para o qual você foi criado – ajudar outros alcoólatras. E aí surgiu em você a necessidade de tomar tranqüilizantes e mais vinho, para lidar com a vida. Quanto mais tempo eu permaneço sóbrio, mais posso reconhecer o alcoolismo, como eu o compreendo, em tão grande número de pessoas, até mesmo em milhões de pessoas que nunca tomaram um só drinque em

suas vidas. Vejo isso tão alastrado em integrantes de minha própria profissão. E vejo isso especialmente alastrado no sacerdócio e em outras pessoas cujas vidas são devotadas à religião. Estou escrevendo desta maneira com a esperança de que eu possa inspirar em você os mesmos pensamentos que tenho sobre mim mesmo, e de que você venha a reconhecer que o que aconteceu comigo é a mesma coisa que lhe aconteceu. E que você venha a descobrir, como me disse, que essa experiência irá torná-lo muito mais compreensivo do que você tem sido, mais gentil e útil aos outros; e, muito embora você tenha de pagar esse preço sozinho, todos nós vamos colher e ganhar com esse seu sacrifício.

Gostaria de ter a oportunidade de sentar-me com você, para compartilhar minhas experiências e meu amor, como fizemos tantos anos atrás, nos primeiros tempos da AA, quando viajavamos juntos para tantas reuniões, e falávamos juntos em tantas reuniões. Mas a idade e a distância tornam isso impossível. Contudo, gostaria de compartilhar um par de outras experiências que tive.

Há algum tempo, falei em uma convenção estadual da Alcoólicos Anônimos. Havia outro orador na convenção, que era um padre católico. Ele disse que, quando começou a freqüentar a AA, ele tinha um padrinho dedicado que ficava levando-o a reuniões, reuniões e mais reuniões. Uma noite, ele disse a seu padrinho: "Sabe, tenho de cortar essas idas a todas essas reuniões. Estou negligenciando meu trabalho na igreja. Estou despendendo mais tempo na AA do que em meu trabalho na igreja". O padrinho virou-se para ele e disse: "Ouça, estúpido, você não tem um problema de religião. Você tem um problema de bebida".

Algum tempo depois de ter tido minha segunda recaída, falei em uma reunião em Springfield, Massachusetts. Depois da palestra, um veterano da AA veio até mim e disse: "Juiz, você está ajudando um bocado de gente. Está mantendo um monte de gente sóbria. Um sujeito esperto como você, um sujeito inteligente como você, com toda essa instrução. Você continua tendo essas recaídas uma após a outra. Você está mantendo um bocado de nós afastado da mesma coisa". "Mas agora", ele continuou, "permita-me dar-lhe um conselho. Você já fez a sua parte. Daqui por diante, deixe algum outro ter as recaídas."

Gostaria de transmitir-lhe um outro conselho que recebi, e espero que ele possa valer-lhe. Depois que voltei, outro veterano da AA me disse: "Quando você volta de uma recaída, à AA, não importa por quanto tempo você tenha estado na AA, não importa quanto você tenha estudado os Passos ou tentado praticá-los, você não volta para onde parou. Você volta como uma pessoa novinha em folha, que não sabe absolutamente nada sobre o programa da AA. É como chegar à solução errada para um problema de matemática. Você não volta para descobrir onde cometeu o engano. Você começa a resolver o problema todo de novo, desde o comecinho". Acreditei nisso e tive de fazê-lo.

Quanto mais tempo permaneço na AA, quanto mais tempo eu vivo, mais posso ver em tudo a bondade da vontade de Deus. Como você sabe, seis anos atrás minha filha Maureen morreu. Não houve qualquer tragédia em minha vida que de algum modo se comparasse a essa. Ela deixou três filhos. Eu não conseguia ver a vontade de Deus nisso. Eu tinha levado milhares de pessoas à AA. Não havia

ninguém que eu quisesse mais, que absorvesse o programa da AA, do que Maureen. Ela era tão jovem e tão bonita! Tinha um senso de humor tão maravilhoso! Eu queria que ela continuasse a levar a maravilhosa mensagem da AA para os alcoólatras que sofrem, por muito tempo depois que eu morresse. Centenas de amigos da AA vieram, naquele momento, para me ajudar. Contei a muitos deles por que eu me sentia tão mal. Um companheiro me disse: "Talvez, Bill, Deus tenha entendido que você estava melhor preparado do que ela para levar avante essa mensagem. Talvez a morte dela vá levar uma mensagem ainda maior do que a que você vinha transmitindo no passado". Nada se tem provado mais verdadeiro do que essa afirmação. Acho que ela se aplica a você. Ninguém que eu tenha encontrado na AA está melhor preparado que você para levar a mensagem da AA aos alcoólatras que sofrem. Talvez Deus desejasse que você tivesse uma mensagem mais forte e melhor.

Na noite em que voltei de Oak Hill, após minha última (pelo menos espero que seja a última) recaída, Brandão levou-me para Springfield, para uma reunião da AA. Chegamos cedo e havia somente uma pessoa na cozinha: nosso amigo Artur. Ele estava fazendo café e eu entrei. Ele veio até mim e disse: "Olá, juiz, como vai?". Eu respondi: "Artur, estou horrível". Ele disse: "O que você quer dizer com 'estou horrível'?". Eu respondi: "Acabo de sair de um centro de tratamento para alcoólatras em Oak Hill". Ele me abraçou e disse: "Bem, graças a Deus você está de volta". Eu disse: "Sim, Artur, eu estou de volta, mas eu não vou conseguir. Eu sou um dos 25% dos alcoólatras sem esperança, que nunca vão absorver o programa. Eu vou morrer um bêbado desesperançado e sem valor". Bem, como você sabe, padre Estêvão, Artur e eu não éramos em nada semelhantes. Artur era mais velho do que eu. Ele era americano e eu, irlandês. Ele era protestante e eu, católico. Ele era republicano e eu, democrata. Ele disse: "Bill, por favor, não nos deixe. Nós queremos você, nós precisamos de você, nós amamos você".

Acredito firmemente que esta foi a mensagem de Deus todo-poderoso que me apontou o propósito de minha criação. Acredito firmemente que o alcoólatra que sofre me quer, precisa de mim e me ama. Embora você não possa ouvir minha voz como eu ouvi a de Artur, havia alguma coisa, em seu tom, que a fazia diferente de qualquer outra voz que eu já tinha ouvido. Apresso-me a transformar em palavras para você a mensagem que tenho e que acredito ter recebido de Deus: nós queremos você de fato, nós precisamos de você, nós amamos você.

Eu sei que Deus o abençoará.

Respeitosamente seu,
Bill

Segunda, 10 de agosto de 195-

Querido Bill,

Quando você receber esta, espero e rezo para que sua recente aflição se tenha tornado apenas uma desagradável lembrança. Você sabe que fiquei muito triste por não estar mais à mão para oferecer alguma ajuda que estivesse ao meu

alcance. Mas sei que tão logo você a pediu, houve muita disponível. Mesmo que você tenha conseguido, em retorno, somente um pouco do auxílio que tem dado aos outros, estou certo de que foi mais do que suficiente! Como eu disse a Ellie, estarei preso aqui até depois da festa de Assunção, mas planejo voltar por um breve período, depois disso. E pode estar certo de que vou aparecer para vê-lo, tão logo eu esteja próximo daí.

Penso, Bill, que tenho uma idéia do pesar e do desânimo que preenchem seu coração e sua alma, neste momento. Claro que desconheço qualquer dos detalhes, mas não acho que sejam importantes, agora. Acho que o grande perigo, agora, é que isso se torne uma experiência de humilhação em vez de uma de humildade. Sei que você experimenta uma grande sensação de fracasso, mas eu veria isso da seguinte maneira: o fracasso esteve em não usufruir, de alguma forma, da graça de Deus. Seja o que for que tenha acontecido, você deve ter perdido a mão de Deus, quando buscou por ela. Mas o que é importante lembrar é que essa mão ainda está lá, esperando que você a ela se agarre! Uma das grandes verdades do consolo em nossa fé é que a graça de Deus é um infinito regato, uma fonte eterna e inesgotável de força para nós. Portanto, mesmo que você tenha perdido a oportunidade de se agarrar à graça, em sua dificuldade, há ainda mais do que o suficiente esperando por você. Apenas, atire-se em direção à misericórdia de Deus e comece a andar novamente.

Não estou minimizando o quão difícil tudo isso vai ser, Bill. Bem fundo em meu coração sinto que Deus vai usar essa experiência também para torná-lo muito mais compreensivo do que você tem sido, mais gentil e útil aos outros. E, muito embora você tenha de pagar esse preço sozinho, todos nós vamos colher e ganhar com seu sacrifício. Talvez Deus tenha deixado você suportar essa cruz para que eu – ou alguém mais – não tenha de suportá-la. Talvez ele a tenha dado a você porque sabia que você teria muito menos probabilidade de sucumbir ao peso dela do que o restante de nós. Minhas preces por você são ainda mais fervorosas, porque compreendo que essa é uma provação que Deus pode ter dado a você, em vez de a mim. Os caminhos dele são misteriosos e tudo que podemos fazer é nos abandonarmos em suas mãos.

Impresso na Gráfica de Edições Paulinas – 1984
Via Raposo Tavares, Km 19 – 05531 – SÃO PAULO

O autor desta obra só descobriu que era alcoólatra depois que foi declarado morto, num hospital, devido a uma convulsão alcoólica.

A partir de então, filiou-se à Alcoólicos Anônimos e encontrou a razão da vida e a verdade a respeito de si mesmo. Na sua convivência com todos os tipos de pessoas, nas palestras que proferiu e ouviu, na ajuda que deu e recebeu de outros alcoólatras, começou a compreender a verdade central do alcoolismo: o álcool está nas garrafas, mas o alcoolismo está nas pessoas. E soube que tinha um mundo para conquistar, o mais importante de todos os mundos: a conquista de si mesmo.

ep
edições paulinas